



## ELEIÇÕES



*Dia 9, a abertura da  
assembléia. E no  
dia 10, votação em  
todas as unidades*



Ruben Ilgenfritz da Silva foi empossado na  
secretaria geral do Ministério  
da Agricultura (foto) dia 19 de março.  
**Ruben em Brasília**  
Páginas 8 e 9

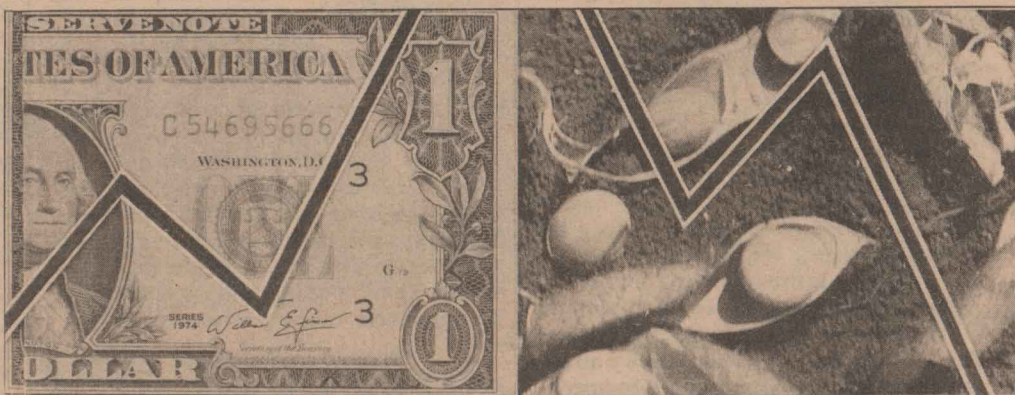
## Meotti é o candidato à presidência

Páginas 10 a 13

### INVERNO

*Custeio para  
a lavoura  
fica acima do  
esperado.  
Mas o preço  
mínimo  
para o trigo  
não é nada  
estimulante*

Páginas 4 e 5



### DÓLAR x SOJA

*A moeda americana fica forte e provoca queda  
dos preços da soja no mercado internacional*

Páginas 6 e 7

### LEITE

*A entrega de  
leite de  
porta em porta,  
em Portela,  
tem nova opção  
com o posto  
de resfriamento  
instalado  
pela Cotrijuí*

Página 14



**COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513  
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS  
Fone: PABX - (055) 332-2400  
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO**

Diretoria Executiva  
Presidente:  
Ruben Ilgenfritz da Silva  
Vice-presidente:  
Arnaldo Oscar Drews  
Superintendente:  
Clóvis Adriano Farina

**Diretores Contratados:**

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros, Vilmar Hendges, Lurdes Froemming, Lotário Beckert, Tânio Bandeira, Abu Souto Bicca e Rui Raguzzoni.

**Conselheiros (Efetivos)**

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinhold Luiz Kommers.

**Conselheiros (Suplentes)**

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

**Conselho Fiscal (Efetivos)**

Leonides Dallabrida, Aquilino Bavarese, João Alberto Blanco.

**Conselho Fiscal (Suplentes)**

Paulino Angelo Rosa, Delarmando Portolan, Luiz Neri Beschorner.

**Capacidade em Armazenagem:**

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jôia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradinha	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

**REDAÇÃO**

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Moisés Mendes  
Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**Ao leitor**

As eleições que irão acontecer em abril, na Cotrijuí, para escolha de seus novos dirigentes, já conquistaram, por antecipação, a condição de fato histórico da vida da cooperativa. Desta vez, todos os associados estarão exercendo o direito do voto secreto, que agora faz parte oficialmente do estatuto social. Também desta vez o produtor irá tornar prática uma decisão muito debatida, e que se refere às reformas administrativas, que darão maior autonomia às regionais. Mais ainda: nestas eleições, toda a direção executiva da Cotrijuí (presidente, vice e superintendente) será renovada. A participação do associado, votando dia 10 de abril, será a culminância de todo um processo que envolveu muito debate e fortaleceu a figura do representante e, em consequência, a Estrutura do Poder. Foi assim que a renovação de lideranças na Cooperativa deixou de ser uma aspiração, para de fato se concretizar da forma mais democrática, através da troca de idéias, do questionamento e do voto. Páginas 10, 11, 12 e 13.

Nunca como acontece atualmente o dólar teve tanta influência no comportamento do mercado da soja. A moeda norte-americana ficou superfortalecida, a partir de fevereiro, provocando o enfraquecimento do poder de compra dos europeus, que importam os maiores volumes de farelo brasileiro. As moedas européias, com cotação lá embaixo, tiram o sono dos produtores, pois países como a Alemanha, a França e outros ficam quase que proibidos de importar soja nas mesmas quantidades de anos atrás. A situação ficou tão danada, com o mercado retraído, que em março o preço do dia da soja, ao produtor, chegou a estar abaixo do preço mínimo oficial. E o pior é que não há nenhuma previsão indicando uma possível recuperação das cotações da soja. Páginas 6 e 7.

Ruben Ilgenfritz da Silva é o novo secretário geral do Ministério da Agricultura. Poucas escolhas, quando da formação do governo Tancredo Neves,

criaram tanta expectativa quanto esta. Afinal, pela primeira vez nas duas últimas décadas alguém ligado realmente à produção assume um cargo que equivale ao posto de vice-ministro. O entusiasmo dos associados da Cotrijuí e todos os agricultores é justificado. Sem euforias, chegou a hora de se apostar em soluções para um setor que há muito vem vivendo de remendos, como o próprio Ruben admite. É claro que as soluções não acontecerão a curto prazo. Mas o que importa é que se abre agora - com Pedro Simon no Ministério da Agricultura, e o ex-presidente da Cotrijuí na secretaria geral - um espaço que os produtores irão ocupar não só para reivindicar, mas para também participar da definição de uma nova política agrícola. Páginas 8 e 9.

O produtor vai contar com mais recursos oficiais para formar as lavouras de trigo neste inverno. O VBC fixado para o trigo, na faixa de 1.000 a 1.200 quilos por hectare, ficou em Cr\$ 913.000. O pequeno produtor, que se enquadrar nesta faixa e com direito a 80 por cento do total do custeio, vai contar com recursos oficiais no valor de Cr\$ 730.400. O grande produtor, com renda acima de 2.000 MVRs (Maior Valor de Referência), vai receber 60 por cento do total do custeio, ou seja, Cr\$ 547.800. Essa verba, a exemplo do que vem ocorrendo todos os anos, será distribuída em três parcelas: 65 por cento do total por ocasião do plantio, 25 por cento em maio e 10 por cento em julho. Mas se o VBC para o trigo correspondeu à expectativa, o mesmo não aconteceu com o preço mínimo estabelecido em Cr\$ 66.000 o saco, e mais correção mensal. A Fecotrijo, que vinha reivindicando um preço base de Cr\$ 80.814, está prometendo continuar brigando junto as autoridades do setor agrícola da Nova República, para que o preço mínimo seja ajustado de acordo com os custos de produção da lavoura. Os novos VBCs, o preço mínimo para o trigo, as perspectivas de mercado e de área para a região estão nas páginas 4 e 5.

**Novos rumos para a agroindústria**

Paulo Roberto da Silva

A Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos - FDHR, órgão vinculado à Secretaria de Administração do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, realizou de julho a dezembro de 1984, em Porto Alegre-RS, o XII Curso de Especialização em Administração Agroindustrial - CEAI, a nível de pós-graduação. Em 12 cursos foram especializados aproximadamente 250 técnicos oriundos de vários Estados do Brasil e de outros países da América Latina.

O XII CEAI apresentou o seguinte conteúdo curricular: Planejamento Governamental; Política e Programação Agrícola; Agroindústria e Desenvolvimento com sub-sistemas: Finanças, Produção, Recursos Humanos, Marketing e Administração Geral; Planejamento Empresarial; Diagnóstico Agro-Industrial; Elaboração e Análise de Projetos Agroindustriais e Atividades práticas junto a uma empresa privada, no caso presente a Florestal-Guaíba Ltda., do grupo da RIOCELL - Celulose e Papel, localizada em Guaíba-RS.

O curso instrumentalizou os participantes a operacionalização de Programas e Projetos e a utilização de Tecnologias Administrativas, visando a análise e ao desenvolvimento do sistema Agro-Industrial como um todo, e de forma especial as organizações Agroindustriais constituintes do Sistema. Oportunizou também uma vi-

são do sistema econômico Brasileiro e da interrelação entre o Planejamento Governamental, para o desenvolvimento Econômico-Social, e os objetivos de crescimento das organizações empresariais do Sistema Agroindustrial.

De forma extremamente resumida podem ser destacados os seguintes aspectos. Via de regra, do produto Agroindustrial final colocado no mercado, somente 10 por cento são oriundos do produtor propriamente dito. Daí a necessidade imperiosa da Agroindústria, como um todo, pertencer de forma direta ao produtor ou à sua cooperativa.

A exemplo de outros segmentos da nossa economia, devido a fatores já amplamente conhecidos, o setor Agroindustrial também se encontra em crise. As empresas do setor (evidentemente com exceção das grandes multinacionais) objetivam tão somente sobreviver, não investem industrial ou educacionalmente, optam por investir no mercado financeiro (dólar, open, etc) correndo o sério perigo da obsolescência, humana e tecnológica.

Quando da retomada do crescimento, estas empresas estarão desprovidas de recursos para concorrer com as grandes multinacionais do setor, com consequências funestas para economia brasileira. De-

vido a atual situação é preciso que se discuta com urgência as linhas que norteiam a criação e o crescimento do setor Agroindustrial e sua inserção na Economia Global, sua interação no complexo Homem-Empresa-Meio Ambiente e, enfim seu verdadeiro papel de artífice no desenvolvimento da economia regional e do país.

Há que se propugnar e incentivar a criação de modelos racionais de gestão, com perfeita interação com outros segmentos da economia. Somente desta forma o setor poderá colaborar de forma decisiva para a constituição de uma sociedade que a grande maioria da nação Brasileira almeja, economicamente equitativa, ecologicamente sustentável e, sobretudo, socialmente justa.

Paulo Roberto da Silva é agrônomo e assessor da presidência da Cotrijuí. Ele representou a Cooperativa no XII Curso de Especialização em Administração Agroindustrial, alcançando o primeiro lugar.



**ASSINATURAS**

A assinatura do Cotrijornal tem o custo anual de Cr\$ 7.000. Este valor deve ser enviado em cheque nominal para a Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. - Cotrijuí - Rua das Chácaras, número 1513 (Caixa Postal 111), Ijuí - RS - CEP 98.700.



**COTRIEXPORT**

● Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure orientação junto a nossa Corretora de Seguros.  
EM IJUÍ - Rua das Chácaras, 1513 - fone 332-2400 - Ramal 364  
EM PORTO ALEGRE - Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar  
Fone 33-50-32





## Batalha vencida

As indústrias de agrotóxicos já perderam a primeira batalha, na guerra contra as leis estaduais que disciplinam a fabricação, a venda e o uso de venenos para a lavoura. O Supremo Tribunal Federal negou liminar aos mandados de segurança impetrados pelos fabricantes de oito Estados, que tentaram suspender a aplicação da legislação. A guerra vai continuar, pois a medida liminar — caso fosse concedida — apenas suspenderia a vigência das leis, que já o processo precisa agora ter o mérito das questões analisadas pelo Tribunal. Mas essa primeira vitória dos autores das leis, dos ecologistas e, especialmente, dos produtores, conseguida dia 14 de março, já é um bom sinal. A decisão tomada pelo Supremo Tribunal Federal, em Brasília, apenas reforçou outro despacho, do dia 6 de março, do Tribunal de Justiça do Estado. Naquela data, o TJE julgou improcedente um recurso de duas indústrias de agrotóxicos, contra a legislação sobre os venenos, em vigor desde 1982 no Rio Grande do Sul. "Contra a vida e a saúde pública, não há direito líquido e certo", disse o desembargador Oscar Gomes Nunes, ao defender o respeito às leis. Isso quer dizer que, em poucos dias, os fabricantes de agrotóxicos perderam uma briga no Estado e em Brasília, e certamente — pelo que se prevê — perderão também as próximas batalhas. Além do Rio Grande do Sul, os Estados do Paraná, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Alagoas e Mato Grosso do Sul possuem legislação específica para controlar a fabricação, a venda e o uso dos venenos. É claro que esse controle fere os interesses dos grandes grupos do setor, que até bem pouco se sentiam à vontade para lançar no mercado produtos químicos proibidos em seus países de origem.

## Milho para colher com escada

Adalberto Teixeira Ourique, gerente da área de insumos da Cotrijuí, plantou meio quilo de sementes de milho, no ano passado, num terreno perto dos armazéns da sede, em Ijuí. Ele pretendia agora, em março, dobrar a cana, e conservar o milho na área, para aproveitar depois como semente. Só que dificilmente ele conseguirá dobrar as hastas, sem que as espigas fiquem de arrasto no chão. O milho cresceu tanto, que em alguns casos — como este da foto acima — a cana ficou com quatro metros de altura. Adalberto lembra que ganhou as sementes, todas de milho crioulo, e decidiu plantá-las na área atrás dos armazéns, onde funcionários da Cooperativa formaram uma horta. A explicação para o crescimento exagerado pode estar no fato de que o terreno fica numa baixada, onde há acúmulo de fertilizantes e matéria orgânica carregados pelas chuvas. A terra não foi adubada, mas teve uma



Ourique e seu milho gigante

cobertura de uréia. Ali, a seca que frustrou boa parte da lavoura de milho este ano, não foi notada. Além de altos, os pés de milho gigante carregaram bem.

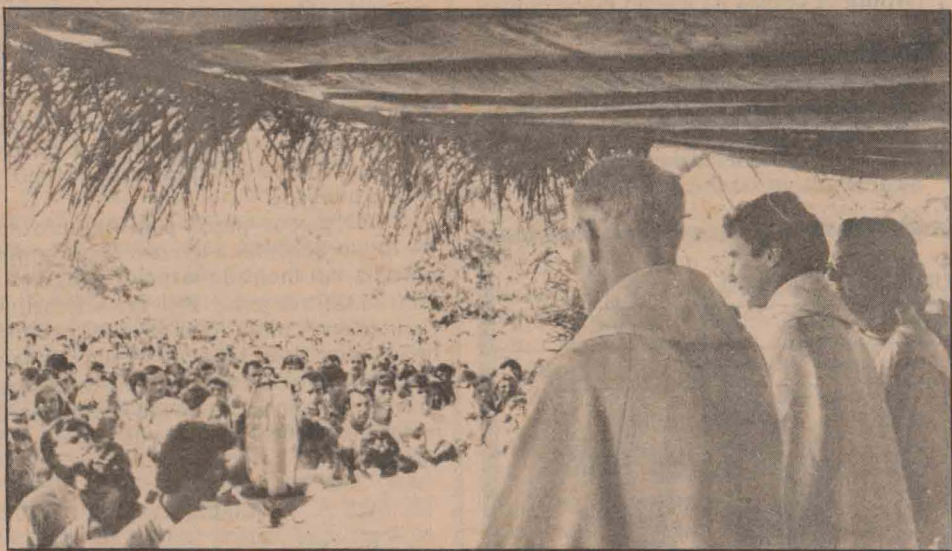
## O barbeiro, outra vez

A Sucam — Superintendência de Campanhas de Saúde Pública, continua insistindo: o BHC ou o Malathion devem ser usados no combate ao barbeiro. Essa conversa já é antiga, pois vem desde a metade do ano passado, mas sempre se renova. Agora, no dia 7 de março, o assunto voltou a ser debatido em Ijuí, quando representantes da Sucam e a Cismi (Comissão Interinstitucional de Saúde) não chegaram a uma corda. O barbeiro, que transmite a Doença de Chagas, existe no município, e há amostras de insetos contaminados, que podem contagiar moradores da cidade e do interior, através de picadas. Só que — como aconteceu no ano passado — agrônomos, médicos, sindicalistas e gente ligada a outros setores discordam do uso de veneno para o combate ao barbeiro. Antonio Alves Pereira da Silva, diretor da Sucam no Estado, continua com seu ponto de vista de que não há outra solução. "A população do interior já está com o organismo contaminado pelos venenos, e seria bom que se evitasse o uso de mais um produto tóxico", lembra Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, que integra a Cismi. Ele observa que a Sucam pretende usar o Malathion de forma indiscriminada, em todas as residências, quando se sabe que em apenas 14 por cento das casas amostradas existiam barbeiros. A insistência do órgão chega a causar estranheza, mesmo que o aumento usado seja o de que a saúde pública está em primeiro lugar. O que o pessoal da Cismi questiona é se o bem que resultará do combate ao barbeiro não será menor que o mal que o veneno pode causar. No ano passado, a Sucam andou querendo aplicar o BHC, mas houve reação dos produtores, e a campanha foi adiada. Agora, o produto sugerido é o Malathion, que teria a vantagem de não oferecer perigos quanto aos efeitos residuais, notados no caso do BHC. Por enquanto, a campanha de combate ao barbeiro não sai.

## Mário Osório quer ficar

Além de Ruben Ilgenfritz da Silva, e do engenheiro Fernando Craidy (veja página 8), outro ijuicense teve seu nome cogitado para fazer parte do novo governo. O sociólogo Mário Osório Marques andou figurando, por um bom tempo, nas páginas dos jornais, como provável ocupante da Secretaria Nacional do Cooperativismo. Ele seria o primeiro a chefiar esta nova secretaria, criada no final do último governo, para assumir atribuições, na área do cooperativismo, até agora entregues ao INCRA. Mário Osório — que conhece o setor como poucos — chegou a conversar sobre o assunto, com o gabinete do ministro Pedro Simon, mas não se mostrou muito entusiasmado com a idéia. "O que quero mesmo é continuar em Ijuí", disse ele, no

dia 20 de março, quando o nome para a Senacop não havia ainda sido escolhido. É provável que a Secretaria fique com o deputado estadual Carlos Giacomazzi, do PMDB gaúcho, que já presidiu a Assembleia Legislativa. A verdade é que este e outros cargos dos segundo e terceiro escalões estão sendo disputados por gente ligada ao PMDB e ao Partido da Frente Liberal, e até pelos nada cotados mas persistentes tecnocratas que hoje tentam desmentir vínculos com o antigo governo. No final, deve prevalecer a escolha de um nome vinculado à oposição. Mário Osório Marques pode ficar fora deste páreo, mas talvez venha a ser convidado para uma assessoria ao gabinete de Ruben Ilgenfritz da Silva.



João Alberto rezou sua primeira missa para mais de duas mil pessoas

## O padre de São Valentim

São Valentim, em Ijuí, teve a maior festa que a comunidade já viu, no dia 24 de fevereiro. Mais de duas mil pessoas, vindas de toda parte, e inclusive de outros municípios, foram assistir, ao lado do pavilhão da capela da localidade, a primeira missa celebrada pelo padre João Alberto Bagolin. Depois da celebração ao ar livre, teve churrasco, quando foram consumidos 900 quilos de carne, 86 engradados de cerveja e 400 litros de chope. João Alberto, de 28 anos, nasceu em Tenente Portela, mas dos 14 aos 23

anos morou em São Valentim, e é considerado filho da localidade, onde morou com os tios Giomedes e Maria Donatto Bagolin, sempre lidando na lavoura. Ele é filho de um ex-agricultor, Patrício Bagolin, que reside hoje em Curitiba, e de Teresa Coradini Bagolin, já falecida. Formou-se pelo seminário de Viamão, e foi ordenado padre em Pejuçara, no dia 23 de fevereiro. A primeira missa, em São Valentim, foi uma homenagem à comunidade. João Alberto já está atuando na paróquia de Cruz Alta.

## COTRIJUI

### Mantendo a liderança

A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) está distribuindo mais uma edição dos seus cadernos com informações sobre as empresas do setor, denominado "Destaque Cooperativo 1983". Os dados são referentes a 83, e foram utilizados para classificar os 10 destaques brasileiros em cooperativismo de produção, consumo, eletrificação e telefonia, trabalho, habilitação e crédito. A Cotrijuí lidera todas as listas, como cooperativa singular, na área de produção, ocupando o primeiro lugar nos cinco itens pesquisados pela OCB.

A Cotrijuí está em primeiro lugar no país em número de associados, em faturamento, em recolhimento de tributos e encargos, em capital integralizado e em fundo e reservas. A Cooperativa perde apenas, no levantamento geral, para outras cooperativas centrais, como a Cotia, de São Paulo, que lidera em faturamento e capital integralizado, e para a Agropecuária do Paraná, que mais recolhe impostos. Mas entre as singulares, a Cotrijuí ocupa sempre o primeiro lugar na lista, a exemplo do que consta de outro levantamento da OCB sobre exportações (veja Cotrijuí de janeiro/fevereiro).

A Cotrijuí, na área de produção, lidera as listas com seus 21.817 associados; um faturamento de 163 bilhões e 573 mil cruzeiros em 1983; o recolhimento de 13 bilhões e 49 milhões em tributos e encargos; capital integralizado de 8 bilhões e 877 milhões; e fundos e reservas de 107 bilhões e 470 milhões de cruzeiros. O faturamento da Cotrijuí em 1983 representou 10,93 por cento do total faturado pelas cooperativas de produção no Estado, e 3,17 por cento no país.

Outra cooperativa de Ijuí, a Ceriluz, também figura na relação, entre as empresas da área de eletrificação e telefonia. A Ceriluz está em oitavo lugar em número de associados (5.483 produtores), também em oitavo em faturamento (883 milhões e 261 mil cruzeiros, em 1983), em sétimo lugar em recolhimento de tributos (98 milhões), em quinto em capital integralizado (551 milhões), e em quarto em potencial elétrico, com 29.315 Kva. O levantamento, com os 10 destaques em cada área, mostra que as maiores cooperativas de eletrificação rural estão no Rio Grande do Sul.



# Mais recursos para a lavoura

Mas o preço mínimo do trigo não está ajudando

O que plantar neste inverno? Essa é uma questão que já deve andar rondando a cabeça de muitos produtores, cheios de tantas dúvidas sobre o que plantar no inverno, sem ficar sujeitos a tantos riscos. As opções ficam por conta do trigo, da linhaça, da colza, da aveia, do alho e das forrageiras, estas, responsáveis pela cobertura de boa parte dos solos que vinham ficando descobertos durante o inverno, nos últimos anos. As forrageiras chegaram a ocupar em 84, só na região Pioneira, 21.719 hectares, sendo que 990 hectares foram cultivados com aveia preta, 947 hectares com azevém, 23 com trevos, 36 com centeio, 135 hectares com ervilhaca e 30 com alfafa, todos para a produção de sementes. O restante da área cultivada, 10.090 hectares com a aveia e 10.337 hectares com azevém, foram destinados para pastagens.

O trigo continua ocupando a maior área de cultivo, mas neste inverno acredita-se que a área deverá permanecer estável. Nem mesmo os Valores Básicos de Custeio, fixados pelo Governo no final do mês de fevereiro e considerado satisfatório pelos produtores e bom pela Fecotrijo, deverão servir de incentivo para que a área de trigo cresça e passe dos 70.180 hectares plantados em 84. Além de ser uma cultura de alto risco, o trigo vem amargando algumas frustrações e preços mínimos desestimulantes. O custeio para o trigo ficou em Cr\$ 913.000 para a faixa de 1.000 a 1.200 quilos de produtividade por hectare, enquanto a Fecotrijo vinha reivindicando Cr\$ 908.000 e a Cotrijuí pedia Cr\$ 873.609 para a formação de um hectare. O reajuste do VBC fixado para esta safra de trigo, em relação a safra anterior, considerando a mesma faixa de produtividade, foi de 371,1 por cento.

O custeio para a aveia foi fixado em Cr\$ 570.000 para a faixa de 1.001 a 1.400 quilos de produtividade por hectare, com um reajuste de 357,5 por cento em relação ao VBC fixado no ano passado. A Cotrijuí, considerando os cálculos de custos elaborado pelo seu Departamento de Custo, vinha sugerindo um preço de Cr\$ 759.305 para a mesma faixa de produtividade. Esse Custeio serviria apenas para cobrir os gastos de formação da lavoura, considerados efetivos, como semente, combustível, lubrificante, fertilizante, reparos, peças, entre outros.

O VBC para a cevada teve um reajuste de 391,7 por cento; do centeio de 357,8 por cento e da aveia de 354,6 por cento, comparados aos que foram fixados na safra anterior. Os limites de adiantamento dos financiamentos de trigo serão de 80 por cento do VBC para os pequenos produtores e 60 por cento para os grandes produtores. Na aveia, cevada e centeio, os limites serão de 60 e 40 por cento do VBC para os pequeno e grandes produtores, respectivamente.

## PREÇO RUIM

Se os VBCs foram considerados satisfatórios e até acima do esperado, principalmente para a cultura do trigo, o mesmo não ocorreu com o preço mínimo, classificado pela Fecotrijo de "bastante desestimulante". O novo preço mínimo para o trigo, fixado em Cr\$ 66.000 o saco de 60 quilos — a Fecotrijo vinha reivindicando um preço de Cr\$ 80.814 —, a exemplo do que ocorreu no ano passado, deverá ser corrigido de

acordo com a desvalorização cambial apurada no final de cada mês, até fevereiro de 1986. Em janeiro e fevereiro serão feitos acréscimos sobre os preços, de 2 a 3 por cento, respectivamente e acima da variação da correção cambial.

O novo preço mínimo para o trigo sofreu um reajuste de 267 por cento sobre o preço anterior. Esse preço, segundo a Fecotrijo, cobre apenas os custos, deixando uma margem de lucro muito pequena. Ela acredita que com esses preços os produtores não se sentirão estimulados e nem farão questão de aumentar suas áreas de plantio.

Considerando a cotação do dólar que serve para a correção mensal dos preços, o preço mínimo deverá alcançar em novembro, época de maior pique de comercialização, um valor ao redor de Cr\$ 134.030. A sugestão de preço mínimo para o trigo, feito pela Cotrijuí, para novembro, era de Cr\$ 166.008.

## TRIGO

O ano de 1984 não foi dos melhores para a cultura do trigo. As fortes geadas que ocorreram no mês de agosto e mais o ataque de doenças fúngicas como a ferrugem, a helmintosporiose e o oídio, foram responsáveis pela quebra de 50 por cento registrada no final da colheita. A produtividade média final ficou em 566 quilos por hectare. A variedade Maringá que na safra de 83 tinha apresentado os melhores resultados, chegando a ocupar na safra anterior 65 por cento do total das lavouras de trigo da região, foi a mais castigada pelas geadas e doenças, elevando ainda mais os prejuízos dos produtores. As variedades Minuano-82, BR-4, BR-5 e CNT-8, foram as que apresentaram os melhores resultados a nível de lavoura. Algumas cultivares, como a CNT-10, a CNT-9 e a Jacuí foram eliminadas e não estão mais sendo recomendadas para a região por estarem apresentando baixos rendimentos e se mostrando suscetíveis ao ataque das doenças fúngicas e do solo.

A área de trigo caiu de 81.500 hectares plantados no inverno de 83, na Região Pioneira, para 70.180 hectares. Pelas



A área de trigo na região não deverá ultrapassar os 70 mil ha.

previsões do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí e até pela própria disponibilidade de sementes, a área de trigo na região não deverá ultrapassar os 70.000 hectares. Se ocorrer alguma redução na área deverá ser inexpressiva e até em função da falta de sementes. Uma lavoura nesta extensão, estaria mais ou menos perto dos limites equivalentes a um terço da área total cultivada na região — 400 mil hectares — e que vem sendo preconizada como ideal para os produtores. É uma lavoura sem grandes riscos, deixando margem para que o produtor ocupe o restante de sua propriedade com outras culturas de inverno, como a colza, a cevada, a aveia, tremoço.

Mais uma vez se ressalta a necessidade — e isso o produtor já tem plena consciência — de uma rotação de culturas, que além de minimizar as perdas na lavoura, evita a propagação das doenças de solo e é antes de tudo, uma prática a ser seguida. Como o trigo é uma cultura bastante exigente, principalmente em Nitrogênio, a recomendação técnica aconselha aos produtores uma adubação correta, pois qualquer planta bem nutrida, é mais resistente ao ataque de doenças e às adversidades climáticas. A adubação correta sempre vai depender das necessidades do solo, a ser diagnosticada através de análises.

O custo de produção de um hectare, segundo cálculos levantados pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí (Ver edificação do mês de dezembro de 84), deverá ficar ao redor de Cr\$ 2.599.000.

## CEVADA

Com uma área de 7.090 hectares, a lavoura de cevada na Região Pioneira foi a que apresentou a segunda maior quebra da safra, em torno de 40 por cento sobre os 1.109 quilos por hectare estimados no início do plantio. O rendimento final ficou em 650 quilos por hectare. A falta de uma adubação adequada deixou a cultura desabrigada ao ataque de víruses.

Afora as doenças, o clima também não tem contribuído para o bom desempenho da cultura. A ocorrência de geadas na época da floração, os ventos, as chuvas e o granizo no final do ciclo foram responsáveis pela quebra na produção. Como é uma planta de grandes riscos, possivelmente não ultrapasse aos 5.000 hectares na região nesta safra de inverno, em função até da falta de sementes.

É preciso considerar que a cevada é uma cultura de poucos compradores e que o preço sempre vai depender de acordo entre as próprias maltarias, as únicas compradoras da produção. Elas trabalham com uma espécie de "preços mínimos", estabelecidos entre as próprias indústrias. O produtor recebeu, na safra passada, Cr\$ 805 pelo quilo da cevada classificada como Tipo 1 e Cr\$ 740 pela cevada Tipo 2.

## LINHAÇA

Os preços desestimulantes pagos aos produtores na safra passada deverão ser responsáveis por uma acentuada redução na área de plantio no próximo inverno. As estimativas indicam que a área deverá se situar ao redor dos 5.000 hectares contra os 7.130 plantados em 84. A disponibilidade de semente a ser distribuída entre os produtores será outro fator limitante do aumento da área na região. Foi a lavoura que apresentou os menores prejuízos na safra passada, alcançando um rendimento médio de 634 quilos por hectare. As chuvas atrapalharam a lavoura justamente na época da colheita, mas mesmo assim, os prejuízos não chegaram a comprometer o resultado final. O Departamento Agrotécnico da Cotrijuí está recomendando o plantio da TAPE — Paraná — INTA, uma variedade proveniente da Argentina, em mãos de alguns produtores e que tem se destacado por apresentar um ciclo vegetativo mais uniforme e de boa produtividade. A linhaça é uma cultura recomendada para rotação com o trigo, a aveia e a cevada.

Os preços pagos pelo produto em 84 foram péssimos e tiveram como consequência um mercado saturado de grãos e óleo da safra anterior. Para garantir melhores preços aos produtores da região, a Cotrijuí buscou mercados na Holanda, para onde exportou cerca de 2.500 toneladas. O custo de produção de um hectare de linhaça deverá ficar ao redor de Cr\$ 2.125.764.

## COLZA

Em 1984 a colza chegou a ocupar 2.840 hectares de lavoura na Região Pioneira, mas sua área de maior expressão aconteceu em 1981, quando foi cultivada em 5.500 hectares. As razões de tanto desestímulo vão desde a falta de garantia de preços, Valores Básicos de Custeio até problemas de comercialização. A cultura jamais recebeu o incentivo prometido pelo governo por ocasião da sua introdução no Estado, por volta de 81. Todos estes problemas têm levado os produtores da região a utilizar a colza como uma cultura de duplo propósito — produção de grãos e adubação verde. Só no ano passado, por exemplo, foram incorporados ao

## O VBC DAS CULTURAS DE INVERNO

Produtos/Faixas de	Safras		Cr\$/ha
	1984	1985	
<b>Trigo</b>			
Até 600	105.200	522.000	396,2
De 601 a 800	139.800	672.000	380,7
De 801 a 1.000	166.800	811.000	386,2
De 1.001 a 1.200	193.800	913.000	371,1
De 1.201 a 1.400	339.500	1.130.000	371,8
Acima de 1.400	274.200	1.205.000	339,5
<b>Aveia</b>			
Até 1.000	88.300	387.000	338,2
De 1.001 a 1.400	124.600	570.000	357,5
De 1.401 a 1.800	158.500	733.000	362,4
Acima de 1.800	187.300	862.000	360,2
<b>Centeio</b>			
Até 1.200	109.600	497.000	353,4
De 1.201 a 1.600	129.800	618.000	376,1
Acima de 1.600	160.800	714.000	344
<b>Cevada</b>			
Até 1.200	125.900	644.000	411,5
De 1.201 a 1.600	159.400	780.000	389,3
De 1.601 a 2.000	227.900	1.076.000	372,1
Acima de 2.000	245.700	1.214.000	394,1





A lentilha vem merecendo atenção

solo 2.075 hectares, representando uma quebra de 64 por cento na área prevista para a produção de grãos. A Cotrijuí continua acreditando na viabilidade da colza para a produção de grãos, e isso pode ser comprovado pelos trabalhos de melhoramentos da cultura que vêm sendo realizados no CTC, buscando a criação ou introdução de variedades mais resistentes às condições climáticas da região. Entre os materiais trabalhados encontram-se a Gulliver, a Gulliver-SL-17, a Gulliver-SL-16 provenientes da Suécia — e ainda a CTC 614.

Recém agora o mercado da colza começa a se firmar e isso graças a grande procura pelo produto industrializado. A Cotrijuí, já no segundo ano consecutivo, vem industrializando toda a produção recebida de seus produtores e colocando o óleo no mercado interno, fato esse que não ocorria até uns dois anos atrás.

O produtor recebeu — preço do dia — Cr\$ 40.000 pelo saco de colza na safra passada. Para a formação de um hectare, o produtor irá necessitar de Cr\$ . . . . . 2.596.993. O rendimento médio obtido na safra 84 ficou em 598 quilos por hectare, com uma quebra de 40 por cento sobre a estimativa inicial. Pela estimativa do Departamento Técnico a área para esta safra não deverá ultrapassar os 3.000 hectares na região, não só em função do desestímulo do produtor, mas levada até pela disponibilidade de sementes, já que quase toda a colza foi usada como cobertura do solo.

**ALHO**

O alho ocupou em 1984 pouco mais do que 100 hectares na Região Pioneira, atingindo uma produtividade de 1.754 quilos por hectare. A capacidade produtiva da lavoura ficou um tanto comprometida pelo alto custo do dinheiro. Na intenção de reduzir os custos da lavoura, os produtores usaram menores quantidades de insumos, afetando o rendimento final da lavoura. A maior parte das lavouras da região estão sendo formadas com recursos próprios e os produtores guardando sua semente em casa. A nível de mercado nem tudo correu bem para os produtores de alho. O mercado ficou ruim a partir da importação do alho espanhol no mês de novembro, bem na época da entrada da produção nacional. Em razão dessa situação os preços não foram os esperados.

O preço pago ao produtor variou



A colza poderá ocupar 3.000 ha.

entre Cr\$ 800 a Cr\$ 3.200 pelo quilo de alho, dependendo da classificação. As variedades Portela e Roxo continuam sendo as mais procuradas por apresentarem os melhores resultados não apenas a nível de lavouras mas também de cotação no mercado. Uma melhoria nos preços vai depender de uma estruturação no mercado interno e de uma diminuição e racionalização das importações. Mesmo que a disponibilidade de sementes não seja tão grande, é possível que a área cresça em 10 por cento.

**CEBOLA**

Cultura de tradição na região, a sua área chegou a atingir em 84, 180 hectares. Ela vem sendo produzida muito mais para o consumo familiar do que para a comercialização. Embora o preço da semente tenha tido um acréscimo violento, passando de Cr\$ 50.000 o quilo na safra 84 para Cr\$ 180.000 em 85, aumentando de forma significativa o custo da lavoura, acredita-se que a área cresça em 20 por cento. O produtor recebeu em torno de Cr\$ 500 pelo quilo do produto. O mercado para a cebola continua firme dado ao fato de que a produção não cobre o consumo da região. O que for produzido, desde que apresente qualidade, terá colocação.

**LENTILHA**

É uma cultura que volta a merecer a atenção e que deverá ocupar pequenas áreas, na região, semelhante ao que ocorre com o alho. O incentivo a cultura, que não conta com VBC e nem garantia de preços mínimos começou há uns três anos, quando a Cotrijuí em conjunto com a Universidade Federal de Santa Maria deu início a um trabalho de multiplicação de variedades novas. A cultivar plantada nesta safra foi a Comum, obtida junto a produtores de Jóia — onde sempre foi plantada — e que apresentou um rendimento médio de 1.000 quilos por hectare. Para a próxima lavoura a Cotrijuí estará distribuindo sementes da cultivar Precoz híbrida, de melhor padrão. A Cooperativa tem recebido e colocado toda a produção entregue. A produção ainda é muito pequena e não cobre as necessidades da região. O preço pago pelo produto na última safra girou em torno de Cr\$ . . . 2.500 o quilo e uma melhoria vai depender da qualidade do produto, já que na disputa de mercado, concorre com produtos importados do Chile.

# Forrageiras: Mercado é seguro



Toda a produção de grãos da região será feita com aveias básicas

As forrageiras ocuparam no inverno anterior 21.719 hectares de lavoura na área de ação da Cotrijuí, Região Pioneira. Tem se observado na região, que de um modo geral, as forrageiras estão sendo plantadas com vários propósitos, que vão desde a produção de grãos, pastoreio, cobertura do solo até o emprego como adubação verde.

A aveia para a produção de grãos ocupou na região 5.430 hectares, sendo que 1.250 hectares foram destinados a produção de sementes, utilizando para tanto alguns materiais novos que a Cotrijuí trabalhou no Centro de Treinamento e que já vem distribuindo entre o quadro social, como a CTC-207, a UPF-3, e a UPF-4. O restante da lavoura foi reservado para a produção de grãos e cultivados com variedades mais tradicionais, como a Estanzuela 1095 A, a Coronado e a Suregrain. Já neste inverno, toda a lavoura comercial da região, isto é, destinada a produção de grãos, deverá ser feita apenas com estes novos materiais.

A nível de lavoura observou-se uma diferença bem acentuada entre o comportamento das cultivares básicas — CTC-207, UPF-3 e UPF-4 — e as tradicionais cultivadas na região. As lavouras básicas, principalmente a formada com a UPF-3 sofreram o ataque da ferrugem. As lavouras com as cultivares UPF-4 e CTC-207, não apresentaram problemas durante o desenvolvimento, a não ser um pequeno acamamento no final do ciclo em função do porte elevado das plantas. O rendimento médio final fechou em 1.127 quilos por hectare.

A aveia é excelente para ser plantada como cultura antecessora da soja, por suas características de planta melhoradora do solo, deixando espalhada sobre a superfície grande quantidade de palha.

A veia preta chegou a ocupar perto de 10.000 hectares na região na safra passada, sendo que 990 hectares foram cultivados para a produção de sementes. A Cotrijuí comercializou no ano passado, com terceiros, 400 toneladas de semente de aveia preta. De um modo geral o preço da semente fiscalizada não acompanha a correção normal e por isso a remuneração do produtor tem ficado abaixo do esperado. Toda a produção de sementes da região, quer seja de aveia preta ou básica, deverá, neste ano ser colocado no mercado gaúcho, contrariando o que ocorreu na safra passada quando Paraná e Santa Catarina absorveram quase toda a produção. Acontece que o mercado para a veia é um tanto instável e quem compra o produto num ano, não compra no segundo, pois procura reter a semente. Sempre há a necessidade de se buscar novos mercados.

**AZEVÉM**

Dos 10.337 hectares cultivados com azevém na região, em torno de 1.000 foram destinados a produção de sementes. O rendimento final ficou em torno de 400 quilos por hectare. É uma das grandes alternativas de inverno, podendo tanto ser utilizado para o pastoreio dos animais, como para a produção de grãos e cobertura de solo para áreas de plantio direto com a soja. Por essa razão, acredita-se até que a sua área de plantio cresça em 20 por cento nesta safra.

Na última safra cerca de 90 por cento da semente produzida na região foi comercializada dentro do Estado. A expectativa para esta safra é que toda a produção, que poderá chegar a 140 toneladas, seja comercializada para fora, com estados como o Paraná, por exemplo.

**ERVILHACA**

A ervilhaca ocupou perto de 200 hectares na Região Pioneira e seu plantio vem sendo incrementado em função de sua qualidades como planta recuperadora de solo. O rendimento médio final anda por volta de 600 quilos por hectare e a intenção de plantio deverá girar ao redor de 300 hectares. A Cotrijuí estará distribuindo um novo material, de ciclo precoce, sem problemas de acamamento e com bom potencial de produção.

Toda a produção entregue na Cooperativa na safra passada foi consumida tanto pelos associados — bastante interessados na aquisição de sementes — como por consumidores de Caxias do Sul ou Bento Gonçalves, onde a semente da ervilhaca é disputadíssima por ser amplamente utilizada na recuperação dos solos dos parreirais. Como a produção da região é bastante pequena, em torno de 30 toneladas na safra passada, o mercado está se mostrando bastante promissor, com o produtor podendo receber uma remuneração bem melhor pelo produto.

**TREVOS**

O plantio de trevos na região — branco, Yuchi, subterrâneo — vem crescendo em função das características que apresentam: alta produção de forragem de qualidade, maior resistência ao manejo intensivo, e habilidade para competir com gramíneas perenes. Além destas características, é uma das leguminosas que transfere maior quantidade de Nitrogênio ao solo. A produção da região ainda é pequena, mas a procura tem sido grande. Na safra anterior o produtor de semente de trevos recebeu um preço de liquidação 30 por cento inferior ao preço da semente fiscalizada. É uma forma da Cotrijuí manter seus produtores de trevo incentivados. O trevo Yuchi tem sido o mais procurado, em função da qualidade da forragem e da maior resistência à secas.

## HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

Av. David José Martins, 1.376 — IJUÍ — RS — Fone 332-2690

ESTÁ ABERTO A TODA A COMUNIDADE

- internações em caráter: PARTICULAR, IPE, UNIMED, INPS e FUNRURAL
- Atendimento médico nas áreas de: CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA, PEDIATRIA, GINECOLOGIA e OBSTETRÍCIA, TRAUMATOLOGIA e ORTOPEDIA.
- Serviço de ENDOSCOPIA e ENDOFOTOGRAFIA DIGESTIVA
- PLANTÃO MÉDICO: Consultas nas 24 horas do dia, inclusive sábados, domingos e feriados.



# O dólar manda e desmanda

Fortalecimento da moeda americana tira o sono de quem compra e de quem vende soja

Quem diria que o produtor ainda iria se preocupar com o preço mínimo para a soja. Pois isto começa a acontecer este ano, quando o produto enfrenta um mercado no fundo do poço, em que os preços em oferta chegaram a ficar abaixo dos valores de garantia fixados pelo governo. A situação parece absurda, mas a verdade é que as perspectivas para a comercialização da safra deste ano não são nada boas. É tudo por causa do dólar, a moeda norte-americana, que atingiu neste início de ano um pique de supervalorização, enfraquecendo o dinheiro dos compradores europeus e complicando a vida do produtor brasileiro.

Quem acompanhou a evolução dos preços da soja, especialmente a partir de fevereiro, pode constatar que o mercado operou com valores abaixo do mínimo oficial. Agora, em março, por exemplo, o preço mínimo é de Cr\$ 41.460 para saca de 60 quilos, enquanto o preço do dia ao produtor ficou, até metade do mês em Cr\$ 38 mil. Em abril, quando o grosso da produção começar a entrar no mercado, será criado um impasse, porque ninguém poderá operar com preços abaixo do mínimo, e o governo ficará na obrigação de, pela primeira vez, comprar a safra (veja matéria na página seguinte).

## MERCADORIA

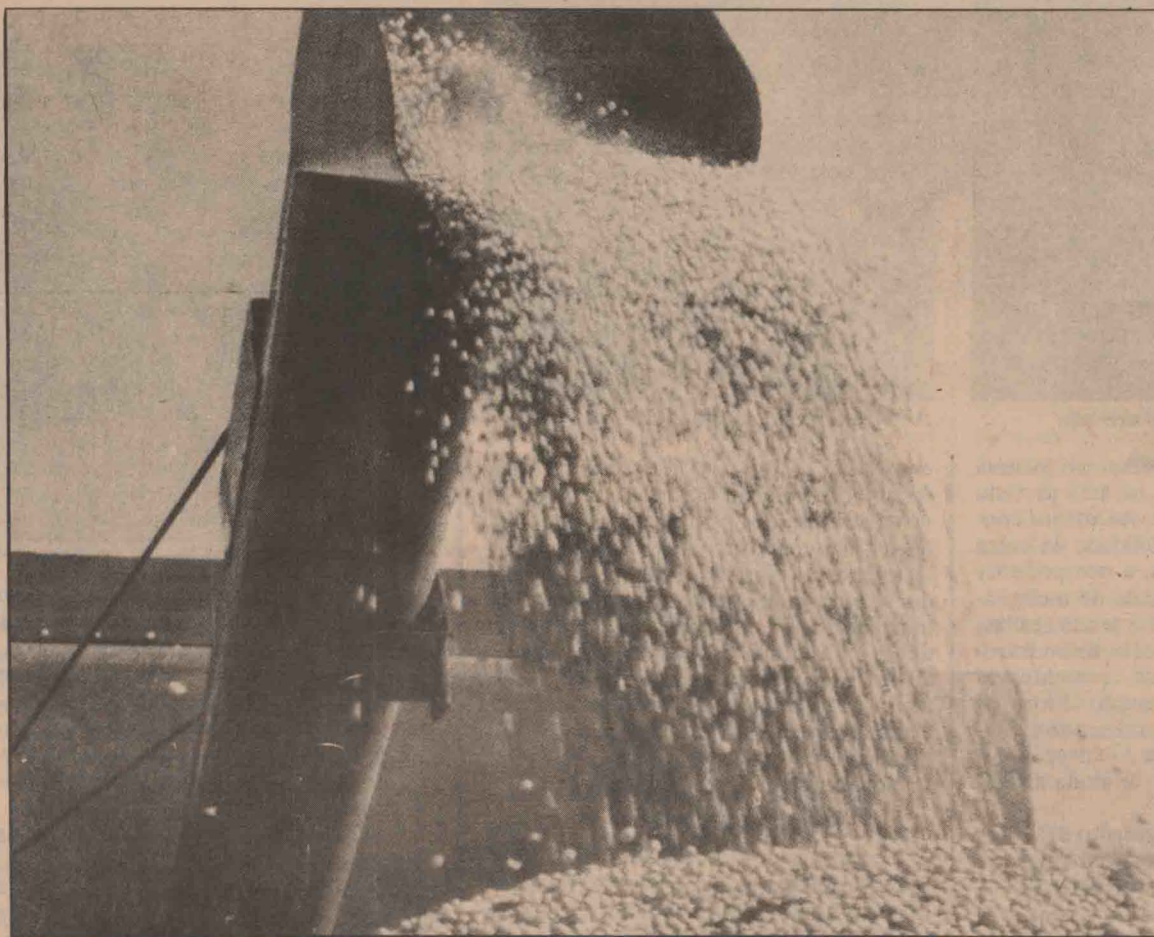
O dólar está no centro de toda esta situação, pesando como nunca contra os importadores europeus, que adquirem a grande fatia do farelo brasileiro, e também contra os exportadores. Com a moeda americana tão fortalecida, perde quem compra e perde quem vende. Isto porque é o dólar a moeda que regula a grande maioria das transações internacionais. Mesmo que o dinheiro dos americanos não esteja, em alguns casos, diretamente envolvido em algum negócio, é sua cotação que determina preços e margens de ganho para quem compra ou vende.

O dólar é, afinal, também uma mercadoria, e sua cotação fica igualmente condicionada aos movimentos provocados pela oferta e pela procura. Há hoje uma grande procura, e por isso a moeda fica supervalorizada. Um dos principais fatores apontados para esta supervalorização é o déficit público dos Estados Unidos. O governo vem gastando mais do que pode, e isso tem sérias consequências na sua economia. Há, então, uma tentativa, por parte dos Estados Unidos, de absorver ao máximo os dólares em circulação, como observa Dilson Trenepol, analista de mercado da Criaec (Central Regional de Informações Agropecuárias e Econômicas) da Fidene-Unijui, de Ijuí.

## MARCO

Outros fatores, na área financeira, contribuem para que o dólar seja fortalecido e, ao mesmo tempo, as moedas européias tenham seu valor reduzido. Essa situação, é claro, desagrada os governos europeus, pois países como a França, Alemanha, Inglaterra e outros, se ressentem com o enfraquecimento de seu poder de compra. O exemplo do marco, a moeda alemã, dá bem uma idéia deste quadro, que se reflete diretamente na cotação dos produtos brasileiros de exportação, como é o caso da soja.

Trenepol lembra que em 1973 os alemães precisavam de 2,23 marcos, para comprar um dólar. Em 1978, precisavam de 1,72 marco, e em 1984, de 2,61 marcos, considerando-se sempre a cotação de maio, que coincide com o pique da comercialização da soja. Agora, em março, para comprar um dólar os alemães tinham que dispor de 3,31 marcos (cotação do dia 19 de março). Entre maio de 1984 e março deste ano, o marco sofreu uma des-



Mercado reagiu no final de março. Mas como estarão os preços no pique da comercialização? Ninguém sabe

valorização de 30 por cento em relação ao dólar.

O interessante é que foi exatamente de 30 por cento a queda na cotação da soja a nível de Chicago, no mesmo período, segundo Roberto Macagnan, diretor da Criaec. Este dado é significativo, para que se dê uma idéia da importância da

relação entre as moedas norte-americana e européias para a soja e, enfim, todos os produtos que disputam o mercado internacional. Hoje, o peso desta relação é tão expressivo, que qualquer outro fator capaz de achatá-los, como a boa oferta de soja este ano, anda a reboque da supervalorização do dólar.



Dilson Trenepol

## BOA OFERTA

Macagnan explica que, até pouco tempo atrás, o que mais determinava os-

oscilações no mercado era a expectativa de oferta de grãos. É claro que o dólar, como "moeda oficial" de quase todas as transações internacionais, sempre teve sua influência, mas sua cotação oscilava dentro de limites considerados normais. Hoje, por exemplo, já se sabe que o Brasil deve colher algo ao redor de 16 milhões de toneladas, e que a Argentina terá uma safra recorde de 7 milhões e meio de toneladas, superior em quase um milhão à produção do ano passado. Só que não está nesta boa oferta de grãos a principal causa do achatamento dos preços da soja, e sim na cotação do dólar.

Seguindo o raciocínio em torno da relação dólar-marco alemão, Macagnan dá exemplos de como isso repercute no bolso do produtor. Se a moeda alemã estivesse hoje com a cotação de 1973, o agricultor brasileiro poderia receber uns Cr\$ 59 mil pela saca de soja. Com a cotação de 1978 (1,72 marcos para cada dólar), que foi a melhor para os alemães, a saca valeria cerca de Cr\$ 76 mil. E a cotação de maio do ano passado poderia assegurar Cr\$ 50 mil pela saca ao produtor. Esses valores ficam longe do preço em oferta, e que era de Cr\$ 43 mil (preço do dia) até o dia 26 de março na Cotrijuí.

Este preço de Cr\$ 43 mil, praticado a partir do dia 19 de março, poderia ser ainda mais baixo, caso não tivesse acontecido a quebra de 71 bancos de poupança e empréstimo dos Estados Unidos. A quebra mexeu com o mercado financeiro, e pôs em freio no dólar, que de qualquer forma continua alto. Como ninguém arrisca previsões, a solução é esperar, para se saber o que acontecerá em abril e maio.

## Uma saída: a máxi

A Fecotriga leva em conta os levantamentos dos custos de produção, para lembrar que o produtor gaúcho somente ganhará dinheiro com a soja quando a cotação em Chicago estiver a 7.02 dólares por bushel. Abaixo disso o agricultor estará contando prejuízos. Até o dia 25 de março, o bushel estava a 6.04 dólares. Outro dado revelado pela Fecotriga é o de que em abril o custo de uma saca de soja, para o produtor, estará em Cr\$ 56 mil. E em abril, pelo que se prevê, o preço mínimo do governo talvez fique ao redor de uns Cr\$ 46 mil, considerando-se uma correção de 11 por cento no valor que vigora agora, em março, e é de Cr\$ 41.460.

Até 30 de abril, o preço mínimo irá vigorar com valor corrigido, que será fixado no final de março. Mas a partir de maio, o mínimo não mais terá atualizações, com base nas ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional). Os produtores, que vinham então acompanhando pela primeira vez os preços de garantia do governo, ficarão a partir daí entregues às forças que estarão em jogo no mercado.

Não há atualmente ninguém que se arrisque a fazer previsões sobre o comportamento dos preços para a soja, quando do pique da comercialização. Tudo dependerá da adequação do mercado às condições criadas pelo fortalecimento do dólar. Afinal, o que se sabe é que os importadores europeus, dos quais depende

a colocação especialmente do farelo brasileiro, ficaram com poder de compra reduzido, e talvez diminuam o volume a ser adquirido este ano. Mas até quando esta situação irá persistir, ninguém sabe dizer.

## 90 POR CENTO EM DÓLARES

As tendências indicam na direção de um dólar ainda forte, para os próximos meses, em função das altas taxas de juros nos Estados Unidos, do reaquecimento da economia norte-americana e do déficit orçamentário. Para a soja e outros produtos brasileiros, isso não é nada bom, pois 90 por cento das nossas exportações são cotadas em dólar. Há quem já esteja pensando, na área da indústria, em vender recebendo em moedas européias, e não em dólares. Mas aí o dólar, de qualquer forma, seria a referência para fixar preços, para que o exportador não perca dinheiro.

Se a situação, a nível internacional, continuar inalterada, a única saída — para fazer com que a soja e outros produtos sejam melhor remunerados — será a maxi-desvalorização do cruzeiro. As especulações, em torno desta medida, existem desde o início de março, mas dependem, para confirmação, de uma decisão do novo governo. A máxi beneficiaria quem exporta mas certamente levaria ao desespero, ao mesmo tempo, muitas empresas importadoras ou que tomaram empréstimos em dólares.



# Novo comprador

**Desafio para o governo: adquirir a safra**

O preço mínimo existe pra quê? Qualquer produtor tem a resposta na ponta da língua: ele deveria funcionar como garantia de que um produto terá alguma remuneração, por mais baixa que seja. Mas esta garantia não tem sido levada muito a sério, pois fica sempre longe das necessidades mínimas do agricultor, para que sua safra obtenha de fato alguma compensação. No caso da soja, por exemplo, o preço mínimo sempre foi ignorado. E para os demais produtos, os preços estabelecidos pelo governo têm igualmente andado bem abaixo dos valores considerados necessários, com base em custos levantados pelas cooperativas.

Mas este ano, o preço mínimo da soja merece alguma atenção, em consequência do incrível achatamento nas cotações do produto. Só que este preço de garantia tem alguns detalhes no mínimo curiosos. Ele foi fixado em agosto, e a partir daí passou a ser corrigido mensalmente, de acordo com a evolução das ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), até chegar agora, em março, a Cr\$ 41.460. Pela primeira vez o mínimo da soja foi corrigido mensalmente, pois antes ele era fixado e permanecia o mesmo até o final da comercialização.

**DEFASADO**

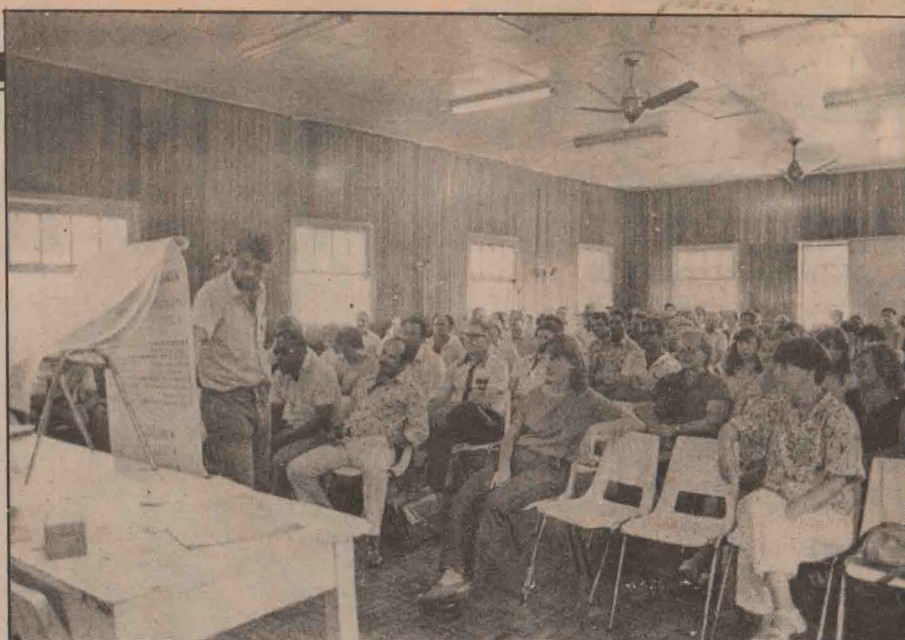
O detalhe que mais chama a atenção, no caso deste preço, é que ele somente será corrigido até abril. A partir de maio,

o valor não mais terá atualizações mensais, e isso ocorrerá também com o preço para o milho. Teremos então, no pique da comercialização, em maio, um preço mínimo defasado, desatualizado, exatamente num momento em que — por causa das baixas cotações da soja — o produtor mais precisaria de um valor de garantia para sua safra.

Enio Weber, coordenador da área de comercialização na Cotrijuí, lembra que há exatamente um ano, em março de 1984, o preço mínimo para a soja era de Cr\$ 7.240. O aumento, em 12 meses, considerando-se os atuais Cr\$ 41.460, foi de 472 por cento, contra uma inflação de 225,9 por cento. O reajuste é expressivo, pois dobra o índice da inflação. Mas se os preços da soja no mercado tivessem reagido, é claro que ninguém daria maior atenção a este valor de garantia, até então praticamente desprezado.

**HÁ RECURSOS?**

Hoje, no entanto, como observa Enio Weber, o preço mínimo merece a atenção não só do produtor, mas também do governo. E por que isso acontece? Porque, com a entrada da nova safra, ele terá de ser praticado, caso o mercado não apresente uma recuperação. E aí é que o governo entrará nessa história, pois o preço mínimo é, afinal, também garantia de comercialização. A soja terá então que ser vendida ao governo federal, a preço míni-



Uma das reuniões, na Pioneira, para debater situação da soja

mo, pelo menos em abril. Caso isso aconteça, pela primeira vez o produto estará sendo adquirido em massa pelo governo.

O impasse está no fato de que nada indica que possam existir recursos suficientes para que essa compra em massa se concretize, mesmo que no Mato Grosso do Sul o governo já esteja fazendo aquisições. O que se sabe é que não há disponibilidade de recursos nem mesmo para complementação das verbas destinadas ao custeio da lavoura de verão, no que se refere à parcela para colheita. Com o novo governo, é provável que algumas medidas sejam tomadas, com o objetivo de contornar esta situação, mas não se sabe de que forma isso acontecerá.

**EVOLUÇÃO**

Numa hora como esta, o produtor deve antes torcer para que o mercado reaja, pois mesmo que o governo consiga

comprar a produção, a remuneração — na base do preço mínimo — não será nada interessante. Mas Enio Weber, a exemplo de todos os técnicos que lidam com mercado, não arrisca qualquer previsão. A soja para maio estava cotada, até o dia 26 de março, na Cotrijuí a Cr\$ 59.500.

De outubro a dezembro, o preço para maio chegou a Cr\$ 57 mil, caindo para Cr\$ 55 mil entre 4 de janeiro e 6 de fevereiro. Nos dias 7 e 8 de fevereiro, o produto conseguiu sua mais alta cotação, com Cr\$ 60 mil para maio, mas a reação durou somente dois dias, em consequência de uma rápida entrada de compradores brasileiros no mercado. Depois disso, o preço ficou em Cr\$ 58 mil, do dia 9 de fevereiro até o dia 24 do mesmo mês, caindo então para os Cr\$ 55.500. O preço reagiu um pouco a partir de 19 de março para chegar no dia 26 a Cr\$ 43 mil

## Modalidade esquecida

A transformação da comercialização da soja numa loteria, em que poucos terminam ganhando, tem muito a ver com um instrumento chamado preço do dia, instituído a partir de 1973. Foi naquele ano, com o estouro da cotação da soja no mercado internacional, que o produto passou a ter preços diários. Essa oferta do dia é uma faca de dois gumes para o produtor, pois as mais bem elaboradas previsões sobre o comportamento do mercado já falharam, e muitas vezes. Por tudo isso é que, principalmente este ano, cresce o debate em torno da comercialização, e volta a se falar no esquecido preço médio.

Os produtores ainda não esqueceram, por exemplo, que em 1983, quando quase toda a safra estava liquidada, os preços estouraram a partir de agosto, em consequência da seca nos Estados Unidos. Em outros anos, aconteceu o contrário: preços bons no início da comercialização, e ruins do meio para o fim da liquidação, que tem seu pique entre abril e junho. A verdade é que, como provam as estatísticas, o produtor não vende sua safra nos momentos de alta, sempre à espera de reações mais expressivas. E a liquidação termina ocorrendo quando o mercado começa a demonstrar sinais de enfraquecimento.

**ESTATÍSTICAS**

O preço médio seria uma solução, para que se deixe esta loteria de lado? Por enquanto, parece difícil que isso possa acontecer, como reconhece o vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Drews. Ele participou da série de reuniões realizadas na Região Pioneira, em março onde a comercialização foi um dos assuntos debatidos, e abordou com os produtores alguns aspectos do preço médio. Este preço é apurado em junho, quando a maior parte da safra já foi comercializada, e se baseia nos resultados conseguidos pela Cotrijuí na colocação do produto no mercado.

Estatísticas elaboradas por Paulo Roberto Porto, assessor da área de comercialização, mostram que o preço médio quase sempre foi superior à cotações do preço do dia, de 1979 até o ano passado. É claro que muitos produtores conseguiram tirar proveito de momentos favoráveis e vender a soja a bons preços do dia, mas também se sabe que a grande maioria não tem acesso a melhor época para liquidar a soja. Isto porque é a partir de junho, geralmente, que os preços reagem. E aí o produtor já não dispõe

de soja, pois seus compromissos com os bancos vencem na virada do semestre.

As estatísticas levantadas por Paulo Porto (veja tabela ao lado) mostram, por exemplo, que no ano passado o preço médio de Cr\$ 23.800 superou todos os preços do dia que vigoraram até junho. Este preço médio só foi superado em setembro, quando a saca passou a valer Cr\$ 24 mil. Outro detalhe importante: em junho, somente em 1979 e 1983 o preço do dia superou o preço médio. Isso quer dizer que, nos últimos anos, quem esperou para vender a soja em junho, a preço do dia, não obteve resultados melhores que os oferecidos pelo preço médio.

**LIQUIDEZ**

“O preço médio seria o ideal para a comercialização numa cooperativa”, afirma Arnaldo Drews, reconhecendo, no entanto, que na prática isso não vem funcionando. Com esta modalidade, seriam evitados os grandes riscos, enfrentados tanto pelo produtor como pela própria cooperativa, no momento de se negociar a safra. Mas o preço do dia, além de acenar com a possibilidade de ganhos inesperados, resultantes de uma reviravolta no mercado, tem outra vantagem sobre o médio, que é a liquidez, o dinheiro que vai logo para o bolso do produtor, quando da liquidação.

Com o preço médio, o produtor recebe um adiantamento, uns 15 dias após assinar o contrato, e aguarda a fixação do preço final, em junho. O vice-presidente da Cotrijuí lembra que não é possível hoje conceder um bom adiantamento, em função dos custos do dinheiro. Afinal, o dinheiro libera de antecipadamente através de EGFs tem um preço, a altas taxas de juro. O possível ganho que o produtor teria, com um bom adiantamento, seria depois tornado nulo e certamente desapareceria, no momento de acertar as contas.

**MENSAL**

Na última safra, ficou em 1,33 por cento a participação do volume de soja entregue a preço médio na Região Pioneira da Cotrijuí, de um total de 270 mil toneladas. Sem aperfeiçoamento no sistema, este percentual certamente não será ampliado, segundo Arnaldo Drews. Entre as sugestões colhidas pela Cotrijuí, está uma que propõe a fixação de um preço médio mensal, e não só em junho. Mas é preciso muito estudo para que esta idéia seja tornada viável,

**UMA COMPARAÇÃO ENTRE PREÇO DO DIA E PREÇO MÉDIO**

MÊS	PREÇOS	1979	1980	1981	1982	1983	1984
JANEIRO	Mínimo	224,00	440,00	665,40	1.370,40	2.550,00	13.800,00
	Médio	236,00	444,00	716,00	1.413,00	2.634,00	14.236,00
	Máximo	248,00	450,00	730,20	1.500,00	2.800,20	14.600,00
Fevereiro	Mínimo	248,00	480,00	740,40	1.500,00	2.800,20	14.100,00
	Médio	269,00	480,00	810,00	1.502,00	2.832,00	14.733,00
	Máximo	303,00	480,00	860,00	1.520,40	2.850,00	15.600,00
Março	Mínimo	281,00	480,00	840,00	1.520,40	2.950,20	15.600,00
	Médio	294,68	480,00	859,00	1.589,00	3.426,00	17.286,00
	Máximo	317,00	480,00	930,00	1.710,00	3.950,40	18.500,40
Abril	Mínimo	281,00	480,00	930,00	1.740,00	3.950,40	19.000,20
	Médio	293,00	492,00	1.005,00	1.851,00	4.205,00	19.515,00
	Máximo	310,00	500,40	1.050,00	2.000,40	4.450,20	20.300,40
Maio	Mínimo	287,00	495,00	1.010,40	2.000,40	4.400,40	20.500,20
	Médio	301,00	515,00	1.025,00	2.117,00	4.593,00	22.063,00
	Máximo	317,00	525,00	1.050,00	2.200,20	4.850,40	23.200,20
Junho	Mínimo	315,00	515,40	980,40	2.080,20	4.850,40	19.600,20
	Médio	328,00	527,00	1.003,00	2.099,00	5.127,00	20.595,00
	Máximo	355,00	545,40	1.025,40	2.110,20	5.350,20	21.700,20
<b>Preço Médio</b>		<b>330,00</b>	<b>660,00</b>	<b>1.110,00</b>	<b>2.150,00</b>	<b>5.200,20</b>	<b>23.800,00</b>
Julho	Mínimo	330,00	550,20	1.000,20	2.000,40	5.400,00	18.100,20
	Médio	348,00	588,00	1.049,00	2.038,00	6.076,00	18.913,00
	Máximo	365,00	635,40	1.100,40	2.080,20	7.200,00	19.900,20
Agosto	Mínimo	355,00	605,40	1.080,00	1.860,00	7.400,40	19.200,00
	Médio	381,00	627,00	1.095,00	1.923,00	10.067,00	21.408,00
	Máximo	400,00	670,20	1.130,40	2.000,40	12.500,40	23.200,20
Setembro	Mínimo	400,00	665,40	1.095,00	1.850,40	11.500,20	22.700,40
	Médio	413,00	685,00	1.126,00	1.864,00	12.145,00	24.045,00
	Máximo	450,00	720,00	1.145,40	1.900,20	12.500,40	26.500,20
Outubro	Mínimo	425,00	655,20	1.155,00	1.900,20	12.000,00	26.500,20
	Médio	445,00	731,00	1.178,00	1.922,00	12.845,00	28.704,00
	Máximo	450,00	800,40	1.210,20	2.000,40	13.300,20	30.500,40
Novembro	Mínimo	425,00	755,40	1.205,40	2.000,40	13.000,20	30.800,40
	Médio	425,00	795,00	1.224,00	2.152,00	13.665,00	31.940,00
	Máximo	425,00	815,40	1.265,40	2.250,00	14.300,40	33.000,00
Dezembro	Mínimo	425,00	635,40	1.255,20	2.250,00	13.200,00	33.500,40
	Médio	425,00	689,00	1.301,00	2.433,00	13.868,00	33.575,00
	Máximo	425,00	780,00	1.370,40	2.550,00	14.600,40	34.000,20

pois o mercado da soja é bastante complicado. O importante, para o vice-presidente da Cotrijuí, é que a situação existente hoje, com os preços da soja achatados, propicia um debate mais intenso a respeito de comercialização. “A esperança do produtor está agora no novo governo”, afirma ele, lembrando que essa expectativa existe não só em torno de questões imediatas.

A tabela mostra, a cada mês, o mais baixo preço do dia (mínimo), a média do preço do dia no mês (médio), e o preço mais alto (máximo). O preço da modalidade preço médio aparece no meio da tabela, no mês de junho, em tipo mais escuro. Foram pesquisados os preços de 1979 a 1984, mensalmente. Fonte: Departamento de Comercialização da Cotrijuí.





MUDA AGRICULTURA

Ministério da Agricultura da Nova República irá dar prioridade à produção de alimentos para a população



Simon, Ruben e o assessor Bachieri Duarte chegando ao Ministério da Agricultura no primeiro dia de trabalho

Foto: Zero Hora

# A DUPLA SIMON-RUBEN

## Os dois gaúchos assumem a pasta que poderá puxar a recuperação da economia

Recursos para comercialização da safra de verão, possível revisão de preços mínimos, formação de estoques reguladores, importações. Estas questões imediatas têm tomado quase todo o tempo do novo Ministério da Agricultura, ocupado pelo senador gaúcho Pedro Simon. Ao seu lado, como mais importante assessor da pasta, outro gaúcho, Ruben Ilgenfritz da Silva, o presidente da Cotrijuí, que tomou posse no dia 19 de março. Juntos, ele formam, desde já, uma das duplas mais afinadas da Nova República, numa área que deverá puxar a prometida recuperação da economia brasileira.

Mas os agricultores — e, afinal, toda a população brasileira — esperam de Simon e Ruben bem mais do que a solução de questões imediatas. Eles terão, depois de passado o período de adaptação, que elaborar uma nova política agrícola para o país, com o apoio de todas as áreas representativas do setor. "Vamos dar prioridade ao abastecimento interno, sem descuidar da produção de grãos para exportação", anunciou Simon logo após assumir o Ministério, que quase foi ocupado pelo senador paranaense Affonso Camargo Netto.

### LADAINHA

Simon chegou à pasta da Agricultura depois de superar algumas resistências, que teriam origem no alvoroço que sua escolha causaria entre as multinacionais. Alguns órgãos de imprensa chegaram a estimular uma campanha contra a indicação do senador, sob o argumento de que ele pouco conhecia do setor, e de que nada havia feito em favor dos produtores em suas atividades como político. O jornal "O Estado de São Paulo", um dos mais poderosos do país, puxou esta ladainha, que não chegou a ter repercussão.

Se esse argumento fosse válido para todo o Ministério de Tancredo Neves, muitos dos escolhidos não teriam sido indicados, por não terem tradição na área em que assumiram. Olavo Setúbal nunca lidou com Relações Exteriores; Affonso Camargo pela primeira vez irá tratar de assuntos da área dos Transportes; e Nelson Ribeiro também fará sua estréia tratando de questões fundiárias.

### 8 TRILHÕES

O nome de Ruben Ilgenfritz da Silva, no entanto, foi recebido sem resistências, mesmo porque os grandes grupos não teriam explicações convincentes para

rejeitar sua indicação. Ruben foi um dos primeiros assessores do Ministério de Tancredo Neves a ser convidado para o cargo, que equivale ao posto de vice-ministro. Todas as grandes e pequenas decisões da pasta passarão por seu gabinete, que funcionará como um elo de ligação entre o ministro e as entidades e outros órgãos oficiais. Também caberá a Ruben o planejamento de medidas políticas.

Por enquanto, a preocupação da dupla é com a comercialização da safra, que estaria exigindo algo ao redor de 8 trilhões de cruzeiros. O FMI (Fundo Monetário Internacional) não quer muito dinheiro em circulação, e se dependesse das suas determinações, a safra ficaria parada. Mas no dia 22 de março, Ruben anunciou que não haverá um estrangulamento nesse ponto, se forem aprovadas pelos ministros da Fazenda e do Planejamento as idéias do Ministério da Agricultura. A proposta

consiste na liberação de EGFs (Empréstimos do Governo Federal), para que o próprio produtor possa liquidar a safra quando preferir.

Isso tiraria do governo a responsabilidade de ter que comprar a produção, caso os preços de mercado ficassem abaixo dos mínimos, como já aconteceu com a soja, em março. Resta saber se existirão recursos para que a idéia se concretize, e tudo dependerá dos ministros que cuidam das finanças. Outra medida que Ruben considera importante se refere à ampliação do prazo para correção dos preços mínimos, que se esgota em abril. Ele entende que os preços devem ser corrigidos até junho, para que estejam vigorando, com valores atualizados, quando do pique da comercialização.

### POLÍTICA

Depois de contornar o problema da comercialização, eles terão que se preocupar com a próxima lavoura de inverno, e

dar atenção especial aos recursos para custeio, que chegaram a faltar este ano, quando da liberação das verbas para colheita de verão. Mais tarde, virão as questões que exigirão estudos para execução a médio e longos prazos.

Entre estas, estão o subsídio ao crédito, a revisão do Proagro, o aperfeiçoamento — em conjunto com outros ministérios — do sistema de abastecimento (estoques reguladores e rede Cobal) e outros pontos importantes para definição de uma política global para a agricultura. Aos poucos, esta política será costurada, mas não sairá nunca pronta do Ministério, como ressaltam Simon e Ruben. Antes, serão ouvidos todos os segmentos que têm propostas a fazer, para que se corrija o erro cometido nas últimas duas décadas, quando o setor tinha rumos traçados através de pacotes.

Todos os planos do Ministério dependerão, essencialmente, de recursos, e do conjunto das medidas econômicas e sociais. Afinal — segundo Ruben Ilgenfritz da Silva — de nada resolverá estimular-se a produção de alimentos para mercado interno, se a população continuar com seu poder aquisitivo minguado. E isso somente será viável com uma mudança na própria política salarial, que achatou os ganhos da classe média e tornou insustentável a situação de trabalhadores remunerados na base do salário mínimo.

### SUBSIDIO

Hoje, o brasileiro da classe média gasta metade da renda familiar em alimentação. Nunca a participação dos alimentos, na composição das despesas familiares, havia alcançado tão alto índice. Pior ainda estão os operários e subempregados, que possivelmente irão ter acesso a um cesto básico subsidiado. Este plano, de oferecer comida mais barata à população de baixa renda, é projeto que está entre os mais urgentes do governo, e deve ser logo posto em prática.

Para que a produção seja de fato ampliada, e torne possível uma maior oferta no mercado interno, Ruben defende a fixação de preços mínimos compensadores, em substituição aos subsídios ao crédito. Assim, o produtor teria uma justa remuneração pela sua safra, e o consumidor — com poder de compra recuperado — finalmente poderia dispor de alimentos hoje considerados proibidos para uma parcela da população estimada em milhões de pessoas.

## Mandato será completo

O ministro da Agricultura da Nova República tem 55 anos, é natural de Caxias do Sul, foi vereador, deputado estadual e senador, eleito em 1982, pelo PMDB. Pedro Simon liderou a oposição



Foto: EBN

Simon promete não concorrer em 86

no Estado, como presidente do antigo MDB, desde 1969. É advogado, com cursos de especialização em Economia Política na França e na Itália.

Ele assume o Ministério da Agricultura com um compromisso: não irá concorrer ao governo gaúcho no próximo ano. Assim, há pelo menos a certeza de que, com sua permanência, não será criado um impasse nesta área, quando das eleições nos Estados. Simon garante que irá completar seu mandato no cargo, e isso é um bom indicador de que Tancredo Neves dará à agricultura a atenção prometida. Se não fosse assim, esta pasta — totalmente desfigurada nos últimos anos — iria apenas soterrar uma carreira política que Pedro Simon certamente não quer interromper.

Mas como ficará o Ministério, com a doença do presidente Tancredo Neves? Esta pergunta preocupa não só os que se interessam pelo futuro da produção agrícola, mas todo o país. A resposta só será dada com o tempo. Resta torcer para que Simon e Ruben consigam realizar, com um governo de transição chefiado pelo vice José Sarney, o que pretendiam fazer sob o comando de Tancredo Neves.





# Enfim, um cooperativista

Finalmente, o governo federal contará com alguém realmente vinculado ao cooperativismo de produção, atuando numa das mais importantes áreas de decisão em Brasília. Ruben Ilgenfritz da Silva, que vinha presidindo a Cotrijui desde 1972, assumiu a secretaria geral do Ministério da Agricultura no dia 19 de março. Ele terá atribuições de vice-ministro, numa atividade praticamente dominada pelos tecnocratas, nas últimas duas décadas.

"O convite, para que eu assumisse o cargo, foi feito muito mais como reconhecimento de todo o trabalho desenvolvido até agora pela Cotrijui", disse Ruben, no dia 10 de março, em Ijuí, aos representantes da Região Pioneira. Nesse encontro — convocado meio às pressas — ele anunciou sua decisão de aceitar o convite feito pelo ministro Pedro Simon. Depois, também as lideranças de Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul foram informadas de sua nomeação para o cargo.

## DESDE 1965

Ruben completaria agora, em 1985, 20 anos de Cotrijui. Ele foi o primeiro agrônomo contratado pela Cooperativa, em 1965, para chefiar o setor de produção de sementes. Formado em Agronomia, em 1963, pela Faculdade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, antes de trabalhar na Cotrijui já havia atuado, de 64 a 66, no Departamento de Recursos Naturais Renováveis da Secretaria da Agricultura. Ele foi tam-



Pedro Simon dá posse ao secretário geral do Ministério

bém o fundador e diretor técnico da Associação Conservacionista de Ijuí, onde atuou em 65 e 66.

No dia 2 de junho de 1966, Ruben foi eleito para a vice-presidência da Cotrijui, e a 25 de novembro de 1972 assumiria a presidência, com o falecimento do presidente Luiz Fogliatto. Seu nome estava mais uma vez à frente da chapa oficial, para as eleições que acontecerão dia 10 de abril na Cotrijui (veja página 10). Até a definição da nova diretoria, o vice-presidente Arnaldo Drews estará interinamente na presidência.

## POPULAÇÃO

Com a presença de Ruben em Bra-

sília, o cooperativismo poderá contar com um Ministério da Agricultura bem mais acessível às suas reivindicações. Ele já anunciou que a pasta passará a ouvir as entidades representativas do setor de produção, levando em conta também as aspirações de quem consome. Para o novo secretário, de nada resolve estimular a produção interna, sem dar atenção ao poder de compra da população. Por isso é que até mesmo a necessidade de mudança na política salarial é lembrada por Ruben.

Mesmo com os escassos recursos que vêm sendo destinados à agricultura, ele acredita que o Ministério poderá, aos poucos, revisar a política agrícola, com

prioridade para o abastecimento do mercado interno. Aí é que a diversificação da produção poderá finalmente receber a atenção que ainda não teve. Para isso, a lavoura destinada ao consumo do próprio país talvez venha a contar com incentivos especiais, através de crédito, o que irá beneficiar diretamente a pequena propriedade.

Mas essa prioridade à produção de feijão, milho, arroz, batata e outras culturas será possível a partir de uma ampla discussão do modelo agrícola, e isso somente acontecerá a médio e longo prazos. Por enquanto, Ruben está preocupado com as questões imediatas do Ministério, com a comercialização da atual safra e o preparo da próxima lavoura de inverno, que envolvem recursos até agora indisponíveis. Outra preocupação imediata se refere ao próprio preenchimento de cargos na pasta.

## CRAIDY

Foi por sugestão sua, acatada pelo ministro Pedro Simon, que a presidência da Cibrazem (Companhia Brasileira de Silos e Armazéns) ficará com o também Ijuicense Fernando Craidy. O engenheiro foi o idealizador de quase toda a infraestrutura de armazenagem da Cotrijui, que serviu depois de modelo para outras cooperativas. Ele também projetou o terminal granelero Luiz Fogliatto e muitas outras obras nesta área. Craidy vinha residindo em Porto Alegre, e já está em Brasília.



Fernando Craidy

## Tirando "abacaxis" da gaveta

Os produtores de arroz serão os beneficiados por uma das primeiras medidas de impacto tomadas pelo Ministério da Agricultura, com a participação direta de Ruben Ilgenfritz da Silva. O secretário geral conseguiu convencer o Ministério da Fazenda a suspender o fornecimento de arroz subsidiado a grandes redes de supermercados, especialmente do Rio e São Paulo. O arroz, de estoques do governo, favorecia apenas os empresários e uma camada da população de alto poder aquisitivo.

O pedido, para que o produto deixasse de ser subsidiado, foi feito pela Fearroz, e logo atendido, sob o argumento de que — além de apenas privilegiar fortes grupos e consumidores das classes média e alta — prejudica o produtor. Esse arroz vinha sendo entregue aos supermercados com preços inferiores aos do mercado. A explicação para isso era a de que assim o produto estaria mais barato nas prateleiras. Os preços realmente ficavam mais baixos, mas sem que a medida atingisse quem precisa de alimentos acessíveis.

## INJUSTIÇA

Com essa prática, o governo vinha ainda tumultuando o mercado, pois o arroz despejado no comércio, com preços mais baixos, forçava quedas nos preços ao produtor. "Esse era um absurdo de dimensões gigantescas", disse Homero Guimarães, presidente da Fearroz, num documento sobre o assunto, encaminhado ao ministro Pedro Simon. Ele lembra que a medida, praticada há vários anos, cometia "uma enorme injustiça social, total discriminação regional (beneficiava apenas São Paulo e Rio), prejuízos para o governo e profunda repercussão nos mercados".

Ruben Ilgenfritz da Silva ficou com a tarefa de convencer seu colega, secretário do Ministério da Fazenda, Sebastião Vidal, a suspender o fornecimento de arroz abaixo do preço. É claro que as grandes redes, que assim vinham mantendo uma clientela para um produto menos caro, não gostaram da medida. Outros grupos — que igualmente vêm se beneficiando de distorções, na área do abastecimento — certamente ficarão desgostosos com decisões que deverão ser tomadas por Simon e Ruben.

## MUITO ROLO

Algumas dessas distorções estão na própria rede de abastecimento da Cobal, onde circulam milhares de toneladas de alimentos destinados a supermercados administrados pelo governo. Essa rede foi entregue a políticos ligados ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), quando da aliança dessa agremiação com o PDS, há uns dois anos. Sindicâncias realizadas inclusive com a participação do SNI (Serviço Nacional de Informações) acabaram descobrindo que há muito rolo no setor.

A exemplo dos escândalos no INAMPS, também na Cobal os cargos estariam sendo ocupados de acordo com uma partilha entre tecnocratas e políticos, para beneficiar grupos, e a corrupção vinha correndo solta. Fora isso, se sabe que o funcionamento desse sistema de abastecimento é precário, e também nesse caso beneficia muito mais quem não precisa de privilégios para ter comida mais barata.

Políticos e outras pessoas que circulam com frequência em Brasília conhecem as estruturas dos ministérios, e admitem que os gabinetes de Simon e Ruben terão, durante muitos meses, que lidar com questões bastante delicadas. São "abaca-

xis" estocados pelos últimos governos, e que envolvem interesses em torno, geralmente, é claro, de grupos acostumados com concessões que deixarão de existir.

## RECUOS

Mas, ao mesmo tempo em que pretendem avançar, para corrigir erros cometidos deliberadamente, nos últimos tempos, eles terão também que, em alguns casos, ser obrigados a recuar. O próprio Pedro Simon já fez isso, retirando do Congresso um projeto de lei sobre agrotóxicos. Esse projeto deu muito o que falar pois se baseia nas legislações estaduais sobre fabricação, comercialização e uso dos chamados defensivos agrícolas. As multinacionais vinham pressionando o governo e Simon, para que a matéria fosse engavetada.

Agora, o projeto passa por reestudos, para que somente depois volte a fazer parte da pauta do Senado e da Câmara. É certo que este recuo foi provocado pelo fato de Pedro Simon ser agora o titular da pasta da Agricultura. Na época em que apresentou a matéria, como senador, ele poderia enfrentar com maior desenvoltura os ataques das múltiplas. De qualquer forma, o projeto deverá manter o que tem de essencial, após uma rediscussão entre entidades representativas da indústria, dos técnicos (agrônomos, ecologistas e outros) e do produtor.

Nessas negociações, a participação de Ruben Ilgenfritz da Silva será importante, como a imprensa tem ressaltado em todos os assuntos abordados que tocam nos planos e decisões da pasta. O nome de Ruben figura sempre nas notícias que têm sido divulgadas desde a sua posse, e os jornais enfatizam que ele terá interferência direta em todas as medidas de impacto que forem tomadas no Ministério.

## Tudo depende de Sayad e Dornelles

Os ministros da Fazenda, Francisco Dornelles, e do Planejamento, João Sayad, poderão ajudar ou comprometer tudo o que for planejado no Ministério da Agricultura. Eles definirão os rumos da política econômico-financeira. Ditarão regras, cuidarão do caixa do governo e irão orientar, enfim, as grandes decisões da Nova República. Dornelles terá os mesmos poderes do ministro Delfim Netto, com a diferença de que certamente será mais democrático, em decorrência, principalmente, da marcação que receberá dos setores mais avançados da oposição.

Mas os agricultores devem estar atentos também para o comportamento de outro ministro: Nelson Ribeiro, que assume a pasta dos Assuntos Fundiários. Ribeiro foi escolhido de surpresa para o cargo, que inicialmente estaria prometido ao ex-presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Bernardo Cabral, que detinha o apoio da Igreja Católica. Esse apoio foi tornado público, já que a Igreja está interessada em acompanhar de perto a política do governo para questões da terra.

Nelson Ribeiro é advogado, natural do Pará, e pela primeira vez vai lidar concretamente com assuntos relacionados, por exemplo, com reforma agrária. Tancredo Neves prometeu que a reforma sairía, mas até agora o que se sabe é que a revisão da estrutura fundiária brasileira é coisa muito vaga. O certo é que ela será iniciada no Nordeste, até por exigência dos investidores estrangeiros, que emprestam dinheiro para projetos na Região. Ninguém aposta em medidas muito avançadas nesta área.



# Chegou a hora de votar

Eleições de abril dão início à implantação das reformas administrativas

Depois de muito debate, para a definição das reformas administrativas e dos nomes sugeridos para os conselhos de Administração e Fiscal, chegou a hora dos associados da Cotrijuí votarem para eleger os novos dirigentes da Cooperativa. A eleição fará parte da assembléia geral que se realiza anualmente, para apreciação do balanço, relatório da diretoria e outros assuntos incluídos na ordem do dia. Essa assembléia será realizada em três dias 9, 10 e 11 de abril, para que permita a votação direta, em cada uma das unidades da Cotrijuí.

Este ano, as eleições terão muitas novidades. Pela primeira vez os associados que entregaram sua produção no último exercício estarão votando secretamente de forma oficial, pois agora este sistema faz parte do estatuto da Cooperativa. Em 1982, quando o voto secreto já foi praticado, a Cotrijuí estava exercitando o sistema com experiência, como parte da Estrutura do Poder, que seria aprovada em plebiscito no dia 21 de agosto do ano passado.

### INOVAÇÕES

As outras novidades foram introduzidas pelas reformas administrativas também aprovadas em assembléia extraordinária, no dia 22 de fevereiro último. A partir de agora, a Cotrijuí passa a contar, de acordo com estas mudanças, com um vice-presidente e um superintendente para cada uma das três regionais (Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul). Isso quer dizer que o produtor estará elegendo desta vez, para a direção executiva, além do presidente, mais três vices e três superintendentes.

O Conselho de Administração será igualmente ampliado. Ele vinha contando com seis membros efetivos e seis suplentes, e agora passa a ser integrado por 17 efetivos e 17 suplentes. Proporcionalmente o número de associados, a regional Pioneira terá nove conselheiros de Administração, o Mato Grosso do Sul fica com cinco, e Dom Pedrito com três. O Conselho Fiscal continuará com três efetivos e três suplentes, cada um deles representando uma regional.

## Tarefa dos representantes

Oswaldo Olmiro Meotti, 45 anos, formado em Economia pela Faculdade de Cruz Alta, e vinculado a Cotrijuí desde 1964, quando iniciou trabalhando como caixa executivo, é o candidato único à presidência da Cooperativa. Meotti vinha desempenhando as funções de diretor administrativo e financeiro, e inicialmente concorreria à vice-presidência da regional Pioneira, conforme sugestão dos associados, apresentada pelos representantes em fevereiro último.

Seu nome passou a integrar a chapa oficial, como candidato a presidente, no dia 10 de março, quando Ruben Ilgenfritz da Silva - indicado para a reeleição pelas três regionais - anunciou sua decisão de aceitar o convite para ocupar a secretaria geral do Ministério da Agricultura. Os representantes da Pioneira, Dom Pedrito e Mato Grosso do Sul, reunidos em Ijuí, ouviram os argumentos de Ruben, para sua decisão, e no mesmo dia lançaram Oswaldo Meotti à presidência.

Também ficaram a cargo dos representantes outras definições provocadas pela nomeação de Ruben para o Ministério, pois a chapa oficial já estava praticamente definida no início de março. Na Pioneira, o nome indicado para a vice-presidência, em substituição a Meotti, é

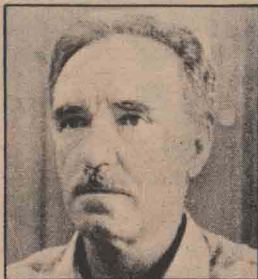
## Os nomes à direção executiva

PRESIDENTE



Oswaldo Meotti

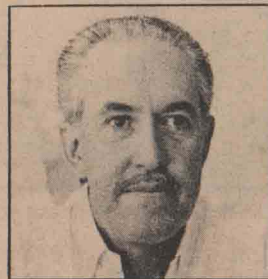
VICES



Pioneira  
Celso Sperotto



D. Pedrito  
Tânio Bandeira



MS  
Nedy Borges

SUPERINTENDENTES



Pioneira  
Antoninho Lopes



D. Pedrito  
Valter Pötter



MS  
Lotário Beckert

Este ano, o Conselho de Administração deve ser renovado em pelo menos um terço, e o Conselho Fiscal em dois terços. Isso acontecerá, mesmo com a implantação das reformas. Os integrantes da direção executiva (presidente, vices e superintendentes) terão mandato de três anos, assim como os membros do Conselho de Administração. O Conselho Fiscal, por sua vez, continuará sendo renovado anualmente, em dois terços, sempre quan-

do da assembléia para apreciação dos resultados do exercício anterior.

### ASSEMBLÉIA

A assembléia deste ano tem sua primeira convocação prevista para as 12 horas, a segunda para 13 horas, e a terceira e última marcada para as 14 horas do dia 9 de abril, na sede da Afucotri, em Ijuí. Inicialmente, a assembléia terá, neste primeiro dia, o balanço, o relatório e outros assuntos de ordem ge-

ral em pauta. E somente poderão votar, como prevê o estatuto, os representantes das três regionais. Mas qualquer associado terá direito a participar dos debates, como vem ocorrendo desde 1979.

No dia 10 de abril, ainda com a assembléia em funcionamento, acontecerá a votação, desta vez com a participação de todos os associados que entregaram a produção. As urnas estarão à disposição dos produtores das 8 às 18 horas, nas unidades, e em outros locais, nas cidades. No interior dos municípios, a permanência das urnas obedecerá a um roteiro elaborado pelas unidades, em conjunto com os representantes (veja nas páginas seguintes).

O escrutínio será iniciado, em cada município, logo após o encerramento da votação, e os resultados finais deverão ser conhecidos oficialmente no dia seguinte pela manhã, quando os associados voltam a se reunir no CTG Laureano Medeiros. Ali, serão anunciados os números da votação, e empossados os eleitos. Após a posse, a assembléia é encerrada.

### QUEM VOTA

Até o dia 26 de março, apenas uma chapa estava inscrita (veja abaixo), de acordo com nomes sugeridos pelos representantes, após consultas às suas bases. Para que seja eleita, esta chapa precisará da metade mais um do total dos votos depositados nas urnas. O estatuto prevê que, se os votos nulos e em branco somarem mais da metade da votação, a eleição deve ser considerada nula. Vale lembrar que outra chapa pode ser inscrita, até 5 dias antes da data da assembléia, conforme prevê o estatuto.

Para votar, o produtor deverá se dirigir à urna levando sua carteira de associado. Ficará a cargo dos mesários, na falta da carteirinha, e com base nas normas previstas no estatuto, identificar o produtor de outra forma. Somente votará o produtor que entregou a produção à Cooperativa no ano passado. A esposa do associado não terá direito a voto, em substituição ao marido, pois - apesar das gestões mantidas pela cotrijuí - a legislação continua impedindo sua participação.

### ESTA É A CHAPA COMPLETA

PRESIDENTE		
Oswaldo Meotti		
VICES DAS REGIONAIS		
Pioneira Celso Sperotto	Dom Pedrito Tânio Bandeira	Mato Grosso do Sul Nedy Borges
SUPERINTENDENTES DAS REGIONAIS		
Pioneira Antoninho Lopes	Dom Pedrito Valter Pötter	Mato Grosso do Sul Lotário Beckert
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO		
Unidade	Efetivos	Suplentes
Jóia	Luiz Nery Berschomer	José Ataíde Conceição
A. Pestana	Oscar Hoerle	Pedro Ghiotto
Ijuí	Euclides Marino Gabbi	Cláudio de Jesus
Ájuricaba	Antoninho Bandeira	Emílio Uhde
S. Augusto	Ido Max Weiller	Jorge Sperotto
Chiapetta	Paulino Ângelo Rosa	Protásio Lottermann
C. Bicaco	Irani dos Santos Amaral	Álvaro Rotilli
T. Portela	João Santos da Luz	Aquilino Bavaresco
T. Portela	Luiz Parizotto	Arnaldo Hermann
Dourados	Remi Bruno Eidt	João Eberhardt
Maracaju	Krijn Wielemaker	Mário Alberto Krüger
R. Brilhante	Ivo Vicente Basso	Cláudio Pradela
Sidrolândia	Paulino Stragliotto	Noé Peixoto
Bonito	Wagner Monteiro Sá	Omar Conegatti
D. Pedrito	Oscar Vicente Silva	Floricido Barreto
D. Pedrito	Suleiman Guimarães Hias	Leonildo Anor Pötter
D. Pedrito	Ademar Comim	Cândido de Godoy Dias
CONSELHO FISCAL		
Unidade	Efetivos	Suplentes
Ijuí	Antenor José Vione	Walter Driemeyer
Dourados	Frederico Stefanello	Darci Alessio
D. Pedrito	Antonio C. da Silva Neto	Ruy Adelino Raguzzoni



# Este é o roteiro das urnas

## C. BICACO

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Coronel Bicaco	.08,00 às 18,00	Escritório da Unidade	José Nilton Sallet Valdir Gobbi, Ezequiel Cembranel, Erich Breuning Severino Dallabrida
Coronel Bicaco	.08,00 às 18,00	Supermercado Cotrijuí	Pedro Bizarelo, Bráulio Martins da Rocha, Getúlio Kerpel e José Saquet
Esquina Mendonça	.08,00 às 09,00	Escola	Gomercindo Sallet e Alceu B. dos Santos
Sítio Briatto	.09,00 às 10,00	Escola	Waldomero Borges e Hermogêneo Briatto
Turvinho	.10,00 às 11,30	Escola	Abrão Siqueira dos Santos e Honorato da Silva Campos
Vila São Pedro	.13,30 às 15,30	Escola	Luiz Osvaldo S. Lima Josué Bogado da Rosa
Canhada Funda	.15,30 às 16,15	Escola	João Saquet e José Loureiro de Mello
Sítio Kerpel	.16,15 às 17,15	Escola	Antônio Santo Kerpel e Roberto Alberto Kuntzler
Sítio Olivério	.17,15 às 18,00	Escola	Antônio Moraes e João G. Milanese
Esquina São João	.08,00 às 10,00	Escola	Arão de Souza e Osvaldo Bandeira
Galpões	.10,00 às 11,00	Escola	Wilson Saldanha Ribeiro e Aniceto Berlezi
Sítio Mairoso	.11,00 às 12,00	Escola	Carlito Marques e Joce lino Lütz de Barcellos
Sítio Lütz	.13,00 às 14,30	Escola	José Luiz dos Santos Amaral e Olibio Cossul
Esquina Evangélica	.14,30 às 16,00	Escola	Manoel Urbano Marques e José Irani Miotto
Portão Velho	.16,00 às 16,30	Escola	João Rodrigues Dornelles e Clodomiro Júlio da Silva
Estância Velha	.16,30 às 17,15	Escola	Noé Alves da Cruz e Tristão de Moura Reis
Rincão dos Júlios	.17,15 às 18,00	Escola	Wazulmiro Goulart e Loir Soares de Oliveira
Redentora - Sede	.08,00 às 10,00	Escola	Erni Schünemann Francisco W. Bridi Pedro Luiz Costa
São Pio X	.10,00 às 12,00	Salão Comun	Natalino Pezzini, Ademiro Fava e Anselmo Gonzato
Vista Alegre	.13,30 às 14,30	Escola	Irineu Benjamin Giacomini e Manoel Marques Barbosa
São Sebastião	.14,30 às 15,00	Escola	Leoveral de Oliveira Martins, Volmir Gonzatto
Erval Seco - Sede	.15,00 às 18,00	Sindicato	Arthur Rinaldi, Elizeu de Marchi e Walter Egon Inácio Schwaab
Braga - Sede	.08,00 às 09,00	Sindicato	Teodósio Nicolau Baldo e Ari Maffi
Linha São José	.09,00 às 10,00	Escola	João da Silva, Humberto Rocha
Sítio Santos	.10,00 às 11,00	Escola	Júlio Borges dos Santos, Feliciano B. dos Santos
Sítio Bombardelli	.11,00 às 12,00	Escola	Luiz Aniceto P. Vicenzi e Oliva Rodrigues da Silva
Figueira	.13,30 às 14,30	Escola	Eldor Schünemann Waldemar Bolico Zimmermann
Vila Salete	.14,30 às 15,30	Escola	Ernesto Demiquelli e Orestes Didoné
Paineira	.15,30 às 18,00	Escola	Osvaldo Coordenunci e José Brigo
Coronel Bicaco	.08,00 às 18,00	Sindicato	

## A. PESTANA

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Mercado e Loja	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Mercado e Loja	Albino Guisleni Mirto A. Drews
Escritório	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Escritório	Alberto A. Bauer Bruno Van Der Sand
Rincão dos Müller	.14,00 às 18,00	Salão da Igreja	Eduardo A. Schneider Selvino Edemar Müller
Linha Progresso	.08,00 às 12,00	Escola	Beno Bruisma Arnaldo Matte
Esquina Gaúcha	.14,00 às 18,00	Salão	Oscar Hoerlle Helio Helbich
Linha São João	.08,00 às 12,00	Salão	João E. Schneider Elemar Mensch
Rincão dos Ferreiras	.08,00 às 12,00	Escola	Olávio Hoerlle Osvaldo Bremm
Cambará	.14,00 às 18,00	Escola	Diunel Rhoden Wilson Fritz
Ponte do Ijuizinho	.14,00 às 18,00	Salão da Igreja	Alvaro Antonio Wathier Erno Schneider
Boca da Picada	.14,00 às 18,00	Escola	Alfredo Wildner Decio Simon
São Miguel	.14,00 às 18,00	Salão da Igreja	Harri Reisdorfer Aldair Massaro
Ijuizinho	.08,00 às 12,00	Salão	Ivo Losch Iliseu Ruchert
Rincão Comprido	.08,00 às 12,00	Salão da Igreja	Armin Ewerling Antenor Rech
Rincão Seco	.14,00 às 18,00	Salão da Igreja	Sighart Erni Drews Emilio Hasse
Fundo Alegre	.14,00 às 18,00	Escola	Bruno Schneider Erni Hurbano Kern
Rincão do Progresso	.08,00 às 12,00	Escola	Nélio Ceribola Oliver Sostmeyer
Fundo Grande	.14,00 às 18,00	Escola	Osmar Gerhardt Arno Goergen
Arroio Bonito	.08,00 às 12,00	Escola	Aldair A. Barassoul Elzevir Frantz
Rosário	.14,00 às 18,00	Salão	João Helio Tissot Antonio Führ
Esquina Rentz	.08,00 às 12,00	Escola	Waldir Walter Harri Renz
Bom Princípio	.08,00 às 12,00	Salão	Antonio Wildner Nelson Wüsth
Formigueiro	.14,00 às 18,00	Escola	Antonio Adão Menegol Pedro Guiotto
Rincão dos Klein	.08,00 às 12,00	Escola	Jorge Almir Matte Leomar R. Hauser
Paraíso	.14,00 às 18,00	Salão da Igreja	Heluino Zolinger Heinz Felten
Linha S. Antonio	.14,00 às 18,00	Escola	Nerci Rhoden Menno Desbessel
Marmeleiro	.08,00 às 12,00	Salão	Otmar Reisdorfer Hardy Flori Kern
Ponte Branca	.14,00 às 18,00	Escola	Paulo Juges Valdir Callai
Sede Velha	.08,00 às 12,00	Escola	João Bruisma Aldair Gdtens

## JÓIA

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Sede	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Escritório	Juarez Aguiar Padilha, Evandro Brittes, Acílio C. Wilneck, Antonio Dirceu Sarturi e Ervino Meiger
Posto Consumo	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Cotrijuí	Oneide Burtet, Obiratan Trema, Darício Menegazzi, João da Cruz, Eduardo Zervieski.
Cará	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Clube	Marcos Bremm, Pedro Solano Moura, Calixto Zardin, Eloir Francisco Della Flora
São Roque	.08,00 às 12,00	Escola	Onório Bernardi, Aquilino Strada, Décio L. Cassol
Santo Antonio	.14,00 às 18,00	Escola	João Ferreira Prestes, Antonio Carlos Conceição e Décio L. Canol
São José	.08,00 às 12,00	CTG	Gomercindo Bernadi, Jânio Andreatta, Jair L. Bazzan
São João da Bela Vista	.14,00 às 18,00	Escola	Laurindo Sechi, Dácio Davino Sechi, Jair L. Bazzan
Carajá Grande	.08,00 às 12,00	Escola Libindo Viana	Vitêlio Ceolin, Carlos Padilha e Abrelino Rigodanzo
São João Mirim	.14,00 às 18,00	Escola	Olmiro Machado, João Ferreira da Silva e Abrelino Rigodanzo
Potireirinhos	.08,00 às 12,00	Escola	Jorge Cleiton Gonzalez, Valente Gonzales e Derli T. Berlezzi
Coronel Lima	.14,00 às 18,00	Escola	Honório Burtet, Olmiro Buttes e Derli T. Berlezzi



# ELEIÇÕES

## IJUÍ

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Linha 7 Leste (Floresta)	.08,00 às 12,00	Salão Paroquial	Selvino Wender e Nilo José Tiecher
Aula Ijuicense	.13,30 às 15,30	Centro Comunitário	Prancácio Ceretta e Alberto Andriollo
Linha 4 Leste			
Parador	.16,00 às 18,00	Pavilhão da Igreja	Mário Dal Molin e Celso Luiz Goi
Linha 8 Floresta	.08,00 às 12,00	Centro Comunitário	Augusto José Denes
Vila Floresta			Ademir José Faustini
Linha 8 Leste	.13,30 às 15,30	Salão Kapke	Valdir Ledermann e Provenir Arcildo Grohs
Linha 8 Leste	16,00 às 18,00	Farroupilha	Egon Eickhoff e Ércio Luiz Eickhoff
Dr. Bozano	.08,00 às 10,00	Centro Comunitário	Antenor de Lima Batista e Zeno Foletto
Linha 10 Leste	.10,00 às 12,00	Capela	Helmuth Wagner e José Antonio Porré
Boa Esperança	.13,30 às 15,30	Salão Paroquial	Dary Meggiolaro e Waldir Wilde Stolberg
Saltinho	.16,00 às 18,00	Centro Comunitário	Nicanor de Godoy e Nélio Meinke
Vista Alegre	.08,00 às 10,00	Salão	Antoninho Vilani e Alfredo Dal Forno Sobrinho
São Valentim	.10,00 às 12,00	Salão Paroquial	Virgílio Stochero e Alexandre Mori Gabbi
São Miguel	.14,00 às 16,00	Centro Comunitário	Leonildo Antonio Gabbi e Renato Cossetin
Rincão da Lage	.16,30 às 18,00	Centro Comunitário	Frederico Casali e Antonio da Rosa
Santa Lúcia	.14,00 às 18,00	Mercado	Angelo Vieira e Ledoio Massafra
Salto	.08,00 às 12,00	Mercado	Abílio Gelatti e Antonio Lena
21 de Abril	.08,00 às 09,30	Escola	Arno Berno e Armindo Seifert
Itaí	.10,00 às 12,00	Grupo Escolar	Avelino José Duarte e Arno Berno
Col. Sto. Antonio	.14,00 às 16,00	Salão Comunitário	Anselmo Meotti e Luiz Varaschini
Col. Sto. Antonio	.16,30 às 18,00	Escola J. Pessoa	Dante Antonio Boniatti Joaquim Lorenzoni
Cel. Barros	.08,00 às 12,00	Mercado	Erhard Kuhn
Linha 8 Oeste	.14,00 às 16,00		David Lorenzoni
Esq. Dutra	.08,00 às 09,00	Escola Ernesto	Artur Kronenberger e Ivo Holzlechner
Linha 6 Oeste	.10,15 às 12,00	Pavilhão	Airton Maturana Dias e Salustiano Pereira Santos
Esq. Heidmann			Sady Berno e Waldir José Pascoal
Linha 8 Oeste	.14,00 às 16,00	Pav. Comunitário	Arlindo Treter e Sardi Avelino Gallert
Linha 11 Oeste	.16,15 às 18,00	Lobo da Costa	Valdir Glass e Arlindo Treter
Mauá	.08,00 às 12,00	Mercado	Valdo Brudna e Eumídio Jappe
	14,00 às 18,00		Vilson Brudna e Augusto da Silva
Linha 6 Norte	.08,00 às 12,00	Mercado	Oswaldo Oster e Luiz Holzle
Irgang	12,00 às 15,30		
Linha 6 Norte	.16,00 às 18,00	Pavilhão da Igreja	Nelson Freitag e Arnildo Schreiber
Irgang			Ilo Erno Buch e Valdir Schultz
Piratini	.08,00 às 09,30	Escola	
Linha 9 Norte	.10,00 às 11,30	Esc. Augusto	Arnildo Irineu Heck e Osmar Mattner
Linha 11 Norte	.14,00 às 15,30	Pestana	
Chorão	.16,00 às 18,00	Escola	Arno Arlindo Beck e Arnaldo de Lima
Povoado Santana	.07,30 às 11,30	Escola	Albino Santin Kosloski Ervino Karlinski
Linha 4 Leste	.14,00 às 15,30	Salão Paroquial	João Makoski e Ramão Kopezinski
Linha 6 Leste	.16,00 às 18,00	Salão Paroquial	João Makoski e Ramão Kopezinski
Rincão dos Goi	.08,00 às 11,30	Salão Paroquial	Mário Darcí Jacoboski Rodolfo Heck
Alto da União	.14,00 às 18,00	Salão 12 de Outubro	Erno Antenor Prauchner e Helmuth Guth
Rincão do Tigre	.08,00 às 10,00	Centro Comunitário	Valdir Tiecher e José Nogar Corrente
Linha Base Sul	.16,00 às 18,00	Clube	Elmário Korb e Lindolfo Becker
Rincão da Ponte	.10,30 às 12,00	Centro Comunitário	Vilson Dabler, Anselmo Soares
Aracy Servas	.14,00 às 15,30	Escola	Valdir Dezordi e Olando Thomas
Barreiro	.07,30 às 10,00	Escola Faxinal	João Carlos Noronha Martins e Joceli Santos
Rincão Alvorada	.10,30 às 12,00	Centro Comunitário	Reinoldo Guilherme Dorn e Helmuth Servas
Rincão Fabrim	.14,00 às 16,00	Escola	Moacir Fronza e Siegfried Kraemer
Arroio das Antas	.16,00 às 18,00	Escola	Joacir Luiz Dezordi e Siegfried Kraemer
Sede	.08,00 às 12,00	Salão Paroquial	Nelson Krysczum e Francisco Milani
	14,00 às 18,00	Escola	Lotário Seibert e Lotério Picolli
		Escritório	Honorino Piccolli, Milton Brudna, Arno Muxfeld e Armindo Carlos Holzle

## T. PORTELA

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Alto Azul	.08,00 às 09,00	Pavilhão	Nilson Calgato
Barra do Fortuna	.09,00 às 10,00	Escola	Ludovino Splendor
Km 12	.10,00 às 11,00	Pavilhão	
Daltro Filho	.11,00 às 12,00	Pavilhão	
Esquina Cardoso	.13,00 às 14,00	Escola	
São Marcos	.14,00 às 15,00	Pavilhão	
KM 5	.15,00 às 16,00	Escola	
Linha Glória	.16,00 às 18,00	Pavilhão	
Três Marcos	.08,00 às 10,00	Pavilhão	Lorivaldo da Rocha
Linha Lebre	.10,00 às 11,00	Pavilhão	Edmundo Gotardi
Dois Marcos	.11,00 às 14,00	Pavilhão	
Cotovelo do Parizinho	.14,00 às 16,30	Pavilhão	
Barra Bonita	.16,30 às 17,30	Escola	
Lajeado Leão	.08,00 às 09,00	Pavilhão	Aléssio Fontaniva
Linha S. Luiz	.09,00 às 10,00	Pavilhão	Alberto Herdemann
São Pedro	.10,00 às 12,00	Clube	
Lajeado Librino	.14,00 às 15,00	Pavilhão	João Teló
Bele Horizonte	.15,00 às 16,30	Pavilhão	Olmiro Calai
Santa Fé	.16,30 às 18,00	Pavilhão	
Jaboticaba	.08,00 às 09,30	Pavilhão	João Santos da Luz
Jaburiti	.09,30 às 10,30	Pavilhão	Antonio Silvestre
Esquina Jaboticaba	.10,30 às 12,30	Pavilhão	
Capoeira Grande	.14,00 às 16,30	Salão	
Tiradentes	.16,30 às 18,00	Pavilhão	
Bom Plano	.08,00 às 09,30	Salão	Guilherme J. Kossmann
Linha Tigre	.09,30 às 11,00	Escola	Nilo Picinini
Barra do Guarita	.11,00 às 12,00	Escola	
Saltinho do Guarita	.13,30 às 14,30	Escola	
Linha Progresso	.14,30 às 15,30	Escola	
Linha São Miguel	.15,30 às 16,30	Salão	
Linha Bonita	.16,30 às 17,30	Escola	
Lagoa Bonita	.08,00 às 09,30	Pavilhão	Xisto Micolino
Capitel Santo Antonio	.09,30 às 10,30	Escola	Adílio Zatti
Linha da Paz	.10,30 às 11,00	Escola	
Barreiro	.13,00 às 15,00	Pavilhão	Enor Carniel
Vista Gaúcha	.15,00 às 17,00	Clube	Gentil Minuzzi
São Sebastião	.17,00 às 19,00	Clube	
N.Sra. de Lurdes	.08,00 às 09,00	Escola	Arnoldo Schovanz
Alto C. de Farias	.09,00 às 10,00	Escola	Nelson Breuning
Alto Alegre	.10,00 às 11,00	Salão	
Gamelinhas	.11,00 às 12,00	Igreja	
N. Sra. da Saúde	.13,30 às 15,00	Pavilhão	Mário Paludo
Braço Forte	.15,00 às 16,30	Salão	Lino D. Vicenzi
Perpétuo Socorro	.16,30 às 17,30	Clube	
N. Sra. Medianeira	.17,30 às 18,30	Escola	
Desimigrados	.08,00 às 10,00	Pavilhão	Vilson Manfroi
Centro Novo	.10,00 às 12,00	Pavilhão	Aloze Piazecki
Linha Jaques	.14,00 às 15,00	Escola	Teobaldo Elsembach
Barra Grande	.15,00 às 16,00	Pavilhão	Milto Mesten
Alto Bela Vista	.17,00 às 18,00	Pavilhão	
Esquina Santa Rosa	.08,00 às 09,00	Escola	Luiz Parizotto
Linha Concórdia	.09,00 às 10,00	Pavilhão	Daniel Haboski
Alto Colorada	.10,00 às 11,00	Pavilhão	
Esquina Colorada	.11,00 às 14,00	Pavilhão	
Cedro Mercado	.14,00 às 16,00	Salão	Eugênio Reimann
Esquina	.16,00 às 18,00	Pavilhão	Miguel Pereira
Pinhalzinho			
Esquina Ouro	.08,00 às 09,00	Pavilhão	Willy Artur Hardt
Linha S. Paulo	.09,00 às 10,30	Pavilhão	Emilio J. Valter
Linha Bonita	.11,00 às 12,00	Escola	
Coxilha Ouro	.14,00 às 16,00		
Bela Vista	.08,00 às 09,00	Salão	Anelio Pelizan
Sítio Gabriel	.09,00 às 15,00	Mercado	Albano Hermann
Colônia Nova	.15,00 às 16,30	Pavilhão	
Irapuá	.16,30 às 18,00	Salão S. Roque	
Derrubadas	.08,00 às 18,00	Mercado	Natanael Rigo e Eugênio Bagega
Tronqueiras	.08,00 às 18,00	Mercado	Bernardo A. Figur e Oswaldo Knecht
Miraguaí	.08,00 às 18,00	Mercado	Mário Guterres, e Sila Menezes
Sede	.08,00 às 18,00	Escritório	Albino Shepp, e Luiz Bassani
STR Tenente Portela	.08,00 às 18,00	Sede	Orlando F. Vicenzi, e Nelson Coldebella

## CHIAPETTA

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Cotrijuí	.08,00 às 18,00	Supermercado	Lauro Fritzen Celso Maboni
Sind. Trab. Rurais	.08,00 às 18,00	Sede	Daniilo O. Kautzmann Clarimundo Derlan
Cotrijuí	.08,00 às 18,00	Escritório	Dirceu Guarda Lara, Eduardo Mattioni
São Luiz (Santo Augusto)	.08,00 às 10,00	Salão Comunitário	
São Judas	.10,00 às 12,00	Escola	
L. Maurício Cardoso	.14,00 às 16,00	Escola	
As Brancas	.16,00 às 17,00	Escola Rural	Peri Rolim Machado
As Brancas	.17,00 às 18,00	Escola Municipal	e Oromir Dietrich
Rincão dos Stradas	.08,00 às 10,00	Escola	
L. São José	.10,00 às 12,00	CTG	
Vila Nova	.14,00 às 15,00	Escola	
Linha Modesta	.15,00 às 16,00	Escola	Antônio B. Boiarski
Rincão da Lage	.16,00 às 18,00	Escola	e Wilmuth Zachei





AJURICABA

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Ajuricaba	.08,00 às 12,00 13,30 às 18,00	Unidade	Paulo Ottonelli Ricardo Carlini
Linha 28 Norte	.08,00 às 12,00 13,30 às 18,00	Mercado	Floriano Breitembach Erani Sangiogo
Formigueiro	.08,00 às 12,00 13,30 às 18,00	Clube	Emilio Uhde Augusto Zencker
Pinhal	.08,00 às 12,00 13,30 às 18,00	Mercado	Vitalino Francisconi Dair Fischer Dionildo A. Bandeira
Linha 18 Norte	.08,00 às 09,00	Capela	Arnaldo Redlich Antonio Marquesin
Linha 15 Tuiuti	.09,15 às 10,30	Escola	Arnaldo Redlich Leonildo Hech
Linha 13 Norte	10,45 às 11,30	Escola Castelo Branco	Arnaldo Redlich Jaime Sperotto
Linha 14 Norte	.14,00 às 15,30	E.M. Rondon	Arnaldo Redlich Edgar Prauchner
Linha 15 Norte	.16,00 às 17,30	Carovi	Arnaldo Redlich José Bester
Monte Alvão	.08,00 às 09,00	Escola	Antonio Bandeira Ernest Fritz Höring
Linha 21 - Toso	.09,15 às 10,30	Clube	Antonio Bandeira Néδιο Zangirolami
Linha 24 Lauchmann	.10,45 às 11,30	Escola	Antonio Bandeira Atilio Zan
Linha 23 - esquina	.14,00 às 15,30	Escola	Antonio Bandeira Neri Bortolini
Linha 23 - Ressaca	.16,00 às 17,30	Capela	Antonio Bandeira Dari Bandeira
Linha 26 - Sião	.08,00 às 09,00	Escola 25 de Julho	Miguel Sapiecinski Vitor Tremea
Linha 26 - Sião	.09,15 às 10,15	Escola	Miguel Sapiecinski Nelson Mário Bandeira
Linha 27 Norte	.10,30 às 11,30	Escola Souza	Miguel Sapiecinski Arhuo Albrecht
Linha 29 Norte	.14,00 às 15,00	Capela	Miguel Sapiecinski João Calgato
Linha 30 Norte	.15,15 às 16,15	Escola Luiz de Camões	Miguel Sapiecinski Doralino Barbosa
Esquina Umbu	.16,30 às 17,30	Capela	Miguel Sapiecinski Vilso Tovo
Timbosal	.08,00 às 09,00	Clube	Valfrides A. de Souza Jací F. de Vargas
Barro Preto	.09,15 às 10,15	Posto Saúde	Valfrides A. de Souza Alvino de Jesus
1º de Maio	.10,30 às 11,30	Escola	Valfrides A. de Souza Ricardo Didoné
Bom Sucesso	.13,30 às 14,30	Escola	Valfrides A. de Souza Florindo Bona
Planchada	.15,00 às 16,00	Capela	Valfrides A. de Souza Alcides José Bandeira
Madeireira	.16,15 às 17,30	Escola	Valfrides A. de Souza Augusto Dambrós Filho

S. AUGUSTO

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Escritório	.08,00 às 17,00	Sede	Jorge A. Sperotto, Italvino Sperotto, Aniceto Nicoli, Irani A. Gonzatto
Sind. Trab. Rurais	.08,00 às 17,00	Sede	Noemi M. Bubanz, Valcir Luiz Gonzatto Lino A. Depieri, Hilário Klein
São Valentin	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	Albano H. Kessel, João C. Baraldi, Claudio Nicoli, Adilson Moresco
São Jacó	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	Oswaldir Andrighetto, Edgar Prauchnow, Orlando Pettenon, Batista Chiusa
Es. N. S. Fátima	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	Jorge L.S. Nascimento, João O. Schindler, Valdir Vender, Valzumiro Calgato
Passo da Lage	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	Eloi C. Padilha, Luiz Radin, Sylvino Pettenon, Aparício R. Mafalda
Coroados	.08,00 às 17,00	Salão Omunitário	Paulo R. Schmidt, José Heitor Copetti, Luiz Schreiber, Luiz M. Tamiozzo
S. Valério	.08,00 às 17,00	Salão Comunitário	Edmundo Stadler, Aloisio D. Steiger, Mario Bussiol, Leonildo Brigo
Sind. Trab. Rurais São Martinho	.08,00 às 17,00		Wilton E. Treuherz, Altino Weiller, Romeu Sphor, Antonio L. Göttens
Assis Brasil (Ajuricaba)	.08,00 às 17,00	Salão	Osmar Menegon, Acácio G. de Camargo, Arcelino Beazi, Eldevir A. Bordignon

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Sidrolândia	.08,00 às 18,00	Supermercado	Bernadino Stefanello Luiz Cesar Menezes
Sidrolândia	.08,00 às 18,00	Unidade	Eurico Alves de Souza Carlos Stefanello
Rio Brilhante	.08,00 às 18,00	Supermercado	Bernardo C. B. Sponchiado, Valdomiro Garcia Barbosa
Rio Brilhante	.08,00 às 18,00	Unidade	Inacio Milton Baungartner, Paulo Ezio Cuel
Rio Brilhante	.08,00 às 18,00	Douradina	Justimiano Menezes Simas, Juvenil Brignoni
Maracaju	.08,00 às 18,00	Supermercado	Fidencio A. Vieira, Antonio A. Zardim
Maracaju	.08,00 às 18,00	Unidade	Ezio Barbosa de Lima Eldo Miguel Vieira
Maracaju	.08,00 às 18,00	Vista Alegre	Pedro Valentin Seibert Neri João Stragliotto
Dourados	.08,00 às 18,00	Supermercado	Luiz Ferri, Darci Potrich
Dourados	.08,00 às 18,00	Unidade	Willy Guntzel, Cristiano Libich
Montese	.08,00 às 18,00	Posto	Joaquim Joseph R. Filho Edmar do Nascimento
Montese	.08,00 às 18,00	Sta. Terezinha	Cacildo B. Endres, Darci W. Bender
Indápolis	.08,00 às 18,00	Posto	Alcides de Souza Goes Izilino O. Potrich
Indápolis	.08,00 às 18,00	Dom Bosco	Antonio Conti Oliverio Hoffmann
Itahum	.08,00 às 18,00	Posto	Alcido Kreibich, Aristeu D. Cavalheiro
Caarapo	.08,00 às 18,00	Supermercado	Ryuiti Matsubara, Emilio Maran
Caarapo	.08,00 às 18,00	Unidade	Setuo Tomonaga Antonio Castilio Tenno
Laguna	.08,00 às 18,00	Laguna	Dilvo Luiz Parizotto Ademar Dalbosco
Ponta Porá	.08,00 às 18,00	Posto	Norberto Schneider, Francisco Sperotto
Tagi	.08,00 às 18,00	Posto	Dario Kirch, Waldir Zuse
Guaiba	.08,00 às 18,00	Posto	Claudio José Eidt Paulo Gesser
Aral Moreira	.08,00 às 18,00	Escola	Luiz Bonacina, Mansueto Bett
Bonito	.08,00 às 18,00	Loja	Benjamin Giacomel, Jurandir Faustini
Bonito	.08,00 às 18,00	Unidade	Nilton Picklerz, Nilton Vieira de Souza
Jardim	.08,00 às 18,00	Mercado	Julio Krombauer, Peri Cezimbra Lopes

D. PEDRITO

Núcleos	Horário	Local	Mesários
Cotrijuí	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Sede	Florencio Pereira, Oscar V. Silva, Jorge Peres
Sind. Empr. Rurais	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Sede	Floricio Barreto, Edelvio Barreto, Elizabete Sonego
Sind. Empr. Rurais	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Sede	Candido G. Dias, Francisco da Farina, Joel de Souza
Hortigranjeiros	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Hortigranjeiros	Leonildo Pötter, Sabino Moro, Alberto Machado
Mercado da Lã	.08,00 às 12,00 14,00 às 18,00	Mercado da Lã	Winnetonn Oliveira, Urbano Adolfo Freire, Darci Giacomini
Banc. do Brasil	.09,00 às 11,00 13,00 às 16,00	Agência	Dekarla Garcez, Arno Wollmann, Dinaldo Dupond
Banco Itaú	.09,00 às 11,00 13,00 às 16,00	Agência	Dalva Gan da Cunha, Edgar Severo Silva Neto
Campo Seco	.09,00 às 12,00	Leomar Leite	
Campo Seco (Caveira)	.14,00 às 17,00	Colégio Ana Rita	Salvador F. Soares, Antonino Yrigary, Glenio C. Ferreira
Vacaiaquá	.09,00 às 12,00	Moacir Nunes	
Encruzilhada	.14,00 às 17,00	Colégio	Élbio Severo, José Fischer, Agnelo Michelena
Tres Vendas	.09,00 às 12,00	Colégio	
Coxilha do Fogo	.14,00 às 17,00	Colégio	Norberto Felice, Paulo Tarouco Garcia, João Cesar Picolli
Ponche Verde	.09,00 às 12,00	Ambulatório	
Bolicho da Pedra	.14,00 às 17,00	Colégio	Odir Sphor, Luiz S. Forcin, Neli Farias
Ponche Verde	.09,00 às 12,00	Alvorino Xibiaque	
Ponche Verde	.14,00 às 17,00	Colégio Obelisco	Dirceu Gan da Cunha, Celestino Brondani, Roque Forcin
Fontouras	.09,00 às 12,00	Colégio	
Bento Rengo	.14,00 às 17,00	Gurizinho do Santo	José Antonio Peterle, Ronaldo Fick, Carlos Alberto Comasseto
Ferraria	.09,00 às 12,00	Colégio Ofanda	
Estrada do Meio	.14,00 às 17,00	Jacinto Colégio	Marino Alsani, Antonio Paulo Bueno, Guilherme Santos
Vautier	.09,00 às 12,00	Dr. Blanco	
Sanga Preta	.14,00 às 17,00	Antonio Garcia	Talilo Bandeira, Fernando Cardoso, João Antonio Blanco





# LEITE

## A venda de porta em porta

Em Tenente Portela são produzidos em torno de 5.000 litros por dia

"Tenho fregueses prá mais de 12 anos", diz o seu Ibanor Rosalino Piccinini, que ao lado da esposa, a dona Ermíria, nunca abandonou a atividade leiteira, nem mesmo quando comprou mais terras e aumentou as lavouras. Proprietários de 42 hectares de terra na localidade de Taquara Lisa, no município de Tenente Portela, os Piccinini vendem diariamente em torno de 35 litros de leite na cidade, para fregueses certos e "de muitos anos", como conta o seu Ibanor, o responsável pela entrega da produção na cidade. O restante do leite, que a produção diária anda por volta dos 50 litros, ele entrega nos mercados da cidade.

Mas quem cuida mesmo da atividade leiteira na propriedade é a dona Ermíria, que ajudada por uma de suas filhas, trata os seis animais e ainda faz toda a ordenha manual, que ordenhadeira a família achou por bem não comprar porque o volume de produção não compensa. O seu Ibanor e os três filhos solteiros — o casal tem ao todo nove filhos — cuidam das lavouras, que são muitas e sempre tem serviço.

### TIRA AS DESPESAS

O seu Ibanor vinha vendendo o leite, até antes do último reajuste, pelo preço de Cr\$ 770 o litro. Nos mercados ele entregava ao preço de Cr\$ 600 o litro, "porque tenho de deixar alguma margem de lucro para o comerciante". Apesar da vantagem de levar o leite de casa em casa e para fregueses certos — a propriedade dos Piccinini fica a uns dois quilômetros da cidade — o seu Ibanor e a dona Ermíria sempre tomaram cuidado de não assumir muitos compromissos que é para não ficarem em falta com algum freguês, caso alguma vaca deixe de produzir leite. E o dinheiro que tiram com a venda do leite, cobre todos os custos com gasolina para o transporte do produto que é feito de carro, "num velho fusca" e ainda sobra algum dinheiro para as despesas da casa, como conta a dona Ermíria:

— Temos tirado por volta de Cr\$ 1 milhão por mês. É um dinheiro que dá para tirar todas as despesas da casa, sem necessidade de pegar dinheiro da produção da lavoura. É claro que quando a gente vendia leite nas costas, o lucro era bem maior, só que hoje não vale a pena sair a pé, até a cidade com um carregamento de 50 litros de leite. De carro a entrega é mais rápida. O dinheiro da produção da lavoura, temos procurado aplicar na compra de terra, que sempre tivemos muito pouca.

### QUEIJOS E NATAS

Quem não tem a mesma sorte do seu Ibanor de morar tão pertinho da cidade é a dona Neldi e o seu Waldemar Dunque, proprietários de 15 hectares na localidade de Gamelinha, Tenente Portela e há muitos anos na atividade leiteira. A dona Neldi e mais os três filhos, a Renilda, a Senilda e o Remídio, não sabem o que é domingo, feriado ou dia de chuva, só que não levam a produção na cidade. A distância até a cidade é grande, e por esse motivo os Dunque preferem, mesmo sabendo que estão perdendo dinheiro, transformar toda a produção de 20 litros diários, em queijo e nata. "Se tivéssemos de vender o leite na cidade", diz o seu Waldemar, "a gasolina ia comer todo o lucro".

A dona Neldi até já está acostumada com a trabalhadeira de lidar com queijo todos os dias, mesmo que seja domingo, "que o leite não pode ficar guardado, esperando passar o fim de semana". Ela faz um queijo por dia, "mas já teve tempo em que fazia até dois", pesando em torno de um quilo e meio, que é vendido na cidade, nos mercados, por um preço que varia de Cr\$ 2.500 a Cr\$ 3.000 o quilo. Para fazer um queijo de um quilo, ela utiliza em torno de 10 litros de leite gordo. Se tira a gordura para fazer a nata, de mais saída no mercado, serão necessários em torno de 15 litros de leite. Diz a dona Neldi:

— A gente sabe que está perdendo dinheiro e serviço, mas sempre se tira algum dinheiro para as despesas da casa. Estou tão acostumada com a lida, que faço desde que casei, que nem ligo para tanta trabalhadeira. Depois de pronto o queijo, é só lavar todos os dias, até que fique bem curado.

### PANELAS DE LADO

Mas tanto o seu Waldemar como a dona Neldi estão só esperando o posto de recebimento e resfriamento de leite da Cotrijuí entrar em funcionamento, para entregar a produção na Cooperativa "e deixar um pouco as panelas de lado". Eles querem fazer uma experiência e se der resultado já têm até planos de investir mais na atividade, "uma saída, para quem, como nós, tem pouca terra", diz o seu Waldemar. Ele já vem fazendo pastagens para os animais — milheto, aveia —

## Complemento à lavoura

O leite é uma atividade que sempre ocupou algum espaço nas regiões de Tenente Portela e Miraguai, "mas que deverá estourar com toda a força a partir da entrada em funcionamento do posto de recebimento e resfriamento de leite da Cotrijuí", como observa o técnico agrícola João Flores. O posto construído em Tenente Portela e inaugurado no dia 25 de março, tem uma capacidade de recebimento para até 20 mil litros de leite diários. A obra representa um investimento de cerca de Cr\$ 300 milhões e servirá para atender antigas reivindicações dos produtores da região, que até o momento não vinham encontrando saídas para comercializar a produção.

O otimismo do técnico da Unidade de Tenente Portela tem fundamento, pois sem qualquer incentivo ou estrutura de comercialização, a atividade continua crescendo dia-a-dia. Calcula-se que hoje estejam sendo produzidos na região — entre Tenente Portela e Miraguai — em torno de 4.500 a 5.000 litros diários de leite. "Se a Cotrijuí tivesse montado um posto de recebimento há uns cinco anos atrás, diz, "seguramente que a produção local, diária, andaria por volta dos 20 mil litros de leite, tal é o potencial da região". Grande parte dessa produção, justamente pela falta de estrutura de comercialização, vem sendo vendida na cidade, de porta



Ibanor e Ermíria Piccinini



Waldemar e Neldi Dunque



Waldemar e Neli Brunig



José Martinelli

mas quer, "se tudo correr bem" construir um estábulo para o rebanho.

Também o seu Waldemar e a dona Neli Brunig, vizinhos dos Dunque, estão aguardando o posto para entregar a produção. Eles tiram em média 40 litros diários de leite, de sete vacas de raças cruzadas — holandês com jersey —. Mas o seu Waldemar faz questão de dizer que vai fazer uma experiência:

— Tudo vai depender das vantagens que o posto vai oferecer para o produtor, que vai desde o preço pago pelo produto, até a coleta e o horário de recebimento. Se o freiteiro vier buscar o leite em casa, já é uma grande vantagem, porque se ti-

ver de carregar o leite até a estrada, prefero fazer nata e queijo e vender na cidade, que tenho fregueses certo.

A dona Neli, que com a ajuda dos três filhos, cuida da produção de leite na propriedade, faz uma média de dois queijos por dia e alguma quantidade de nata, que tem a maior procura e fregueses garantidos de até oito anos. Toda a produção de queijo ela entrega num mercado em troca de rancho para casa. Não quer saber de vender leite na cidade porque não tem onde colocar e o compromisso é grande, sem falar nas despesas com a gasolina.

— Faço o queijo e a nata e vendo na cidade, sem nenhum compromisso. Tenho uns oito fregueses de nata certos, que até estão avisados, de que assim que o posto de leite começar a funcionar, vou parar de vender o produto.

### PROBLEMAS DE FREITEIRO

O seu José Martinelli, proprietário de 26 hectares na localidade de Lageado Librino, tem uma produção diária de 40 litros de leite, entregue no Posto de recebimento da Cotricampo, localizado em Bom Progresso, há uns 50 quilômetros de Tenente Portela. O grande problema do seu José e dos vizinhos que também estão na atividade é a distância do posto de leite até a localidade, agravado ainda pelas péssimas condições das estradas.

— Só aqui na nossa linha já passaram mais de 15 freiteiros em pouco mais de três anos e nenhum deu certo. Não entram na linha por causa das estradas e esperam que o produtor vá levar o leite até a localidade de Cedro Marcado, há uns três quilômetros de distância. Temos nos revezado no transporte até a vila, mas nem sempre o freiteiro aparece. Fica aquela quantidade de leite que tem de ser transformada em queijo e nata. O pessoal daqui só não desistiu ainda, porque a Cotrijuí está falando em abrir um posto de recebimento na cidade.

Há três anos na lida com o leite, o seu José ainda não pensou em investir na atividade, justamente pela insegurança de mercado, "um dia se vende a produção, no outro fica estocado em casa. Na cidade não adianta levar, que não tem comprador, nem saindo de porta em porta". Mas mesmo assim, ele acredita na atividade como um negócio viável, principalmente para quem tem pouca terra "e toda dobrada", como a da região. O leite não deixa ninguém rico, mas ajuda a defender o dinheiro do rancho".



João Flores

em porta, como produto "in natura". Aqueles que moram mais distantes da cidade e não têm fregueses certos, procuram outra saída, transformando toda a produção em queijos e natas.

O funcionamento do posto de recebimento, segundo o Flores, viria solucionar o problema daqueles produtores que estão fora do restrito mercado do leite e que por essa razão, transformam tudo em queijos, e vendem na cidade por preços inferiores. "O que queremos é resolver um problema e encontrar saídas que viabilizem a produção".

### COMPLEMENTO

Para uma região que se caracteriza por apresentar terras dobradas, muito minifúndio, pequenos proprietários — Portela tem ao todo em torno de 4.500 propriedades e Miraguai 1.500 —, o leite pode se transformar numa atividade plenamente viável e que vem complementar a agricultura. "É uma alternativa que o produtor não pode dispensar. Se a soja não rende o esperado, pelo menos o leite está garantindo alguma renda mensal", diz ainda o Flores.



# A lei que saiu da gaveta

Com a profissão regulamentada, técnicos agrícolas preservam um espaço conquistado há décadas

A assistência prestada aos agricultores, especialmente pelas cooperativas, nos últimos 20 anos, não seria a mesma sem a participação dos técnicos agrícolas. A partir de agora, este trabalho poderá ser ainda mais fortalecido, com a assinatura, pelo presidente da República, do decreto que regulamenta a lei 5.524. Esta lei disciplina as atividades dos técnicos de nível médio, e estava engavetada em Brasília desde 1968. No dia 6 de fevereiro, ela saiu da gaveta, para tornar oficial uma profissão que já existia de fato há mais de 70 anos.

O decreto regulamenta as atividades dos técnicos agrícolas e dos técnicos industriais, e dá um desfecho para a luta iniciada há vários anos por estes profissionais. Com a nova lei, o pessoal que atua nessas áreas terá maior autonomia, pois seu trabalho vinha dependendo da tutela de profissionais de nível superior. Além disso, os técnicos poderão organizar-se como categoria, formando sindicatos que cuidarão de suas reivindicações e das relações com empregadores.

## CONQUISTA

Sadi Pereira e Pedro Maboni, técnicos agrícolas da Cotrijuí, vinham participando do movimento para regulamentação da profissão, nos últimos anos, e reconheceram que esta era a mais esperada conquista da categoria. Sadi é vice-presidente da Aprotargs (Associação Profissional dos Técnicos Agrícolas do Rio Grande do Sul), que poderá agora ser transformada em sindicato. E Pedro Maboni ocupa a presidência do 3º núcleo regional da Atargs (Associação dos Técnicos Agrícolas do Estado), que abrange 10 municípios do Planalto Médio e Missões, além de integrar o conselho fiscal da Aprotargs.

Segundo eles, de imediato a nova lei assegura maior liberdade de ação aos técnicos. Com a regulamentação, eles poderão elaborar projetos agrícolas que envolvam soma de até 1.500 MVR (Maior Valor de Referência), o que corresponde hoje a Cr\$ 132 milhões. Poderão também prescrever recomendações para o uso de agrotóxicos, realizar a medição de áreas, trabalhos de pericia (Proagro) e a avaliação de lavouras e vistorias referentes à produção de sementes fiscalizadas.

Na verdade, a maioria destas atividades já vinha sendo desenvolvida pelos técnicos, em especial a vistoria de lavouras. Esse aspecto foi o mais enfatizado durante a campanha pela regulamentação. O trabalho na lavoura sempre foi tarefa da categoria, desde décadas atrás, quando



Técnicos agrícolas foram os pioneiros no trabalho de campo

se iniciou a assistência ao produtor pelas cooperativas e órgãos oficiais. Ainda hoje — segundo Sadi — 70 por cento da assistência ao agricultor, no Estado é prestada pelos técnicos.

## DIVERGÊNCIAS

Porque, então, a lei ficou tanto tempo na gaveta? Para os profissionais de nível superior, a regulamentação iria fazer com que houvesse um choque de atribuições entre eles e os técnicos de nível médio. O argumento fez com que a decisão do presidente da República fosse adiada por 16 anos. O certo é que esses profissionais questionam a capacidade dos técnicos agrícolas, e também dos técnicos em edificações e eletricidade, para a realização de trabalhos que eles consideram exclusividade do pessoal que tenha frequentado faculdade.

A prática, segundo Sadi Pereira e Pedro Maboni, mostra que este questionamento não tem sentido. Se tivesse, tudo o que os técnicos realizaram até agora, em termos de assistência, deveria também ser colocado em dúvida. As divergências envolvem, na verdade, uma preocupação com o mercado de trabalho. “Não queremos tirar o espaço de trabalho de ninguém, mas apenas continuar ocupando um espaço que conquistamos há vários anos”, afirma Sadi.

Ele lembra que as escolas para formação de técnicos agrícolas existem há 75 anos. Hoje, são 143 colégios desta área no país, e 23 em funcionamento no Estado. Calcula-se que foram forma-

dos até agora cerca de 100 mil técnicos no Brasil, sendo que 5 mil destes no Rio Grande do Sul. Foram eles que, durante muito tempo, ficaram encarregados de dar acompanhamento à lavoura, numa época em que eram raros os profissionais de nível superior em atividade.

Mas no início da década de 70, houve uma expansão do ensino superior, com a proliferação de faculdades que formaram milhares de agrônomos, veterinários, engenheiros e também outros profissionais. O mercado para eles, inicialmente favorável — em função até do chamado milagre brasileiro — foi ficando limitado, e o que acontece hoje é uma tentativa de ocupação de espaços que os técnicos de nível médio já ocupam.

## PESQUISA

“Os profissionais saídos das faculdades teriam como prioridade a realização de trabalhos científicos, desenvolvendo

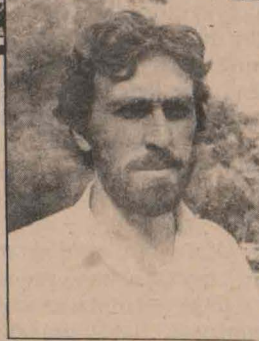
pesquisas em busca de uma tecnologia adequada à realidade brasileira”, observa Sadi Pereira, mas isso não ocorreu, em decorrência até mesmo da falta de incentivo oficial. O que aconteceu foi a transferência de tecnologias importadas para regiões do país onde a modernização determinou inclusive a inviabilização da agricultura. “Como exemplo, as sementes de hortigranjeiros são, em sua maioria, importadas, porque não houve atenção à pesquisa. Além disso, a pesquisa é centralizada no Brasil, sem levar em conta as características regionais, e é assim que iniciativas como as das cooperativas, nesta área, não contam com apoio”.

Sadi e Maboni consideram absurda a situação criada no país, “onde é grande a pressão para que um profissional tenha que chegar à universidade e obter um diploma de curso superior”, para poder trabalhar, por exemplo, no assessoramento às atividades agrícolas. Afinal, durante tanto tempo os técnicos de nível médio executaram esse trabalho, praticamente sozinhos. E o que é mais importante: acompanhando de perto e vivenciando o dia-a-dia de quem lida com a lavoura.

## ALIADOS

Os dois fazem questão de salientar que, de qualquer forma, os técnicos, não pretendem competir com qualquer outra categoria, mas ser aliados no aperfeiçoamento dos serviços ao agricultor. A luta pela regulamentação — lembram eles — apenas buscou o reconhecimento oficial para uma atividade que as próprias cooperativas já reconhecem de fato há muito tempo. Se não fosse assim, a Cotrijuí, por exemplo, não contaria hoje com 67 técnicos agrícolas, que atuam em várias frentes, desde a assessoria direta na lavoura até a elaboração de custos de produção e outros estudos.

A lei que regulamenta a profissão servirá de estímulo para que os técnicos agrícolas busquem o aperfeiçoamento dos serviços que prestam, mesmo porque ela irá dar a estes profissionais a segurança que não vinham tendo nos últimos anos. “Se não fosse nossa mobilização — afirma Sadi — iríamos desaparecer como categoria”. A próxima etapa desta luta será uma maior participação no Confea (Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia) que, através de órgãos regionais, atua como fiscalizador das atividades nesta área. Os técnicos, que contribuem financeiramente para a entidade, não têm ainda “direito a voz e voto” no Confea, segundo Sadi Pereira.



Sadi Pereira



Pedro Maboni

## Profissional prático e crítico

Centenas de técnicos agrícolas em atividade hoje no Rio Grande do Sul e outros Estados saíram do Instituto Municipal de Educação Assis Brasil, o antigo Imerab, que forma profissionais nesta área desde 1952. Essa escola de Ijuí, atualmente com 155 alunos — incluídos estudantes do curso de Economia Doméstica — é uma das mais tradicionais do setor. Dali, o técnico sai “sabendo fazer as coisas”, como diz seu diretor, Alcides Lucion. É o que mais interessa: com senso crítico, com consciência de que pode e deve ser agente transformador da atividade agrícola.

“Não queremos um técnico que fique na base do repeteco, mas que discuta, questione e proponha alternativas”, afirma Lucion, que dirigiu a escola de 1958 a

1972, e retornou à direção em 1983. O colégio surgiu em 1929, como colônia modelo, e em 1962 passou a formar técnicos agrícolas. Desde 1968 a escola mantém também um curso de Economia Doméstica. Cerca de 80 por cento de seus alunos são filhos de proprietários rurais da região, e a maioria deles conclui o curso com ocupação assegurada, em cooperativas, órgãos oficiais ou empresas rurais. Outros, retornam à propriedade da família.

## TERRA

A escola, que formou 58 técnicos agrícolas e técnicos em economia doméstica, no ano passado, retomou em 1983 o sistema de pensionato, abandonado nos últimos anos, com 28 alunos. Estes estudantes, que residem na escola, pagam

uma taxa de acordo com a renda familiar. Mas o projeto mais ambicioso de Lucion é o de transformar o colégio numa cooperativa, através da auto-suficiência de áreas específicas, administradas pelos próprios alunos. O projeto depende de aprovação, em Brasília, e pode entrar em execução ainda este ano.

Segundo Alcides Lucion, a melhoria do mercado para os técnicos agrícolas dependerá, essencialmente, da nova política a ser formulada para a agricultura,



Lucion: profissional deve ter visão ampla da realidade

e da atenção que se der à questão da terra. Ele ressalta que uma reforma na estrutura fundiária brasileira é decisiva para a agricultura, com repercussões imediatas no mercado disputado pelo técnico. Lucion está convencido de que o futuro para os profissionais desta área é promissor.



# COOPERATIVISMO

## Ocergs começa a defender postura política

Entidade terá eleições no final de março

Também a Ocergs — Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul, começa assumir uma postura mais avançada, diante das questões que, nos últimos anos, foram levantadas pelo cooperativismo. Essa postura, mesmo que possa ser provisória, pois a entidade tem eleições no dia 28 de março, foi manifestada pelo presidente Cyro Dias da Costa, numa reunião dia 7 último em Ijuí. Ele pregou a necessidade do engajamento político dos produtores e falou na democratização do cooperativismo, para cerca de 40 dirigentes de entidades da região.

A reunião foi realizada para escolha do nome que irá representar a regional, como integrante do Conselho Deliberativo, na chapa da situação que concorrerá às eleições do dia 28. O escolhido foi Justino Périus, da Cotrirosa, indicado por cooperativas de produção, eletifica-

ção, trabalho, médicos, consumo e transportes.

### ENGAJAMENTO

Cyro Dias da Costa, que coordenou o encontro, afirmou que "as cooperativas precisam estimular a representação política, para que esta seja legítima e corresponda à força econômica do sistema". Ele explicou que o cooperativismo deve estar empenhado na eleição de políticos comprometidos com o setor, e recomendou: "Precisamos inclusive interferir quando da formação dos diretórios partidários, para que não fiquemos apenas nos movimentos reivindicatórios".

A Ocergs é a entidade máxima do cooperativismo gaúcho, pois congrega as entidades de todos segmentos, desde as singulares até as centrais e federações, contando hoje com 462 filiadas. Sua representatividade, no entanto, vem sendo questionada,



Encontro em Ijuí reuniu cerca de 40 dirigentes

já que a organização não teria acompanhado a evolução de áreas que vêm assumindo uma postura mais crítica, como a que congrega as cooperativas de trigo e soja. A própria Ocergs, por sua vez, questiona a representatividade da OCB, a Organização das Cooperativas Brasileiras, como aconteceu em Ijuí.

### QUEIXAS

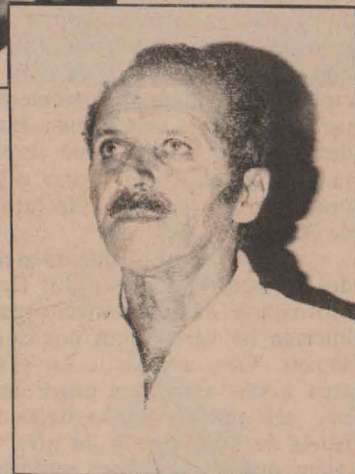
Uma das queixas da Ocergs se refere ao fato de que 33 por cento da receita da OCB são assegurados por contribuições das cooperativas gaúchas. O Rio Grande do Sul, contudo, não estaria representado na organização de acordo com a força política e econômica que possui no setor. Em junho, haverá eleições na organização brasileira, e desta vez os gaúchos esperam conquistar espaços que há bastante tempo reivindicam.

Mas antes a Ocergs é que terá eleições, e a reunião em Ijuí

faz parte da mobilização da atual diretoria, em favor da chapa oficial. Segundo Cyro Dias da Costa o encontro foi realizado para que seja colocada em prática uma das decisões do seminário estadual, realizado ano passado em Santa Matia, e que prevê a interiorização da Ocergs. João Batista Pinzon, do Departamento de Educação da entidade, completou dizendo que "a Ocergs também quer agir democraticamente, aprendendo com as cooperativas".

### CANDIDATOS

Essas posições foram defendidas em Ijuí, como parte da campanha da situação, que aposta em Adelar da Cunha, atual superintendente da Ocergs, para a presidência. A chapa oficial é integrada também por Bruno Wayhs, da Unimed de Ijuí, e Frederico Bavaresco, da Fecocergs — Federação das Cooperativas de Eletrificação Rural do



Cyro Dias da Costa

Estado. A chapa de oposição é integrada por Luiz Felipe Ferreira da Costa, de Alegrete, candidato a presidência, e conta ainda com Natanael Barreto, da Cooperativa dos Suinocultores de Montenegro, e Nilson Pinto Figueiró, das cooperativas de crédito mútuo, para a direção executiva. Cada uma das filiadas à Ocergs tem direito a um voto, nas eleições do dia 28.

# O BANCO QUE NÃO REFUGA SERVIÇO, TCHÊ.

## BANRISUL - PROJETOS

Quem tem conta no Banrisul está com tudo isso e não está prosa:

### CONTA FAMILIAR:

até o valor de 50% dos seus vencimentos.

### CHEQUE EXPRESSO CARTÃO VERDE-AMARELO:

garantido e descontável em mais de 3.000 agências dos Bancos Estaduais em todo o País.

## COBRANÇA DE TÍTULOS COM CORREÇÃO MONETÁRIA:

com base nos índices de correções das ORTNs e UPCs. Mais uma vantagem Banrisul.

## SISTEMA DE ACESSO A INFORMAÇÕES VIA TELEX:

contatos imediatos com o computador do Banrisul, via telex. Receba diariamente a posição de sua carteira de títulos e de sua conta corrente. Informações detalhadas.

## DEPÓSITO VERDE-AMARELO GARANTIDO:

garante o depósito de qualquer Cheque Especial, sacado contra Bancos Estaduais Comerciais, dentro do Sistema ASBACE de Depósitos Garantidos. Inclusive Cheques Superiores a Cr\$ 50.000.

## POUPANÇA ESPECIAL BANRISUL:

RDB e CDB com rendimento pré e pós-fixado, com pagamento mensal, trimestral ou no final do prazo. Letras de Câmbio. Open. Over e Ações.

E mais uma série de produtos e serviços a seu dispor. Fale com o Gerente de sua agência e use o seu Banco.

# banrisul

BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL S. A.



GOVERNO JAIR SOARES



# A caminho de novos rumos

Roberto Carbonera

Antes de se falar sobre a transformação radical na agricultura, parece ser de fundamental importância uma análise sobre a formação da sociedade brasileira. Isto porque a agricultura se insere no contexto geral da sociedade, tomando-se dependente das decisões políticas tomadas.

O próprio descobrimento do Brasil ocorreu no mesmo século do surgimento do mercantilismo, que é fundamentalmente uma pré-elaboração do capitalismo. Naquele período, o comércio era feito pelos burgueses — pessoas que viviam fora do sistema de produção agrícola. Aos poucos, estas pessoas começaram a acumular cada vez mais bens e riquezas, a ponto de financiarem os projetos de exploração dos portugueses. Por esta razão, o projeto brasileiro foi realizado de acordo com os interesses da burguesia européia, tanto para a venda de produtos quanto para o consumo. Um exemplo bem claro desta situação foram as Capitânicas Hereditárias — extensas áreas de terras não divisíveis e hereditárias, (que passavam de pai para filho) doadas a portugueses que as transformaram em extensos latifúndios.

Através destas extensas áreas de terras garantiu-se a posse da terra para produzir apenas aqueles produtos que interessavam à burguesia. No momento em que determinado produto deixava de dar lucro, era substituído por um outro. O trabalho era realizado com mão-de-obra escrava, ocupando em torno de 4 milhões de escravos nos 350 anos de escravidão no Brasil.

Com esse aspecto geral, fica relativamente fácil de entender as razões dos ciclos econômicos, começando pelo pau-brasil, seguido pelos da cana-de-açúcar, gado, mineração e os sub-ciclos do fumo e algodão e por último o ciclo do café, todos voltados para a exportação, exceção ao gado, que era utilizado como meio de transporte da cana-de-açúcar.

É importante salientar que a vinda do imigrante significou a substituição do trabalho escravo — a abolição ocorreu durante o ciclo do café —. O imigrante obrigou-se a trabalhar dois ou três anos nas fazendas, inclusive para pagar a sua própria viagem. Como o valor da terra geralmente era três vezes superior ao normal, impedia-se desta forma, que os escravos e imigrantes adquirissem terras, mantendo-se a estrutura do latifúndio.

## A INDUSTRIALIZAÇÃO

O ciclo do café durou até 1930, época em que muitos países já estavam industrializados. Em consequência da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, fechou-se o mercado externo para o café. Passou-se então a estimular a industrialização. Num primeiro momento, esteve mais voltado aos inte-



O intenso uso de agrotóxicos e de máquinas trouxe irreparáveis danos à agricultura

resses internos. Mas a partir do governo de Juscelino Kubetschek, abriram-se as portas ao capital estrangeiro. Foi montado um parque industrial com capital estrangeiro, que a partir de 1964, passou a conquistar o setor primário — Valmet, Ford, Chevrolet, Bayer, Shell, ICI, entre tantas outras — todas multinacionais que praticamente acabaram com as indústrias nacionais.

Então, o que verificou-se é que nos últimos 50 anos o Brasil adotou a idéia de "industrializar-se a qualquer preço", o que quer dizer que o setor rural também teve de entrar no mesmo ritmo. O centro das decisões, a partir de então, passou a ser da indústria.

Dentro dessa linha de pensamento passou-se a dar maiores benefícios às pessoas residentes nas cidades, com assistência médica, escolas, energia elétrica, comunicações, servindo de atração pela cidade, considerada uma das causas do êxodo rural. Houve com isto, uma liberação da mão-de-obra do setor rural para a área urbana. Como as indústrias empregavam poucas pessoas, formaram-se filas de desempregados em busca de uma colocação no mercado de trabalho. Em decorrência da grande procura por empregos, a indústria passou a diminuir os salários. Com a diminuição dos salários, também diminuiu o poder aquisitivo das pessoas da cidade. Com isto, o governo determinou que o setor rural produzisse alimentação barata. Por esta razão tabelou os produtos agrícolas, mas não os produtos industriais, o que ocasionou a descapitalização do produtor. Hoje nos deparamos com as consequências do modelo de modernização da agricultura direcionada para a exportação.

## EXPULSÃO

A população rural é de apenas 33

por cento contra os 68 por cento em 1940. De lá para cá, houve uma verdadeira expulsão do homem do campo para a cidade. Pode-se afirmar categoricamente, que não houve valorização das pessoas que moravam no meio rural e por isto foram para as cidades. Por outro lado, a concentração de terras agravou-se com o aumento dos latifúndios e a diminuição dos minifúndios, a ponto do país ter um dos maiores índices de concentração de terras do mundo. Da mesma forma, acontece uma grande concentração de renda, a ponto de 10 por cento dos mais ricos deterem mais de 50 por cento da renda e os 50 por cento dos mais pobres deterem apenas 15 por cento da renda.

Outra consequência do modelo agrícola adotado é de que o Brasil conquistou o terceiro lugar no consumo de agrotóxicos, tendo importado no primeiro trimestre de 1983 ao primeiro trimestre de 1984, 3.070.034 quilos de inseticidas, fungicidas e herbicidas (Revista Visão, 28.05.84). Só em 1982 foram gastos Cr\$ 366.862.822.00 em pesticidas. E todos sabemos dos problemas de intoxicação, da contaminação do solo, água e do ar. Também o excesso de uso dos agrotóxicos na agricultura não significou que a produção tenha aumentado neste tempo. Bem pelo contrário, pois nos últimos oito anos a produção se manteve praticamente a mesma, ocorrendo quebra na produção "per capita" de arroz, feijão, mandioca, milho e trigo, aumentando apenas a soja. Isto significa menos produtos na dieta alimentar do povo.

Quanto ao aspecto de energia, o intenso uso de máquinas, equipamentos, fertilizantes e agrotóxicos, tem tomado a agricultura energeticamente negativa para a maioria dos produtos agrícolas. Ou seja, a energia gasta para produzir ali-

mentos é maior, do que a energia ganha com os alimentos produzidos. E, como as reservas energéticas não renováveis são limitadas, há necessidade de se buscar alternativas, sob pena da produção agrícola sofrer um colapso.

Percebe-se que o modelo agrícola chegou em seu limite de exaustão. O aumento descontrolado da dívida externa e a inflação, forçaram a retirada dos subsídios agrícolas, por imposição do Fundo Monetário Internacional, enquanto que a agricultura, em outros países permanece subsidiada. Assim perderemos a capacidade de competição no Mercado Internacional.

## NOVOS RUMOS

Por estas e muitas razões, diferentes categorias profissionais, através de seus sindicatos e entidades representativas se reúnem para discutir a problemática agrícola. Parece-nos que agora, mais do que nunca, chegou a vez da maioria opinar e exigir uma política agrícola que contemple o homem acima de qualquer interesse.

A agricultura biológica, fundamentada em princípios sociais e ecológicos desponta como sendo um dos novos rumos a seguir. Trata fundamentalmente em transformar as estruturas sociais, procurando descentralizar as decisões, eliminando-se os trustes internacionais e latifúndios, os maiores causadores das desigualdades sociais.

Nesta proposta de agricultura, procura-se evitar a especialização, ou seja, a monocultura, pois esta limita não apenas a produção, mas acima de tudo, o pensamento. A monocultura do pensamento é a pior das monoculturas existentes. Com a agricultura biológica, busca-se a diversificação e integração de atividades através do envolvimento de diferentes categorias profissionais. Trata-se de reparar os danos causados pela chamada agricultura moderna, recuperando-se a fertilidade do solo através da vida. Realizar rotação de culturas, mantendo-se o solo em cobertura permanente, utilizar esterco e churrumes, não aplicar agrotóxicos; controlar a carga animal, produzir alimentos com mais valor biológico; regenerar e conservar a água e o solo; melhorar a composição da atmosfera; recuperar a paisagem rural.

Para realizar tudo isto, certamente não servirão os pacotes tecnológicos introduzidos, utilizando-se da persuasão para adoção pelos agricultores. Mas necessita-se de muita criatividade, de iniciativa, participação e consciência de todos para se conseguir uma nova agricultura.

Roberto Carbonera é agrônomo e coordenador da área de pesquisa e extensão do Centro de Treinamento da Cotrijuí.

## COTRIJUI: HÁ 27 ANOS AO NOSSO LADO PARA O QUE DER E VIER.

Quem trabalha na agricultura sabe que pode contar com a Cotrijuí para plantar, colher e comercializar, porque ela está sempre ao seu lado, dando assistência técnica, facilitando crédito, insumos, armazenando seus grãos e mantendo lojas e supermercados, com preços acessíveis aos seus associados.

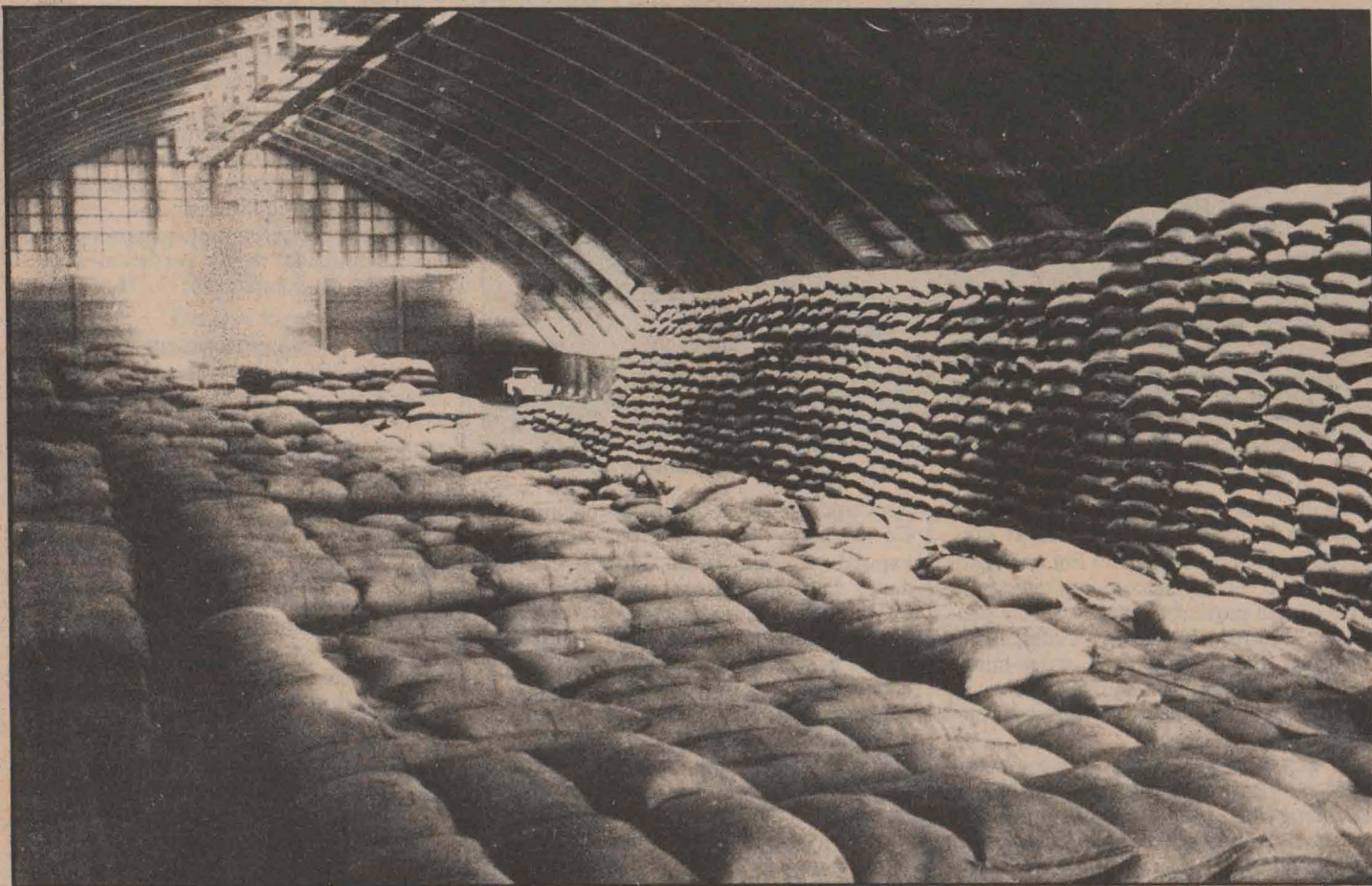




# O comércio agrícola mundial

Países subdesenvolvidos são os maiores importadores de alimentos

Argemiro Luís Brum — de Montpellier/França



O modelo de produção agrícola foi exportado pelos Estados Unidos, na década de 50, através da falada Revolução Verde

No último artigo que enviei (edição janeiro/fevereiro do Cotrijornal) procurei mostrar alguns pontos do jogo político e econômico mundial. Jogo em que, quer consideremos bom ou não, a nossa produção agropecuária está no meio. Destaquei naquela oportunidade que uma das heranças que o atual sistema econômico mundial está nos deixando é a estrutura do comércio agrícola e dos alimentos a nível mundial.

É em função deste ponto que pretendo analisar algumas idéias e comentar algumas informações que passam aqui pela Europa neste início de 1985, embora muitas destas idéias já venham de anos. O objetivo é analisar com um pouco mais de precisão como o comércio agrícola foi e está estruturado dentro deste atual jogo econômico internacional. A partir daí mostraremos algumas tendências para este novo ano.

## O CONTROLE DO MERCADO

Esta é uma questão que todos gostariam de conhecer, principalmente aqueles que trabalham no meio rural. Afinal, quem pergunta este tal de mercado agrícola? Uma pergunta que não está presente somente no Brasil. Em função disto e do interesse que ela desperta, auxiliado pelo maior número de informações existentes no momento a este respeito, vamos procurar dar algumas idéias que poderão ajudar na compreensão da estrutura do mercado agrícola mundial.

A idéia que se tem é a que os países subdesenvolvidos produzem produtos agrícolas para negociarem com os países industriais, ou mais desenvolvidos, conhecidos hoje como os Sete Grandes (EUA, Inglaterra, França, Japão, Canadá, Alemanha e Itália). Ou seja, os países subdesenvolvidos são os produtores de alimentos, enquanto os desenvolvidos são os produtores de bens industriais. E, que os primeiros produzem para alimentar os "Grandes".

O que não nos damos conta, quem sabe, é que este processo de exploração da terra e da mão-de-obra dos chamados

países do Sul (Brasil no meio), embora continue no seu sentido exato, em termos das trocas agrícolas, sofreu consideráveis mudanças depois de 1960.

O papel dos países subdesenvolvidos, de fornecerem matérias-primas agrícolas baratas aos desenvolvidos, cessa em torno de 1960, exatamente em função do processo mundial de reestruturação da agropecuária, através de uma modernização intensiva. Ou melhor, o processo muda as suas características.

O sul do Brasil entra neste jogo com o trigo e a soja. O resultado é que pensamos estar fazendo a modernização para melhorar nossas possibilidades internas de produção, melhor consumirmos internamente e exportarmos mais em busca de maiores recursos financeiros.

Na prática, a partir de 1960, é o contrário que acontece. São os países subdesenvolvidos que cada vez mais compram produtos agrícolas brutos ou transformados. Segundo o OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico), atualmente mais de 65 por cento das exportações mundiais de produtos agrícolas vêm dos países desenvolvidos. E assim, assistimos chocados o Brasil importando, não em poucas oportunidades, feijão, milho, carne e leite em pó, para citar alguns produtos.

Em 1980 os países em desenvolvimento representavam já 23 por cento da demanda mundial em produtos agrícolas (contra 16 por cento em 1967), 51 por cento da demanda de cereais, 34 por cento de produtos leiteiros (20 por cento em 1967), 31 por cento das importações mundiais de açúcar (19 por cento em 1967) e 21 por cento das de carne (5 por cento de 1967). Mesmo sobre o mercado de cereais forrageiros e de grãos oleaginosos — mercado que é constituído principalmente entre países desenvolvidos — a demanda dos países do Sul não cessa de crescer. Em 1980, a demanda dos países subdesenvolvidos, em cereais forrageiros, constituiu já 18 por cento das importações mundiais (4 por cento em 1967), e

22 por cento das de grãos oleaginosos (9 por cento em 1967)".

Conclusão: com o novo processo agrícola imposto pelos países desenvolvidos, ganhadores da 2ª. Guerra Mundial em especial, após 1960, o que se está vendo é um forte desenvolvimento das agriculturas destes países, chamados do Norte. No seio deste quadro os EUA passaram a "vender" em escala mundial o seu modelo de produção/consumo, apoiado no capital agro-alimentar internacionalizado.

Entretanto, a partir de 1973 (época do "boom" da soja no mercado mundial) ocorre um rompimento neste processo, caracterizado por constantes crises na produção de alimentos a nível mundial, com reflexos diretos nos preços recebidos pelos produtores e preços pagos pelos consumidores. De uma certa forma é a crise do modelo proposto pelos Estados Unidos da América após a 2ª. Guerra Mundial.

## O MODELO NORTE-AMERICANO

Em cima da idéia da Revolução Verde, espalhada pelo mundo a partir de 1950, os EUA difundiram o seu modelo de produção e consumo. Modelo este baseado em algumas linhas mestras e alguns acordos e leis decisivos.

### a) As principais linhas:

— capitalização das propriedades agrícolas (mecanização, etc. . .) e diminuição do número de propriedades de forma massiva, pois para produzir a mesma quantidade de produção, em diminuindo o número de propriedades, torna-se necessário introduzir mais capital no setor primário (isto significa crescimento das indústrias de máquinas e insumos e dos bancos financiadores do processo);

— especialização da produção segundo as regiões do mundo (estímulo às monoculturas);

— revolução técnica pela utilização de insumos industriais e de sementes produzidas pela pesquisa genética (a hibridização das sementes foi um passo decisivo neste sentido);

— intensificação da criação (avicultura, porco e bovinos) sobre uma base alimentar calcada em cereais e soja comprados sob forma de alimentos compostos das indústrias.

É em função disto que as exportações de trigo, soja e milho se desenvolveram nos EUA, acompanhando o movimento de modernização e fazendo deste país o maior produtor e exportador mundial destes produtos.

### b) Os principais acordos e leis:

— Kennedy Round, em 1964/67, (chamado assim porque foi no governo de Kennedy nos EUA), estabeleceu-se uma divisão de trabalho que consistiu em deixar a Europa proteger sua produção de cereais contra a concorrência externa, mas em contrapartida a Europa ficou obrigada a aumentar seu déficit (suas compras) em oleaginosas (soja, etc. . .). É neste contexto que a soja passa a ser importante a nível da consumação mundial, e o consumo de cereais nos países desenvolvidos aumenta consideravelmente. Em 1973/74, com o embargo que Nixon provocou contra a Europa, os principais países, como a França, buscaram outras fontes de proteínas para manterem seu processo de produção/consumo. É aí que entra o Brasil, e depois a Argentina, com a soja. Para muitos, foi o grande erro de Nixon, pois permitiu a intensificação da concorrência, porém, é importante salientar que, bem ou mal, a decisão permitiu o modelo norte-americano fosse decisivamente implantado no cone sul da América Latina (sul do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai);

— Forte aliança nos EUA entre o governo, os agricultores, as indústrias e os consumidores, sinalizando que a monopolização crescente da economia alimentar mundial seria para ficar, se desdesse deles. Dentro deste quadro, diversas instituições foram criadas: Conselho Americano dos Cereais Forrageiros (USFGC), Associação Americana da Soja (ASA), Agência Americana do Desenvolvimento Internacional (USAID), Agência Internacional para o Desenvolvimento (AID) ou ainda a Associação Americana do Trigo (USWA). Outros tantos organismos criados a nível mundial logo após a 2ª. Guerra, sob a tutela dos EUA, passaram a ser utilizados para completar o jogo fora das fronteiras dos EUA, tais como: Banco Mundial, Banco Interamericano para o Desenvolvimento (BIRD), Fundo Monetário Internacional (FMI), Acordo Geral de Comércio e Tarifas (GATT), etc. . .;

— Lei 480 (Public Law 480) em 1954. Segunda ela, o trigo, a farinha de trigo, o milho, e o óleo de soja, passam a ser fornecidos com um crédito de 40 anos com taxas de juros de 1 a 3 por cento ao ano, podendo o crédito ser pago em moeda do país receptor do produto, como foi o caso do Pequeno, em 1984, com a compra de 80 mil toneladas de óleo de soja. Uma verdadeira "ajuda alimentar" estrutural, isto é, não para ajudar a matar a fome dos países chamados pobres, mas sim para modificar os hábitos de consumo da população dos países subdesenvolvidos, antes mesmo que seus próprios agricultores e cooperativas estivessem prontos e com os meios de produção para satisfazer a nova demanda.

É neste jogo que o mundo se ocidentaliza, ou melhor, se norte-americana. A crise do mercado agrícola mundial em 1973/74, em função da já falada decisão do então presidente norte-americano, Richard Nixon, vem abalar esta estrutura e mesmo o próprio comando do mercado, até então tranquilamente em mãos dos EUA.



# A crise e suas características

Podemos afirmar que de 1945 (fins da 2a. Guerra) até 1950/55 os EUA estruturaram o seu modelo de produção e consumo. De 1950/55 até 1973/74 o difundiram pelo mundo. E, de 1973/74 até nossos dias, temos uma guerra aberta no mercado agrícola mundial, tendo como principais expoentes os EUA e a Comunidade Econômica Européia-CEE, seguidos em alguns raros casos, por países como a Argentina, Austrália, Canadá, e mesmo o Brasil, países que buscam ocupar algum espaço na briga generalizada que se instalou. Algumas características importantes desta fase de ruptura do modelo norte-americano são evidentes:

a) os preços das matérias-primas agrícolas, que até 1970 eram razoavelmente estáveis, passam a sofrer enormes oscilações, deixando os produtores ao azar ou como hoje se costuma dizer no sul do Brasil: "os preços agrícolas são uma loteria";

b) as cotações das moedas mundiais em relação ao dólar passam a oscilar violentamente, deixando o mercado mundial e as Bolsas de Mercadorias, como a de Chicago, em uma maior especulação ainda;

c) Os acordos entre países para melhor desenvolverem seus negócios, caem por terra. Em contrapartida os acordos bilaterais (entre dois países apenas), em muitos casos, acordos de favores apenas, se multiplicam. Por exemplo: o Brasil compra maçã da Argentina e arroz da Tailândia e em troca vende Volkswagen; o Japão compra farelo de soja dos EUA mas em troca vende Toyotas àquele país, etc. . .;

d) A riqueza dos países árabes, em função do "boom" do petróleo era fundamental para o desenvolvimento econômico mundial. Afinal era o dinheiro do petróleo, depositado nos bancos europeus e dos EUA, que, reinvestido por estes bancos, financiava o crescimento do mundo. Nesta época, o Brasil, e a grande maioria dos países subdesenvolvidos, construíram as suas dívidas externas impagáveis. Com a forte desestruturação dos preços do petróleo a nível mundial (também em 1973 - vejam como os fatos se ligam.) a crise econômica mundial se cristaliza, arrastando consigo a crise no mercado agrícola mundial.

## PETRÓLEO

Os preços elevados do petróleo forçaram os países do mundo a buscarem outras fontes de energia. Com isso, em pouco tempo a receita, em dólares, dos países árabes baixa. Isto se agrava após o segundo grande aumento dos preços do petróleo em 1979. Os países árabes passam a deixar menos dinheiro nos bancos europeus e dos EUA. O custo deste dinheiro (juro) sobe e estes bancos começam a diminuir o volume de empréstimos aos países em geral, em especial os subdesenvolvidos. Passam a exigir maiores garantias. Rapidamente os juros sobem a nível da produção econômica destes países, entre elas a agricultura. Começa a faltar dinheiro para financiar as lavouras e os produtores são "convidados" a colocarem mais dinheiro próprio em jogo. O Brasil conhece bem esta história. . .

e) Esta guerra econômica de um lado, e a guerra pelos mercados do outro lado, força a completa modificação nos negócios entre os países, deixando muitos países subdesenvolvidos em grave crise alimentar interna pois investiram em produtos de exportação apenas ("exportando poderemos pagar a dívida que estamos fazendo para modernizar o país", era a frase mais falada), copiando o sistema norte-americano em tudo;

f) É neste contexto que hoje uma grande maioria de países subdesenvolvidos, alguns com grandes extensões de ter-

ra, passam a importar seguidamente alimentos para o povo comer.

## CONSEQUÊNCIAS

Os resultados deste processo são interessantes e alguns bem conhecidos da maioria dos produtores rurais. Podemos enumerar aqui alguns dos mais importantes:

1) O mercado dos produtos agrícolas de exportação mais e mais ficou fechado na mão de algumas empresas internacionais. O caso dos grãos é típico, onde 5 grandes empresas dominam o mercado mundial;

2) Ao mesmo tempo mais e mais países, a nível do setor produtivo agrícola, se lançam em competição no mercado mundial, quase sem nenhuma infra-estrutura para tal, procurando ganhar os melhores preços. Atrás, sustentando o jogo, os mesmos grupos industriais e bancários que antes já haviam participado do processo nos países desenvolvidos;

3) Os EUA, economicamente uma potência indiscutível lançam mão de diversos mecanismos de controle sobre o mercado. Chegando ao extremo de pagar seus produtores para que não plantassem. O

famoso programa PIK (pagar os produtores em espécie, de acordo com a produtividade média de cada hectare não plantado) é ainda hoje intensamente utilizado. Em contrapartida, os países subdesenvolvidos, como o Brasil, são obrigados a produzir de mais a mais para pagar a dívida feita e sustentar o consumo (em muitos casos sustentar a importação de alimentos), porém, com um baixo rendimento por hectare e mesmo com um baixo rendimento do trabalho a nível agrícola, em relação as necessidades do país;

4) A renda do setor agrícola cai. O meio rural perde dinheiro. Isto ocorre em todos os países, mesmo nos EUA, apesar de todas as medidas e possibilidades existentes para ensaiar de evitar o problema. Na França, por exemplo, a renda dos produtores de leite deve ter caído em 9,2 por cento e a dos produtores de carne em 8,3 por cento, segundo as últimas informações, somente para dar alguns exemplos;

5) As bolsas de mercadorias, em especial a de Chicago nos EUA, tornam-se as vedetes do mercado internacional dos

alimentos. A especulação corre solta e as mesmas grandes empresas estão presentes com suas corretoras. A maioria dos produtos de exportação dependem deste jogo para terem o seu preço. Milhões de produtores colocam seu trabalho diário neste jogo, na maioria dos casos sem nada conhecerem sobre o seu funcionamento. Muitas empresas quebram nas bolsas de mercadorias, através do não menos "famoso" hedge. O Rio Grande do Sul é rico em exemplos destes casos;

6) O acirramento desta origem traz à tona a luta entre duas grandes regiões do mundo, pelo mercado agro-alimentar. Estados Unidos e CEE detinham em 1981 47,1 por cento do comércio mundial. Hoje, com fortes excedentes em trigo, carne, leite e milho, para citar alguns produtos, vêem-se obrigados a invadirem, cada um, os domínios do outro, já que não existem orçamentos que agüentem sustentar estoques do tamanho dos que existem nestes países. Além, é claro, de diminuir suas próprias produções, como é o caso do leite na Europa e a soja nos EUA, por exemplo.

## E vem aí o trigo híbrido

### INFORMAÇÃO

Em termos do Brasil especificamente, é fundamental encontrarmos um meio termo entre a produção para a exportação e a produção de alimentos básicos para comer. O Brasil tem condições físicas para isto. Precisamos das exportações dentro do atual quadro econômico e agrícola em que nos encontramos, mas não podemos ficar apenas com elas. Simplesmente porque, além de diversos outros aspectos, não temos o comando dos mercados agrícolas em que nos lançamos. Em muitos casos não temos nem mesmo o conhecimento do que se passa.

Assim, para avançarmos um pouco no caminho de um maior controle do mercado agrícola exterior que participamos (e isto serve para qualquer nível de mercado e comercialização), alguns pontos são importantes.

Em primeiro lugar, quem tem as maiores chances de comandar o mercado e com ele ganhar alguma coisa são os países que possuem as informações do mesmo. Em segundo lugar, é preciso saber interpretar estas informações para se tirar o máximo proveito delas. Dentro deste contexto é preciso ter claro duas coisas: em benefício de quem estas informações analisadas serão utilizadas e quem estará preparado para analisá-las e mesmo usá-las. Em terceiro lugar, é preciso compreender o processo político e econômico no qual a atividade agropecuária que realizamos está envolvida, em especial a nível histórico se possível. A partir daí o que está acontecendo hoje e suas consequências futuras serão melhor compreendidas. E é nestas consequências futuras, previstas, se possível, antes que a maioria, que se passa a comandar o mercado e ganhar com ele. Isto tudo exige um quarto ponto que é possuímos a infra-estrutura, incluído aí recursos humanos capacitados. É difícil? Justamente por não ser fácil é que poucos comandam os mercados. Em outras palavras, é fundamental encarmos a questão de frente em busca de alternativas de acordo com os nossos interesses.

(Esta análise sobre o comércio agrícola mundial foi elaborada com base no documento "O Comércio dos Produtos Agrícolas: da Regulação Global ao Fracionamento dos Mercados", L. Tubiana - pesquisadora Lei/INRA -, novembro/84, publicação IAM-M, Montpellier/França).

O que é preciso ficar claro ao concluirmos esta análise é que todas as "armas" são postas em ação nesta guerra de mercado. Neste sentido, podemos acrescentar algumas informações:

a) O mercado dos produtos de exportação continuará estrangulado por uma acirrada disputa. Cada vez menos os países possuem dinheiro para comprar e cada vez mais a produção tende a aumentar, fazendo baixar os preços das matérias-primas. Apenas para citar como exemplo, comparando 31 de dezembro de 1983 com o de 1984, vejam o que ocorreu com as cotações internacionais dos produtos agrícolas de exportação pelo mundo:

Cacau (em dólares/Ton.) - 2.720 para 2.041 - -25 por cento (Bolsa Nova York).

Farelo de Soja (em dólares/Ton.) - 224,70 para 140,40 - -38 por cento (B.NY)

Açúcar (em cents/libra) - 7 para 3,18 - -120 por cento (Bolsa N. York).

Milho (em cents/bushel) - 337 para 266,50 - -21 por cento (Bolsa Chicago).

Trigo (em cents/bushel) - 363,50 para 345 - -4,5 por cento (Bolsa Chicago).

b) O mercado dos insumos, ao mais alto nível da sofisticação, estará jogando pesado para não perder seu espaço e seus lucros nesta crise do mercado agrícola em geral. Neste sentido podemos destacar a entrada em cena da semente de trigo híbrida.

Todos devem conhecer a importância que a semente de milho híbrida ganhou no mercado mundial e brasileiro em particular, quando surgiu. A simples condução de não poder ser reutilizada numa próxima safra, obrigando os produtores a todos os anos comprarem sementes novas, abriu uma verdadeira mina de ouro às indústrias destes sementes. Ao mesmo tempo, praticamente eliminou, com sua vantagem de maior produção, a semente "crioula".

## TRIGO HÍBRIDO

E neste sentido que as indústrias de sementes pensam fazer com o trigo. Em pouco tempo deverá estar penetrando no Brasil a idéia do trigo híbrido. Na França, duas variedades deste trigo já foram autorizadas à venda. Batizadas como Frandoc-Festin e Courtot-Fidel, foram obtidas pelas empresas Rustica, companhia de sementes do grupo ELF, e Ringot, filial da União Nacional de Cooperativas Agrícolas

de Cereais (UNCAC), ambas associadas a multinacional ROHM AND HAAS, dos EUA.

Ao mesmo tempo, também aqui na França, a Cooperativa de Pau, da cidade do mesmo nome, acaba de se associar ao grupo multinacional MONSANTO para trabalharem com sementes de trigo híbridas e a biotecnologia. Por sua vez a Monsanto comprou seu programa de seleção de trigos híbridos de outra multinacional, a DEKALB.

O jogo é pesado e a guerra nesta área está aberta. A associação entre a Monsanto e a Cooperativa de Pau tem como capital inicial 40 milhões de francos (4,1 milhões de dólares hoje).

Por outro lado, esta guerra tende a abrir um fabuloso mercado, pois embora as sementes possam dar um melhor rendimento, terão que ser adquiridas todos os anos. É de se estudar em que situação poderá ficar a produção de trigo, a nível econômico para o produtor rural, aí no Brasil, assim como em todos os países subdesenvolvidos, onde os custos de produção são elevados. Como se vê, este é o outro lado do mercado agrícola que não pode ser esquecido.

c) Enfim, embora o ano de 1984 tenha terminado com índices favoráveis para os países desenvolvidos, em especial em termos de inflação (a França ficou com uma inflação anual de 6,7 por cento contra 9,3 por cento em 1983), o poder de compra não tem aumentado, assim como o ritmo de consumo (na França a baixa no consumo em 1984 foi de 2,5 por cento). Isto impede o crescimento da produção e do comércio agrícola europeu, por exemplo, que se encontra numa séria situação de não ter onde colocar o que produz.

A tendência é aumentar mais ainda a concorrência no mercado externo e diminuir as importações do que for possível. E as coisas se tornam mais difíceis para o comércio mundial porque o dólar continua batendo recordes de alta em relação as moedas do mundo, em especial as européias. Depois da metade de novembro/84 só fez subir, chegando neste meado de janeiro/85 em 9,78 francos (o nível mais alto dos últimos 20 anos). Isto dificulta as compras no mercado internacional, justamente dos países com mais condições de fazê-lo, os mais ricos.



# EM HONDURAS, SINALOA

## As propriedades são coletivas

Grande parte dos agricultores hondurenhos, mais especificamente os da região do Vale do Bajo Águan, em Sinaloa, trabalham agrupados em pequenas cooperativas com área de no máximo 300 hectares de extensão no cultivo da palma africana. Sinaloa é uma pequena localidade situada há 10 quilômetros da cidade de Tocoa, do sul do estado de Colón. Essas pequenas cooperativas integram um projeto de reforma agrária que começou a ser instalado na região em 1970. Quem andou constatando essa realidade na região do Vale do Bajo Águan, foi o técnico em Comunicação e Educação da Cotrijuí, João Frantz, que representando a Fidene/Unijuí prestou um trabalho de assessoria na área de organização do quadro social à Cooperativa Agroindustrial de Reforma Agrária de Honduras, a Coopalma. O João Frantz permaneceu 30 dias na região, convivendo com pequenos agricultores da palma africana e com dirigentes das Cooperativas.

O Vale do Bajo Águan, onde está instalada a Cooperativa Agroindustrial de Reforma Agrária — a central que congrega outras 55 pequenas cooperativas de base —, era até 1960 ocupada por uma empresa multinacional com propostas de introduzir na região a cultura da banana. Para tornar viável seu projeto, essa empresa chegou, inclusive, a montar toda uma infra-estrutura de transporte da produção com a construção de estradas de ferro. Ela empregou na época 1.500 agricultores, mas não teve êxito em seu empreendimento em função do clima desfavorável ao desenvolvimento dos bananais na região. Frente a tantos investimentos e poucos retornos, a empresa desistiu do seu projeto, desmontou toda a estrutura construída e deixou milhares de famílias camponesas desempregadas.

### LUTA PELA POSSE DA TERRA

Todo o processo de reforma agrária começou a partir da desmobilização dessa empresa multinacional, gerando graves conflitos de terra na região. Os próprios camponeses, desempregados, criaram o direito pela posse da terra. Os primeiros reassentamentos na região iniciaram por volta de 1970 e as primeiras colheitas da palma africana entre 1976 e 1977. Como na época não existia uma estrutura de mercado capaz de absorver a produção, o governo resolveu implantar na região uma indústria estatal que funcionou até 1980, quando os agricultores, através dessa empresa, transformando-a numa Cooperativa Central, a Coopalma. Atualmente 55 cooperativas singulares e com áreas coletivas fazem parte dessa

Central, mas o projeto é para 63 cooperativas.

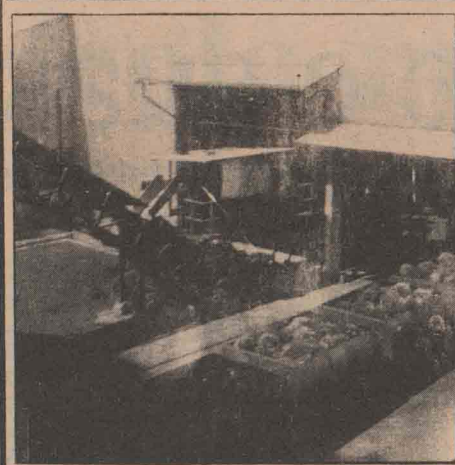
Segundo o João Frantz, cada grupo de 70 a 100 famílias forma uma cooperativa singular, com toda a estrutura legal. Esses agricultores recebem pelo seu trabalho — já que a produção é da cooperativa e as áreas de terra são coletivas —, uma espécie de remuneração. Todos os funcionários da Central são agricultores provenientes das cooperativas de base, que diariamente deixam suas casas e se deslocam até os escritórios da Coopalma em Sinaloa. Esse projeto de reforma agrária da região de Bajo Águan vem sendo financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento e executado pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária.

### A PRODUÇÃO DA REGIÃO

O projeto da Cooperativa de Palma estende-se numa área de 10.200 hectares. A produção anual de palma africana anda por volta das 130 mil toneladas. A produção de óleo é de 21.045 toneladas e a de amêndoa, ao redor de 4.200 toneladas. Das amêndoas das palmas eles produzem em torno de 2.300 toneladas de torta de amêndoa. Esse processamento é feito por cinco indústrias — duas com tecnologia nacional e três holandesas —, pela própria Coopalma. A capacidade de esmagamento de frutas frescas destas cinco indústrias é de 61 toneladas/hora.

Uma série de problemas que vão desde a falta de comunicação entre a Central e as cooperativas singulares; o não cumprimento da entrega da produção até a rotatividade de funcionários tem sido responsável pela péssima qualidade do produto industrializado. “O azeite, explica o João Frantz, é um produto de qualidade inferior com um grau de acidez de até oito por cento, quando se sabe que existe uma regulamentação fixada pelo comércio internacional, que normatiza o grau de acidez em até cinco por cento.” Muito pouco azeite é considerado produto de qualidade e de exportação, sendo que a maior parte da produção é comercializada no mercado interno, com aproveitamento para a fabricação de sabão, a preços bem inferiores e que nem sempre cobrem os custos de aquisição da matéria prima.

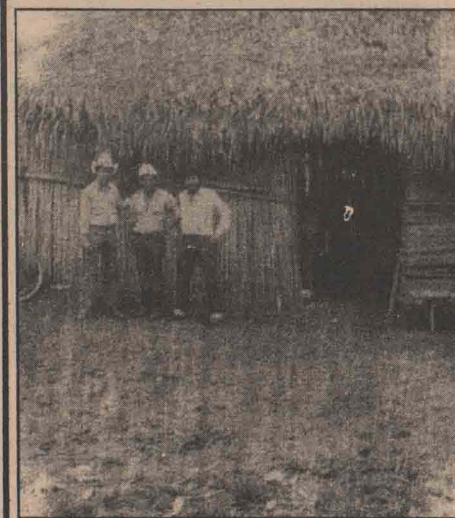
O sistema de habitação dos agricultores da região é bastante rudimentar. A maioria mora em choupanas de paredes de barro e cobertura de palha. Algumas cooperativas mais desenvolvidas começam a ingressar num programa de financiamento, na intenção de construir casas mais adequadas e que proporcione melhores condições de moradias a seus associados.



A transformação em azeite



Plantações da palma africana



As casas são de palhas



João Frantz: trabalho de assessoria na organização do quadro social

Somando-se aos problemas de moradias, os agricultores não têm assistência média e social e muito menos escolas. É uma região onde 63 por cento dos agricultores são analfabetos e 20 por cento mal sabem escrever o nome, mas são considerados alfabetizados.

### PROBLEMA DA ROTATIVIDADE

A preocupação da Coopalma está centralizada na formação de um Departamento de Comunicação e Educação, que seja responsável por um maior intercâmbio entre a própria Central e suas cooperativas singulares. O interesse da Coopalma pelo trabalho de comunicação e educação na área cooperativista surgiu a partir do Seminário sobre Comércio Agroindustrial, realizado em Porto Alegre, no final do ano passado e que contou com a participação de cooperativas da América Central. Durante o Seminário, German Cala Gaitan, gerente geral da Coopalma ouviu alguns professores da Fidene/Unijuí falarem sobre o trabalho de organização do quadro social, por cooperativas da região.

A rotatividade de agricultores que são destinados a trabalharem na Cooperativa Central por suas singulares é muito grande — a cada quatro meses as singulares mudam um novo grupo de agricultores para a Central e chamam outro de volta — gerando desta forma problemas de insatisfação — de falta de motivação, e de

baixos rendimentos. “O que os dirigentes querem, explica o João Frantz é criar mecanismos que levem as próprias cooperativas de base a terem uma melhor compreensão da necessidade de organizar administrativamente a Central”. Então, junto com todo um trabalho de comunicação e educação, a Central também está querendo organizar melhor seu quadro funcional, através da implantação de um Departamento de Desenvolvimento de Pessoal, “que ainda não existe em nenhuma cooperativa”.

Um exemplo bem claro da falta de organização do próprio quadro social pode ser medido pelas assembleias, onde o associado — com direito a voto e voz — mandado representar a sua cooperativa de base, é escolhido sem o menor critério e organização. “Não existe nada de oficial. A cooperativa simplesmente escolhe um associado à sua vontade e manda representá-lo, conta o João. É justamente todo esse quadro cheio de distorções no relacionamento entre cooperativas de base e a Central que os dirigentes e associados estão querendo corrigir. A Coopalma, por ter vindo de uma empresa estatal, ainda não é vista pelos seus associados como uma Cooperativa. E foi no sentido de melhor organizar o quadro social e funcional, que prestamos todo um trabalho de orientações e assessoria”, explica o comunicador.

## A visita dos alunos

O trabalho que a Cotrijuí vem realizando na área de produção de Sementes foi uma das razões que trouxe até Ijuí um grupo de alunos do Curso de Pós-Graduação em Tecnologia de Sementes da Universidade Federal de Pelotas. Junto com os alunos vieram os professores Silmar Teichert Peske, coordenador do Curso de Pós-Graduação e Antônio Carlos Souza Albuquerque Barros. Titulares da disciplina de “Produção de Sementes”, os professores ainda fazem parte do Centro de Estudos e Treinamento em Tecnologia de Sementes e Mudanças da Universi-

dade.

Na visita que fizeram a Cotrijuí, os alunos e professores conheceram todos os trabalhos de pesquisa e extensão que vêm sendo realizados no Centro de Treinamento, dando maior atenção a área de produção de Sementes. Também fizeram questão de conhecer o Laboratório de Análise de Sementes da Cooperativa, para se inteirar do trabalho que a Cotrijuí vem realizando junto ao quadro social. Todas as explicações sobre o funcionamento do Laboratório e atendimento aos associados foram prestados pela agrônoma respon-

sável pelo Laboratório de Sementes, a Ana Maria Alquati.

Todo esse interesse pelo trabalho que a Cotrijuí vem fazendo na área de produção de sementes, segundo o professor Antônio Carlos, tem como suporte o fato de que existe a intenção da Univer-



O Laboratório de Sementes também mereceu atenção dos visitantes

sidade de Pelotas de realizar um trabalho em conjunto com a Cotrijuí.



NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

# A luta por seus direitos

Cerca de 200 mulheres, vindas do interior de Ijuí, Catuípe, Jóia, Augusto Pestana, Ajuricaba, Chiapetta, Santo Augusto e Coronel Bicaco, marcaram o Dia Internacional da Mulher — comemorado no dia 8 de março — de forma diferente: discutindo seus problemas. O encontro aconteceu durante todo o dia no Instituto de Educação Rural Assis Brasil, em Ijuí e que contou com a participação de um grupo de mulheres da cidade, foi promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, com a coordenação da Irmã Anete Sens e do educador Danilo Trevisol. Esse encontro veio marcar mais uma etapa do trabalho de organização da mulher rural na região. A própria Cotrijuí, através do seu Departamento de Comunicação e Educação vem trabalhando de forma mais sistemática com mulheres rurais desde 1976 e anualmente tem feito um encontro geral, onde questões com caráter educativo ou que falem da discriminação da mulher, do seu não reconhecimento como trabalhadora, têm sido amplamente discutidos.

Ao abrir o encontro, Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, disse que o dia não era para festas, lembrando os fatos que originaram a data. No dia 8 de março de 1875, na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, 129 mulheres que trabalhavam numa fábrica de tecidos decidiram fazer uma greve para exigir melhores condições de vida; redução na jornada de trabalho para 8 horas e salários igual para igual trabalho. Os patrões não atenderam suas reivindicações e como represália a greve, fecharam todas as portas e incendiaram a fábrica, matando todas as mulheres. "A origem desse dia significa tristeza de um lado e muita luta de outro, embora hoje ela tenha ganhado outros significados", disse Karlinski, convidando as mulheres presentes ao encontro a reservarem o dia para muita reflexão da situa-

ção da mulher como trabalhadora rural, sem nenhum direito e nenhuma assistência.

"Essa luta", disse Danilo Trevisol, "tem que ser pensada de fato por vocês mulheres trabalhadoras e discriminadas". Mais adiante colocou algumas questões relacionadas com o fato da mulher não ter direito a aposentadoria por tempo de serviço, não ser considerada como trabalhadora rural, não ter direito a auxílio natalidade. "A lei não considera que a mulher rural seja um profissional. Elas são simplesmente consideradas como dependentes dos maridos".

## MAIS UNIÃO

Para melhor estudar as questões levantadas no início do encontro, as mulheres se reuniram em grupos e depois foram a plenário, onde puderam apresentar suas propostas, suas idéias e suas conclusões sobre os caminhos a tomar para que essa situação seja modificada. Um grupo afirmou que a mulher rural vem sendo discriminada porque ainda não está unida. "Apenas uma minoria vem lutando, mas ainda com poucas esperanças de que suas reivindicações sejam atendidas".

Uma forma de modificar essa situação discriminatória é trabalhar unida, disse ainda o mesmo grupo, sejam elas trabalhadoras rurais ou urbanas. "Precisamos trabalhar unidas em busca de soluções para os problemas que são de todas". Bem nesse ponto surgiram algumas divergências, com algumas mulheres se manifestando contra a união. Essa divergência foi reforçada pela coordenadora dos debates, a Irmã Anete Sens, que chegou a afirmar que quando a mulher da cidade fala, a mulher rural se cala. Mas apesar das contestações, os demais grupos também prepararam a união entre as mulheres, pois acreditam que isoladas não vão atingir seus objetivos. "Até para realizar um boicote", falou um grupo, "precisamos estar unidas. As mulheres rurais



Reunidas em plenário ou em grupos, as mulheres discutiram a situação de discriminação da mulher rural



unidas com as mulheres da cidade.

Elas reivindicaram ainda maior apoio, inclusive dos próprios maridos, do Sindicato — abrindo mais espaços para participação — e melhor organização. Afora estas questões, elas também pediram aposentadoria aos 50 anos; que o ICM volte para o seu município de origem; a separação do Funrural do INPS, "para se ter melhor atendimento" e assembleias organizadas. Mas a mobilização, segundo admitiram, deverá partir de cada família, de cada núcleo, de cada sindicato, com um único objetivo: a união de todas as mulheres no Estado.

## COMO PROMOVER

As discussões e os trabalhos em grupos continuaram na parte da tarde, quando as mulheres puderam refletir melhor sobre as formas de como promover essa

união. Outra questão discutida tratou de encontrar formas de organizar o encontro estadual das mulheres trabalhadoras rurais e as assembleias municipais, onde deverão ser discutido os seus direitos.

Nas discussões em plenário, elas disseram numa só voz que antes de partir para um encontro estadual, a mulher precisa estar melhor preparada, "com muita clareza do que realmente está querendo" chegando inclusive a sugerir que uma pessoa seja do Sindicato ou da Cooperativa coordene este trabalho de preparação. Garantiram que somente com propostas concretas é que terão condições de se organizar e reivindicarem seus direitos. Somente organizadas é que poderão fazer valer seus direitos de trabalhadora rural, deixando de serem tratadas apenas como "do lar" ou "doméstica".

# Maior amplitude

"Toda essa discussão que a mulher vem fazendo é mais uma caminhada na luta pela conquista de seus direitos", diz a Coordenadora do Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí, Noemi Huth, ao lembrar que hoje, muito mais do que há uns 10 anos atrás, a mulher está tendo mais clareza do que realmente quer. Ela está assumindo mais sua luta. Só que toda essa luta, no entender da comunicadora, tem que ser desenvolvida com muito mais amplitude, não só dentro da Cooperativa ou do Sindicato, mas também em todos os outros segmentos da sociedade brasileira. "O tratamento à condição da mulher tem que ser reconhecida no dia-a-dia e não apenas em datas pré-estabelecidas, como a movimentação que ocorreu no Dia Internacional da Mulher". Diz também que não se pode ignorar a importância do dia 8 de março até pela sua origem e que de qualquer forma, merece reflexão. "Só que a mulher e seus problemas de discriminação não devem ser lembrados apenas nesse dia".

Que a mulher da região já caminha organizada não restam mais dúvidas e uma prova disso, segundo a comunicadora, foi dado a partir do IV Encontro Integração da Mulher Rural, realizado no final do ano passado e que contou com a

participação de 1.300 mulheres. No Encontro a mulher se levantou, discutiu e propôs a luta contra toda a espécie de discriminação; a aprovação do projeto dos agricultores, encaminhados ao Ministro da Previdência em abril de 1983; a aprovação das propostas apresentadas pela Fetaq no ano passado e que falam em crédito subsidiado, melhores preços aos produtos agrícolas, redução dos juros para financiamento de lavouras até 50 hectares e reforma agrária; imediata modificação dos modelos econômicos, agrícolas, político e social; reajuste mensal dos preços mínimos; o reconhecimento da profissão de trabalhadora rural; maior participação nos Sindicatos e Cooperativas e aprovação de um novo Código Civil Brasileiro.

Ficou bem claro, a partir desse IV Encontro que a mulher tem bem claro na sua cabeça que terá de conduzir a sua luta, mas que para isso, precisa estar organizada e unida. "E se existe algum exemplo que a mulher rural da região pode dar, segundo a Noemi, é o de organização, um trabalho que vem sendo feito desde 1976, só que precisa ser reconhecido por outros segmentos da sociedade".

## MAIORES ESPAÇOS

O fato da mulher estar indo ao Sindicato, na busca de seus direitos é u-



A mulher da região vem se organizando desde 1976

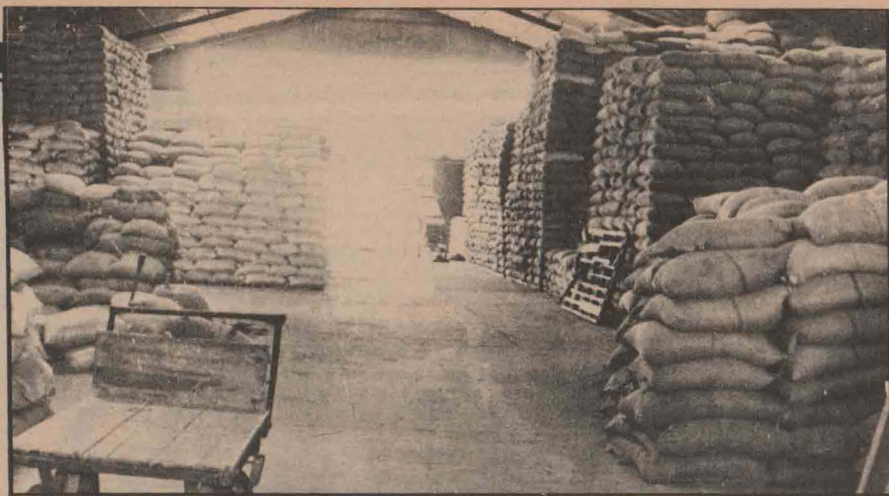
fato que a Noemi considera de grande importância dentro do processo de luta pelo reconhecimento da mulher rural como força produtiva. "A Cooperativa, mesmo sendo uma instituição econômica com uma série de limites, tem assumido a sua parte, abrindo espaços para a participação da mulher". A comunicadora cita como exemplo de participação da mulher na Cotrijuí o fato de ter direito a voz e voto no Conselho de produtores de Leite.

"Pode ser que essa participação não seja o ideal para a mulher, mas é um espaço que ela própria abriu dentro da Cooperativa. O seu trabalho na cooperativa é muito mais importante do que se pensa ou parece. Não é apenas um apên-

dice, mas é parte integrante de um todo".

Se as mulheres urbanas têm algum direito, é porque elas saíram à luta e conquistaram o seu espaço, e a história do dia 8 de março muito bem expressa essa realidade. Para a Noemi, as conquistas da mulher urbana devem servir até de exemplos alentadores para a mulher rural. "A questão da discriminação da mulher, quer seja urbana ou rural, é uma luta de toda a sociedade, de homens e mulheres". E para que esta situação se modifique, sugere muita união e organização entre as próprias mulheres. "Ela precisa, daqui para frente, se fazer presente em todos os espaços. E mesmo agora, quando se fala na construção de uma Nova República, a mulher não pode ser esquecida".





A semente fica armazenada na Cooperativa até o plantio

## Contrato de permuta: Garantindo a semente

Os associados da Cotrijuí que há três anos vêm participando do contrato de permuta de soja indústria por semente, terão uma novidade a partir desta safra. Em vez de receberem os 77 sacos de 50 quilos de semente em troca de 100 sacos de 60 quilos de soja indústria, entregues por ocasião da colheita como vinha ocorrendo desde a implantação da sistemática, estarão recebendo de agora em diante 78 sacos de semente. Afora esta alteração, que visa apenas beneficiar o produtor, a sistemática de contrato vai funcionar nos mesmos moldes dos anos anteriores.

Essa alteração na mecânica de funcionamento do contrato de permuta, segundo o Francisco Tenório Falcão Pereira, agrônomo e coordenador da área de sementes da Cotrijuí, só foi possível graças a boa aceitação que o mesmo vem obtendo junto ao quadro social da Cotrijuí. Só na safra anterior, por exemplo, 966 produtores, desde Tenente Portela até a Unidade de Jóia andaram trocando produto indústria por semente numa operação que envolveu um total de 54.164 sacos de sementes "e sem que precisassem dispender qualquer quantia de dinheiro", reforça o agrônomo. "Não ter que mexer em dinheiro para comprar sementes para o plantio já é uma tranquilidade para o produtor.

Ele sabe que a sua semente está bem guardada e garantida pela Cooperativa.

### MUITAS VANTAGENS

Inúmeras, segundo o Francisco Pereira, são as vantagens que o associado tem ao optar pela troca de produto indústria por semente. Ele estará garantindo, para a época de formação da lavoura de soja, semente fiscalizada, padronizada, com atestado de garantia e sem qualquer mistura varietal. Não terá de desembolsar dinheiro na hora da retirada da semente da Cooperativa, mesmo que o preço da mesma seja superior ao da época da realização do contrato. Além desses benefícios, o associado precisa considerar que ele tem toda uma infraestrutura no que se refere a tecnologia empregada na produção e armazenagem de semente na sua Cooperativa e que precisa ser melhor aproveitada. Deixando a semente em casa, ele está sempre correndo algum risco de perdas. Esse sistema, reforça o agrônomo, nada mais é do que o produtor guardar a sua semente, só que em vez de armazenar em casa, ele deixa nos armazéns da Cooperativa. Esse contrato de permuta de produto indústria por semente é válido apenas para a soja.

As propostas para a troca de soja indústria por semente poderão ser feitas em todas as Unidades da Cotrijuí, Região Pioneira, até o dia cinco de abril.

## Comunidade de Pinhal recebe ambulatório

O domingo, 10 de março foi um dia de festa para a comunidade de Pinhal, em Ajuricaba. Uma antiga reivindicação da comunidade estava sendo atendida com a colocação em funcionamento do Centro Rural de Atendimento à Saúde. Na festa de inauguração que aconteceu na sede social da igreja, além de representantes da comunidade, representantes eleitos da Cooperativa, também estiveram presentes o prefeito de Ajuricaba, Victor Zanatta, o vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Drews, o Gerente daquela Unidade, José Constantino Dalmás, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Luiz Ottonelli e enfermeira coordenadora do Projeto de Saúde Comunitária, Cledis Ottonelli.

O prefeito Victor Zanatta elogiou a equipe que trabalhou unida e teve a coragem, "num trabalho de vanguarda", de tocar o projeto de Saúde Comunitária em frente. "Nós, da comunidade, temos que nos unir e dar forças a esse trabalho que vem sendo realizado dentro da área de saúde". O vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Drews, foi mais longe e disse que o município de Ajuricaba vem dando exemplos de organização na área de saúde comunitária. "O trabalho não é fácil, pois sua sobrevivência depende de recursos,

mas o importante é que o homem começa a ser colocado em primeiro lugar. O homem só tem condições de trabalhar se realmente tiver saúde".

Luiz Ottonelli lembrou o início dos trabalhos para implantação do Centro de Saúde, as reuniões com as lideranças e o crescimento da comunidade a partir do momento que decidiu trabalhar organizada. "O Centro de Saúde é uma reivindicação e uma conquista da comunidade". Antes da visita ao Centro de Saúde, as autoridades presentes fizeram a entrega de certificados aos oito agentes de Saúde Comunitária. Estes agentes receberam um treinamento prático-teórico de 360 horas/aulas.

### ATIVIDADES BÁSICAS

O Centro de Saúde funciona durante toda a semana, sendo que às terças-feiras, pela parte da tarde, o médico Roberto Leite Garcia presta atendimento com consultas e receituário. Nos demais dias da semana o atendimento às pessoas da comunidade é feito por uma agente de saúde. Entre as atividades básicas do Centro, o agente de saúde tira a pressão arterial, verifica a temperatura e pulso, aplica injeções, realiza curativos e o mais importante, presta todo o tipo de orientação sobre saúde comunitária.



Na entrega do ambulatório à comunidade, a presença das autoridades

# Os óleos de quem conhece máquinas agrícolas. Você e a Shell.



Todo agricultor sabe que deve tratar bem as máquinas, como se trata a terra. Porque a terra depende delas para produzir. Rimula é o óleo da Shell que ajuda você a colher mais soja, milho, algodão, café. E ajuda a preservar seu patrimônio. Rimula dá melhor desempenho para as máquinas, protege o motor e prolonga sua vida por muitas e muitas colheitas.

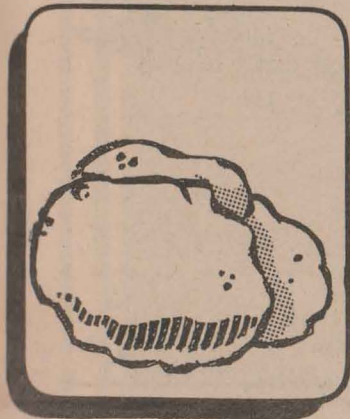


Você pode confiar



# LAVOURA DO MÊS

É hora de implantar espécies que dêem cobertura de solo no pomar durante o inverno. O trevo e a ervilha são duas espécies disponíveis.



## BATATA

As áreas implantadas com batatas na segunda quinzena de fevereiro e primeiros dias de março estão se desenvolvendo bem, apesar de períodos de estiagens que retardam o crescimento. A sanidade das lavouras é boa e se continuarem os dias com alta luminosidade e noites com temperaturas baixas, tem-se a combinação ideal para a maior produtividade das lavouras.

Aos produtores que não cultivaram batata nesta safirinha, recomenda-se que observem o desempenho das lavouras neste ano para, eventualmente, se dedicarem a este cultivo nesta época nos próximos anos.

## ALHO

A primeira preocupação do produtor antes de se dedicar ao cultivo de alguma atividade agrícola, é a perspectiva de obter resul-

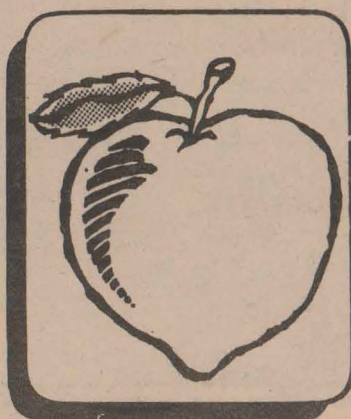


tado positivo do capital e trabalho aplicados.

As informações disponíveis até esta data sobre o mercado do alho para próxima safra são favoráveis, devendo diminuir as importações, o que deverá resultar em melhores preços ao produtor. Aos produtores que estiverem cultivando alho pela primeira vez, recomenda-se buscar junto ao Departamento Agrotécnico as informações básicas para formação de uma boa lavoura.

Aos produtores tradicionais, também recomenda-se um contato com o Departamento Agrotécnico para se informarem sobre novas técnicas de tratamento de sementes, pois esta prática é essencial para aumentar o nível de produtividade da lavoura.

As variedades Roxo e Portela continuam disponíveis em todas as Unidades



## FRUTIFERAS

Um fato a destacar, é a boa produtividade que apresentaram as macieiras nesta safra, mesmo as plantas que não mereceram atenção ou tratamentos especiais. Ressaltamos um aspecto citado na edição anterior, que nesta época o caquizeiro é uma das únicas frutíferas em plena produção, fornecendo um alimento saudável e de baixo custo.

A cobertura do solo é um aspecto fundamental, e esta é a época oportuna para a implantação das espécies de inverno, ou seja, plantas que crescem durante o inverno e no período de verão passam em forma de cobertura de palha. As espécies que têm dado bons resultados são principalmente os trevos e também a ervilhaca, sendo que a Cooperativa dispõe destas se-



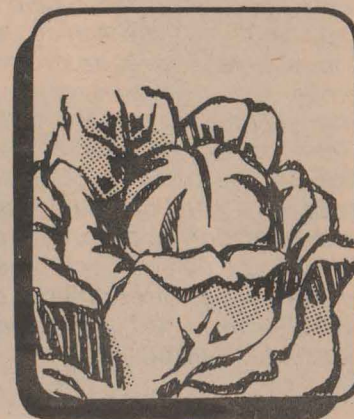
mentes e fornece assistência necessária à sua correta implantação pelos associados.

## CEBOLA

Alguns produtores que semearam cebola no cedo já estão com as mudas em pleno desenvolvimento e a sanidade é muito boa. O período atual é excelente para semeadura de cebola, lembrando-se que o solo do canteiro deve ser bem preparado. A utilização de água quente para desinfetar o solo é uma prática que pode favorecer o desenvolvimento das mudas.

Na horta módulo familiar, para o plantio de 4.000 mudas de cebola, são necessárias 20 a 30 gramas de semente.

Aos produtores que queiram plantar em escala um pouco maior, lembra-se que na região normalmente se tem obtido 300 kg de cebola para cada 100 gramas de semente. Com esta relação se pode programar



## HORTALIÇAS DIVERSAS

O mês de abril é um período de intensa atividade na horta. Nesta época pode ser semeada a maioria das hortaliças, conforme pode ser visto no quadro desta página.

As semeaduras nesta época já não necessitam de tantos cuidados especiais para proteção do calor e normalmente tem bom desenvolvimento. É importante lembrar que para manter a produção constante na horta, não adianta fazer plantios somente nesta época e sim repartir por todo o ano, sendo que esta é a razão que apresentamos o quadro de semeadura nesta página, para o produtor distribuir a produção de acordo com o consumo.

### QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Boi e Matzukase				12 m2 Matzukase Chumbinho				12 m2 Matzukase Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Kagraner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 plantas Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rabanete, Rúcula, Cenoura e Repolho

Compre sementes de acordo com a área e o número de plantas que desejar cultivar

Alface	950 sementes/grama
Beterraba	67 sementes/grama
Cebola	310 sementes/grama
Cenoura	720 sementes/grama
Couve-flor	380 sementes/grama
Ervilha	4 sementes/grama
Rabanete	110 sementes/grama
Repolho	280 sementes/grama
Rúcula	650 sementes/grama

### VENDE-SE

Uma colheitadeira usada, mas em bom estado de conservação e funcionamento. Preço equivalente a 800 sacos de soja. Contatos pelo fone: 332-2838.

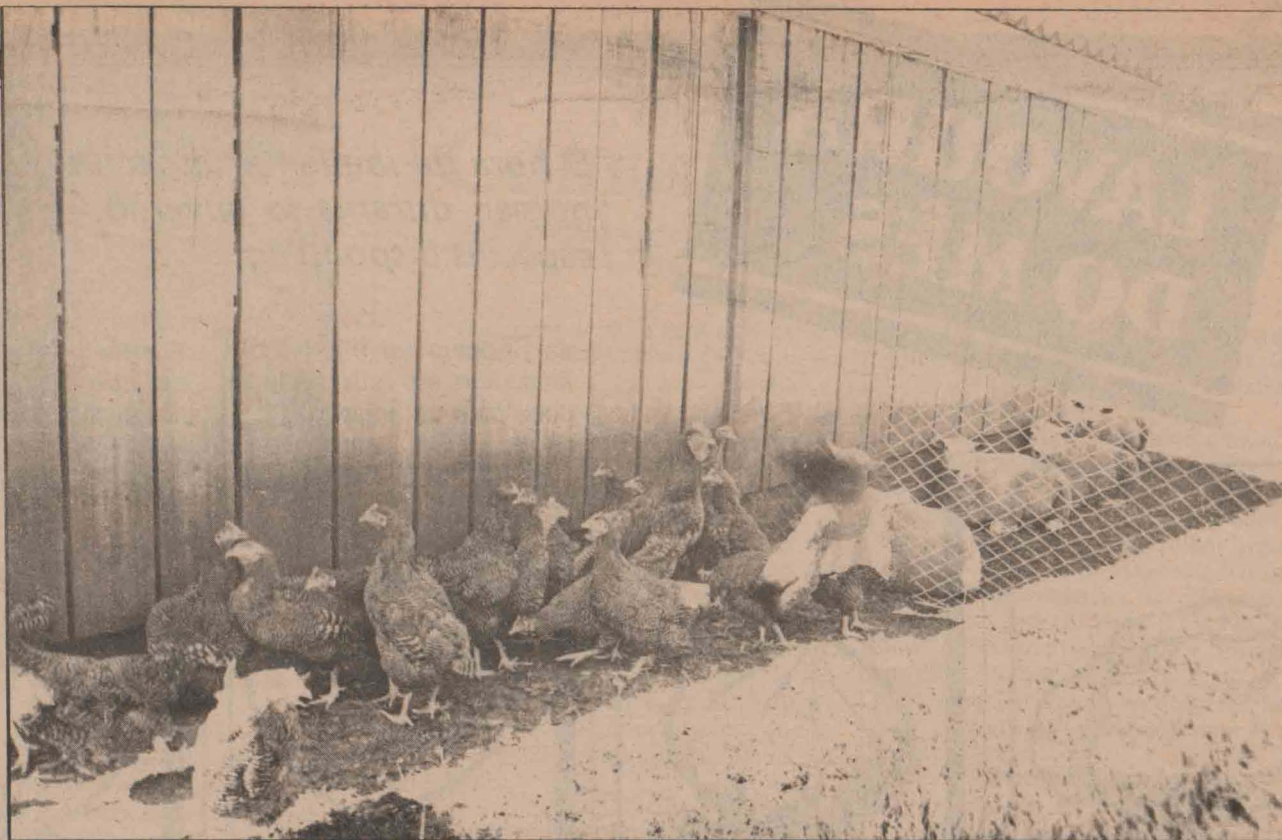


COTRIEXPORT  
CORRETORA DE  
SEGUROS LTDA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras  
1513 - fone: 332-1914  
ou 332-3765 ramal 364



A galinha colonial, que perdeu espaço para as aves híbridas nos últimos anos, está voltando aos poucos a fazer parte de criações, na Região Pioneira da Cotrijuí. O estímulo para que isso aconteça está sendo dado desde 1982, pelo Departamento Agrotécnico da Cooperativa, através do projeto de criação semi-extensiva de aves, em desenvolvimento no Centro de Treinamento localizado em Augusto Pestana. O projeto, iniciado com um reduzido plantel de quatro galinhas e um galo, oportunizou no primeiro ano de distribuição de aves — completado agora, em março — o fornecimento de 4.870 pintos e 120 galos e frangos a associados da Cotrijuí.



As carijs em pastagem podem ter a mesma produção de ovos das galinhas híbridas em confinamento

## A volta da galinha crioula

Projeto do Centro de Treinamento estimula a substituição de aves híbridas por rústicas

Hoje, o plantel do CTC é de 1.140 aves (galinhas, galos, frangos e frangas de reposição), das raças Plymouth Rock Barrada, popularmente conhecida como carijs, e New Hampshire, uma espécie vermelha, que ocupam área de um hectare. São raças puras de galinhas coloniais, com boa rusticidade, adaptadas às condições da região, e que servem tanto para a produção de carne como de ovos. O projeto vem crescendo, ano a ano, mas mesmo assim a produção de pintos não atende à demanda, pois é grande o interesse do produtor.

### DEPENDÊNCIA

O agrônomo João Klohn, que coordena o trabalho, lembra que a idéia de multiplicação de galinhas crioulas surgiu da necessidade de se eliminar, ou pelo menos reduzir, a dependência criada pelas aves híbridas. "A avicultura — diz ele — se transformou numa atividade cara, em decorrência do uso de tecnologia trazida de outros países". Os produtores passaram a depender dos pintos híbridos de um dia que são exigentes em alimentação, medicamentos e manejo, exatamente por não ter rusticidade. Com as galinhas crioulas, os custos de uma criação são reduzidos em todos os aspectos.

A área de um hectare ocupada pelo projeto no CTC foi dividida em piquetes, onde a base da alimentação das aves é a pastagem (bermuda, trevo yuchi, trevo branco, quicuí). Esses piquetes são utilizados num sistema de rodízio (veja abaixo), em que é importante o pastoreio de ovelhas, para que o pasto se mantenha baixo e beneficie a alimentação das galinhas. A ração é usada apenas como complemento, numa média de 60 a 70 gramas por dia, por ave. Altamir Antonini, administrador do CTC, lembra que uma galinha em confinamento, para produção comercial de ovos, necessita por dia de 120 gramas de ração.

### BOA POSTURA

Este aspecto é enfatizado, já que a ração é o item que mais pesa nos custos da avicultura. Mas, apesar de utilizar a ração apenas como complemento, a galinha carijs não perde para uma de raça híbrida em produção. Em 10 meses, as carijs do CTC produziram em média 220 ovos cada uma. Isso praticamente se equivale à produção média de uma galinha híbrida, que tem uma postura de 240

ovos por ano. Vale lembrar ainda que a ração complementar pode ser feita na propriedade, com o uso do farelo de soja, farinha de carne, milho e calcário.

João Klohn observa que a intenção da Cotrijuí, ao estimular a criação de galinhas carijs, não deve ser vista como um incentivo à formação de grandes criações comerciais. A idéia básica é a de viabilizar a avicultura doméstica, com a eventual venda de excedentes, como muitos produtores já vêm fazendo. Ele ressalta que, além de reduzir custos, com um plantel de galinhas crioulas o produtor tem a vantagem de poder dispor da reprodução, dispensando a compra de pintos híbridos.

### QUALIDADE

Mesmo que as aves híbridas possam se reproduzir, como afirma o agrônomo, isso não é recomendável, porque a qualidade da criação ficará comprometida em pouco tempo. Haverá um refinamento da raça, e a segunda geração de fêmeas terá uma menor produção. Os machos igualmente não terão o mesmo porte. Isso também acontece com outros animais

híbridos e com alguns grãos. A galinha crioula, no entanto, com raças puras, pode se reproduzir, sem que a qualidade do plantel seja comprometida.

O CTC produz atualmente em torno de 600 pintos por mês, mas no período de maior postura, entre julho e dezembro, este número pode chegar a 1.500. Há no Centro de Treinamento uma incubadora, que agiliza esse processo de produção, mas mesmo assim a oferta de aves não atende a procura. Os pintos estão sendo vendidos a Cr\$ 2.200 a associados da Cooperativa, em todas as unidades, sem que haja uma separação de fêmeas e machos. Esse é mais ou menos o preço de uma fêmea de pinto híbrido para postura. Os produtores interessados devem se inscrever em suas unidades.

### ENTRESSAFRA

O entreposto de hortigranjeiros da Cotrijuí comercializa ovos coloniais, e registrou no ano passado um aumento na entrega do produto, em relação a 1983. Foram recebidas cerca de 50 mil dúzias, procedentes especialmente de Ajuricaba.

Já os ovos de granja, de galinhas híbridas, totalizaram 450 mil dúzias. Só que desde dezembro o entreposto não recebe ovos coloniais, pois no mês de novembro se iniciou a entressafra, que se estende até junho.

Por isso, segundo Nelci Baroni, gerente do entreposto, a oferta de ovos de colônia é instável. As galinhas crioulas produzem mais entre julho e novembro, por que este é o período em que os dias têm luminosidade crescente, o que estimula a produção de hormônios das aves e aumenta a postura. Sem excedentes, com a queda na produção, não há ovos em oferta fora desta época. Nos aviários, se recorre à luz artificial, para que a produção se mantenha estável o ano todo.

### DURAÇÃO

Além da oferta ser irregular, durante o ano, o ovo colonial enfrenta outro obstáculo para se firmar no mercado. Ele carrega a fama de ter um tempo de duração menor que o ovo de aviário. A verdade é que não há provas de que o ovo de galinha híbrida dure mais que o colonial, como observa o agrônomo João Klohn. A fama negativa foi conquistada em função de um antigo problema: a entrega de ovos da colônia não é constante, como nos aviários, e assim muitos ovos de vários dias vêm misturados a outros mais frescos.

Atualmente, não há ovo colonial em oferta no entreposto, e os 100 produtores que regularmente entregam excedentes à Cotrijuí, durante a safra, só retornarão ao mercado em julho. Se tivessem o que vender, eles receberiam Cr\$ 2 mil pela dúzia, segundo Baroni, que considera este um bom preço. De qual-

quer forma, o ovo colonial — até por causa de sua aparência e tamanho — continua valendo menos que o ovo de galinha de granja, pois é vendido com preço 30 por cento mais baixo no varejo. Tudo por causa das misturas de ovos novos e velhos, que talvez deixem de existir com o aperfeiçoamento da atividade, em função do próprio mercado.

## Um modelo de criação

A pastagem é o componente mais importante numa criação semi-extensiva de galinhas crioulas, e por isso não deve faltar no inverno e no verão. Os piquetes podem ter cada um 1.600 metros quadrados (40 por 40) metros, com uma lotação de mais ou menos 80 galinhas. Com um piquete dividido ao meio, o produtor poderá fazer esse rodízio na área, aproveitando ovelhas para o pastoreio. A galinha gosta de pasto baixo e tenro, e com esse pastoreio a pastagem estará sempre em condições de fornecer a melhor alimentação para as aves.

João Klohn e Altamir Antonini lembram que deve existir um galo para cada lote de 8 a 10 galinhas. Junto aos piquetes deve ser construído um abrigo, para a postura e posada das aves. Os abrigos, com poleiros, precisam de um ninho para cada quatro galinhas. O ideal também é que a área escolhida tenha árvores, que propiciem sombra.

É claro que muitos produtores preferem deixar as galinhas soltas na pastagem que serve de alimentação ao gado.

Mas de qualquer forma elas precisam de abrigo. É importante também exercer controle sobre a sanidade da criação, principalmente com medidas preventivas, como a vacinação contra o tifo e a cólera. Os pintos distribuídos pelo CTC já são vacinados contra a New Castle, uma doença que recentemente atacou alguns aviários.



Antonini e Klohn: buscando reduzir custos





SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

## Volta às aulas

Março é o mês do reinício das aulas. Acabaram-se as férias e um novo período escolar começa. Colegas novos, novos professores, tudo isso nos dá ânimo e vontade de começar de novo.

Você sabe que existem cuidados que você deve tomar com sua saúde, para que seu corpo funcione bem. Estes cuidados devem ser redobrados quando você estuda.

O sono é um elemento essencial em nossas vidas. Através dele, nós repomos as energias gastas durante o dia. Por isso é fundamental que a gente durma pelo menos 8 horas por noite. É o mínimo que nosso corpo necessita para enfrentar o dia.

A alimentação também é muito importante. O café da manhã é indispensável, pois seu corpo passou muitas horas sem se alimentar. E se você estuda de manhã, não esqueça de levar uma merenda para a escola.

Procure fazer suas refeições no horário, sem exageros alimentares.

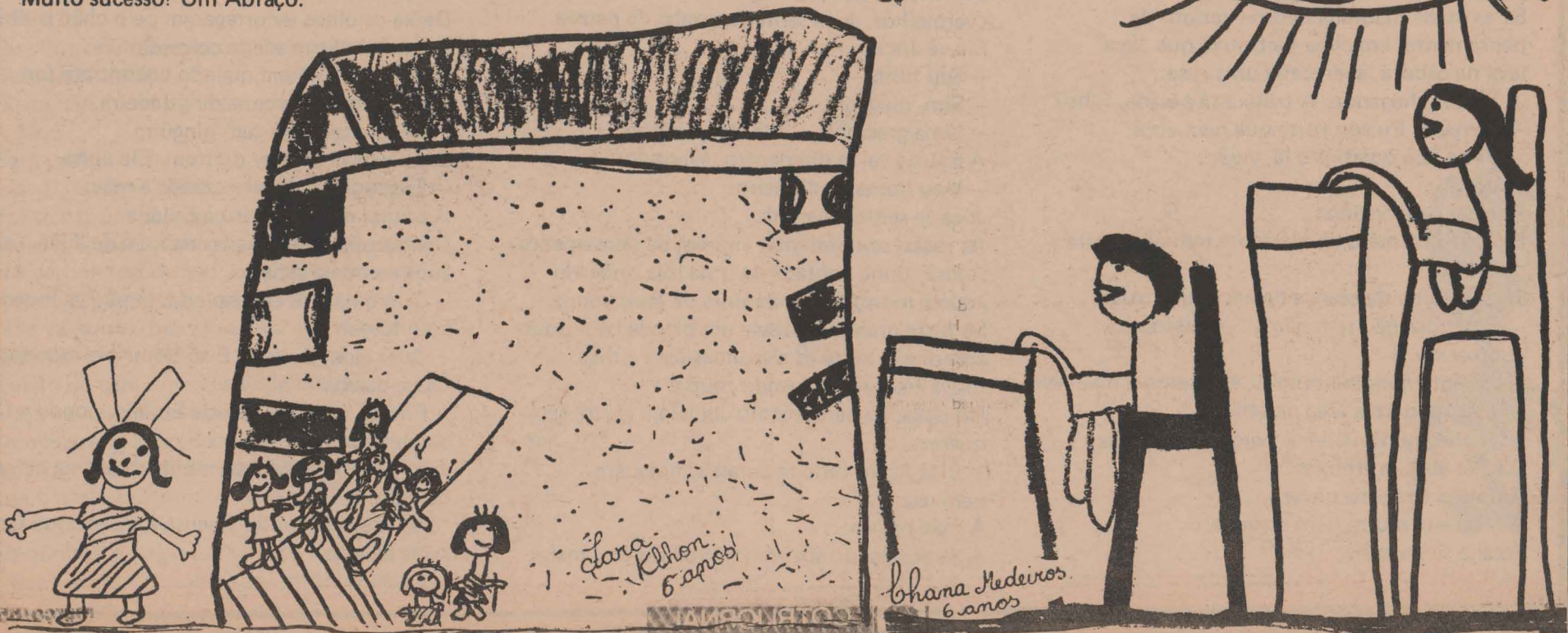
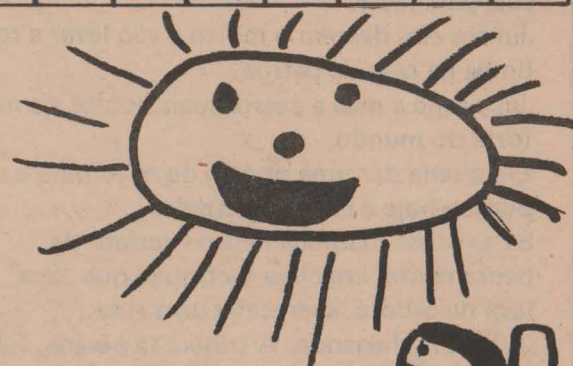
Evite ao máximo comer guloseimas na merenda. Balas e doces, além de não possuírem quase nenhum valor nutritivo, provocam cáries em seus dentes.

Não esqueça também, que além da responsabilidade com suas tarefas escolares, você tem responsabilidade com sua saúde. Por isso, dedique também um tempo para o seu lazer. Muito sucesso! Um Abraço.

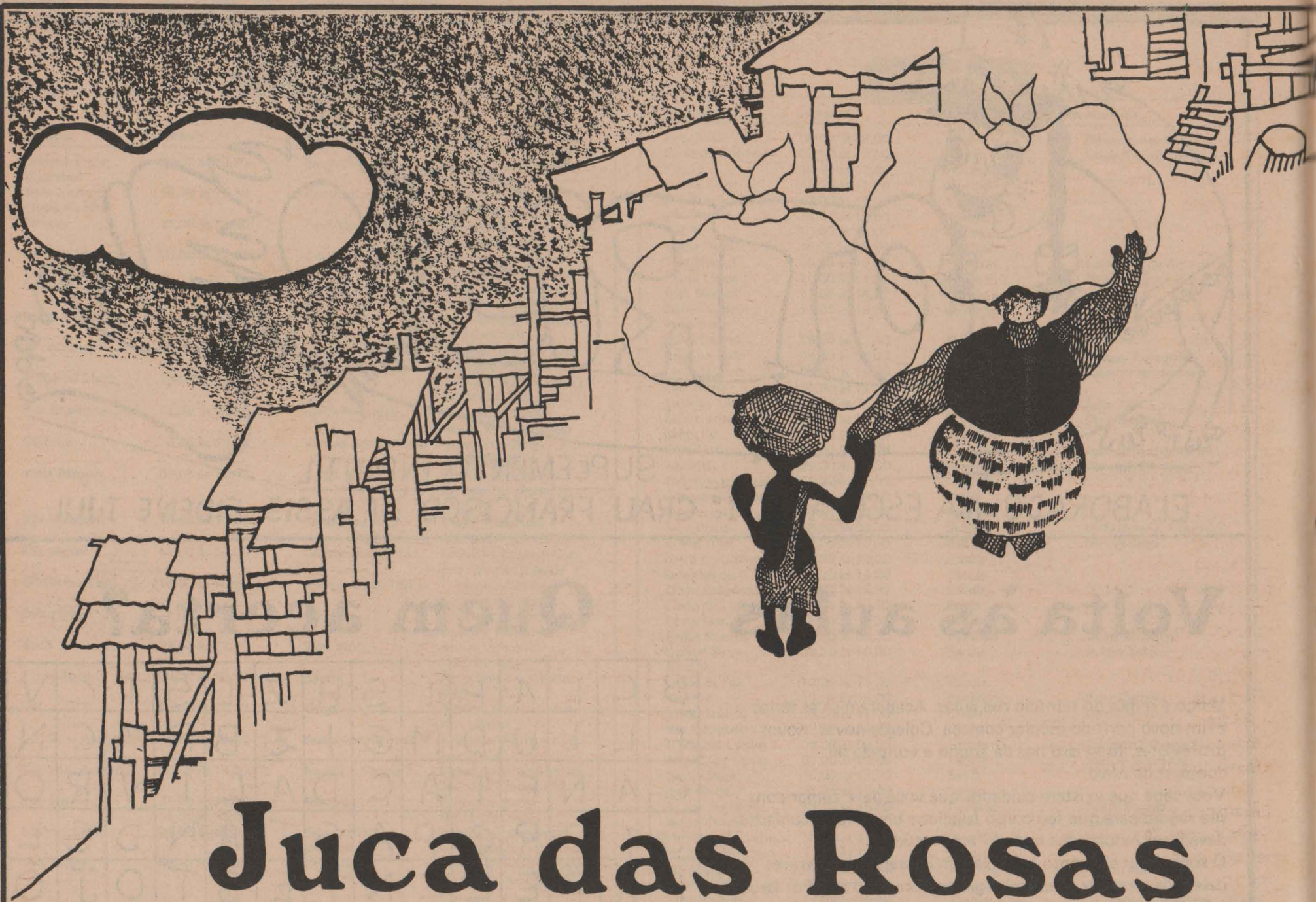
## Quem acerta?

B	C	L	Á	P	I	S	H	Z	I	S	T	C	V
F	L	I	U	D	M	G	I	Z	B	R	M	C	N
C	A	N	E	T	A	C	D	A	L	I	V	R	O
S	T	D	R	G	P	A	S	T	A	N	D	S	L
P	A	P	E	L	C	N	T	E	S	T	O	J	O
V	C	T	I	N	T	A	N	T	B	R	C	L	S
D	T	V	P	I	N	C	E	L	V	M	T	S	D
G	R	C	N	Ç	R	V	C	A	D	E	R	N	O
D	G	B	O	R	R	A	C	H	A	X	G	D	Ç

No quadro acima existem 11 nomes de materiais utilizados na escola. Tente encontrá-los.







# Juca das Rosas

Lúcia Miners

Flávio A. Souto — ilustrações

Juca mora na favela.  
 Ele é filho da lavadeira Eulália.  
 Juca está sempre atrás da mãe.  
 Juntos eles sobem o morro para levar a roupa suja para lavar.  
 Juntos eles descem o morro e vão levar a roupa limpa na casa da patroa.  
 Juca acha a mãe a pessoa mais bonita e a mais forte do mundo.  
 Ele queria dar uma porção de rosas para a mãe, porque hoje é aniversário dela.  
 Se existisse máquina de tirar retrato de pensamento, em cima da trouxa que Juca leva na cabeça, apareceria uma rosa.  
 — Tamos chegando. A trouxa tá pesada, filho?  
 — Tá nada! Eu sou forte que nem você!  
 — Vê se fica quietinho lá, viu?  
 — Viu.  
 Entram pela cozinha.  
 Em cima da mesa de mármore tem uma cesta de frutas.  
 Juca olha, na esperança de encontrar rosas:  
 — É... rosa não tem não... — descobre aborrecido.  
 Juca senta num banquinho, enquanto a mãe leva as trouxas para a área de serviço.  
 — Já chegou, Eulália? — pergunta a patroa.  
 Eulália abre as trouxas.  
 A patroa tira uma blusa:  
 — Não está muito bem passada...  
 Eulália se encolhe:

— É que a roupa tem que vir nas trouxas... Se eu pudesse passar aqui, garanto que ia ficar bem melhor...  
 — Claro. Só que, nesse caso, eu teria que lhe pagar menos. É mais despesa com luz, conserto de ferro, tábua de passar... Acaba saindo uma fortuna!  
 Juca ouve a conversa.  
 Seus pensamentos foram embora faz tempo.  
 A patroa lhe parece vestida demais, cheirosa demais, o rosto pintado de muitos verdes, azuis e vermelhos. Juca sente vergonha da patroa.  
 Ela vê Juca?  
 — Seu filho?  
 — Sim, madame.  
 — Uma gracinha! — diz ela, sem sorrir.  
 A patroa vai lá pra dentro, avisando:  
 — Vou buscar o dinheiro.  
 Juca se sente amarrado.  
 As rosas, seu presente, viraram de pensamento.  
 Agora, tinha vontade de ir na loja onde viu aquele montão de máquinas de lavar roupa.  
 Se fosse grande e tivesse um bigode bem preto compraria todas as máquinas para a mãe.  
 Ela ia ficar rica, lavando roupa.  
 No meio do pensamento Juca fala tanto, sem querer:  
 — Elas ficam tudo lá paradas, ninguém nem usa...  
 A mãe brinca:  
 — Já tá falando sozinho, filho? Eu fico mais

velha e você fica gagá?  
 Juca ia brincar também, mas a patroa volta e a brincadeira derrete na língua.  
 Juca ficou parado, esperando o que a patroa ia dizer ao ouvir falar no aniversário.  
 Mas ela não fez nada.  
 Ela e Eulália se afastam e começam a fazer contas.  
 Decepcionado, Juca deixa os olhos passearem pelo fogão enorme, pelos ladrilhos desenhados nas paredes.  
 Deixa os olhos escorregarem pelo chão brilhante, subindo pela geladeira colorida.  
 Seus olhos brilham quando encontram um pinguim bem em cima da geladeira.  
 — Ih! Ela também tem pingüim...  
 Juca resolve brincar de trem. Ele apita.  
 — Fica quieto, Juca! — zanga a mãe.  
 A patroa dá o dinheiro à Eulália.  
 Depois põe duas moedas na mão de Juca.  
 Juca sacode a cabeça:  
 — Quero não! E encabulado, segura as moedas com força.  
 — Quer café, Eulália? É só botar pra esquentar — fala a patroa.  
 — Precisa não — responde Eulália, pondo a cafeteira no fogo.  
 Juca olha o café dando cambalhotas na cafeteira de vidro.  
 “Vai explodir tudo!”, pensa e se esconde rápido atrás da mãe.



Eulália entende.

Da primeira vez que viu a cafeteira de vidro, também teve medo.

Levou tempo para acreditar que um vidro pode ser posto no fogo, sem explodir.

— Bonito, né filho, o café dançando no vidro de ir no fogo?

— Pode ir no fogo?

— Não tá vendo?

A patroa vai e vem levando a roupa.

Eulália arruma as xícaras.

A patroa levanta as sobrancelhas:

— O menino toma café? Faz mal pros nervos.

— Ele tá acostumado.

Eulália põe café na xícara e oferece à patroa.

— Não, pra mim não. O médico me recomendou tomar café só uma vez por dia.

Juca vai bebendo o seu café.

Ele está aflito pra ir embora, mas tem vontade de andar pela casa toda.

— Tá gostando, Juca? — pergunta a mãe.

— Tô, sim — responde sem jeito, olhando enviesado, para a porta de serviço.

Eulália também não se sente à vontade.

Não sabe como se despedir.

O telefone toca na sala.

A patroa quase grita:

— O telefone! Até loguinho, Eulália! Fecha a porta quando sair.

— Tá bem, madame. Até pra semana.

Eulália fica um pouco parada. Depois lava as xícaras, pondo-as com cuidado sobre a pia.

— Vamos, Juca!

Ele suspira aliviado quando pisa na rua.

Sente o coração desapertar devagarinho, como sente os pés ao tirar os sapatos na subida do morro.

— Mãe, máquina de lavar é caro?

— Uma fortuna!

— A dona vai comprar máquina de lavar, mãe?

— Bate na boca, menino! Se ela comprar máquina, babau emprego de Eulália!

Juca entende a mãe e muda rápido de pensamento. Lembra do seu Juventino. A essa hora, ele deve estar arrumando as cestas com as flores que vai vender na rua.

Juca olha as moedas:

— Dá pra duas rosas. Será que a mãe vai gostar?

Bem que queria ser grande e dar muitas máquinas de lavar para ela.

— Crescer custa? — pergunta.

— O quê, filho?

— Crescer, demora muito?

A mãe ri:

— Que que essa cabecinha tá inventando?

— Responde, mãe!

— Custa não. Você vai ficar grande e com um bigodão.

— Bem preto!

— Isso aí. Menino bobo, quer crescer pra quê?

— Pra te dar um presente.

— Menino bobo! — ela repete, toda derretida.

Perto do barraco do seu Juventino, Juca sai correndo, fingindo que vai pro outro lado.

— Não vai sumir, hein Juca? Já vou esquentar a comida.

No meio do caminho, ele ainda escuta:

— Hoje vai ter guaraná, viu?

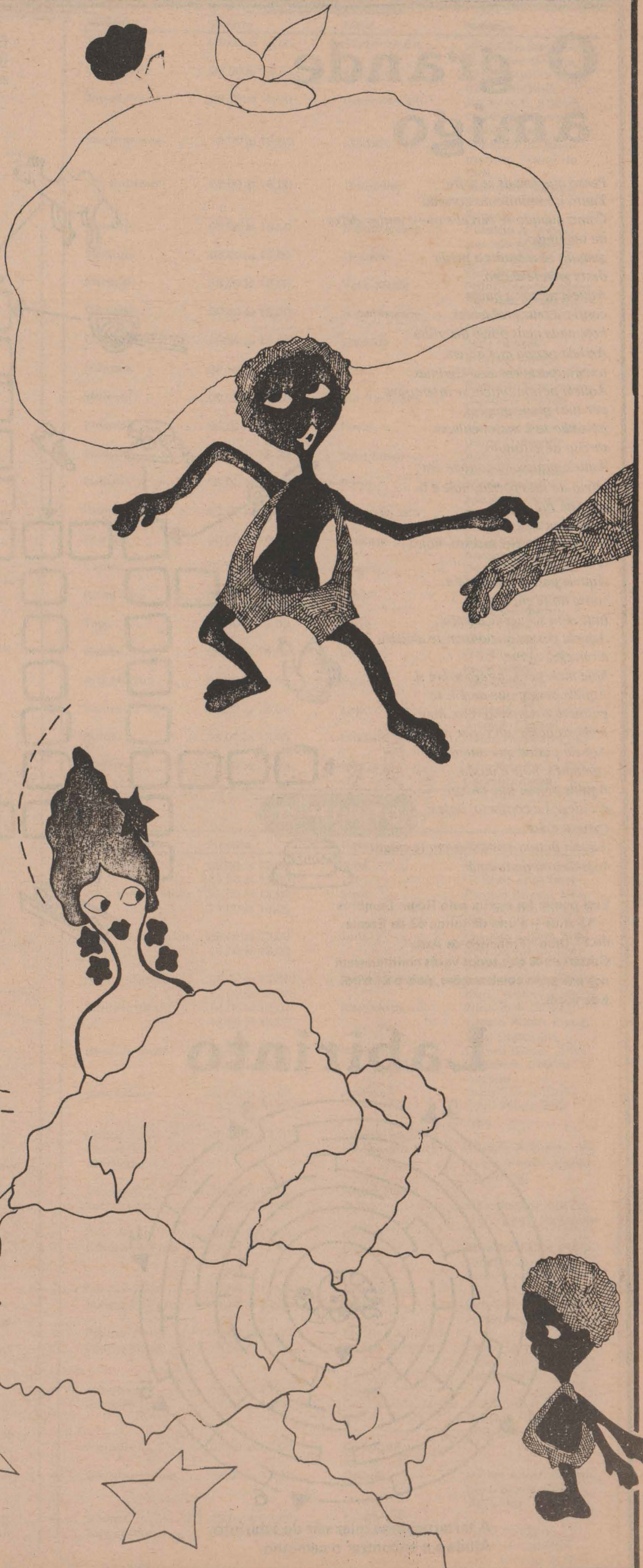
As moedas estão molhadas de suor.

Logo, logo, Juca vai dar as flores para a mãe.

Sente o gosto do guaraná na boca.

A mãe já vai longe.

Juca diminui o passo para cantar uma música de ficar contente, que ele vai inventar agora.





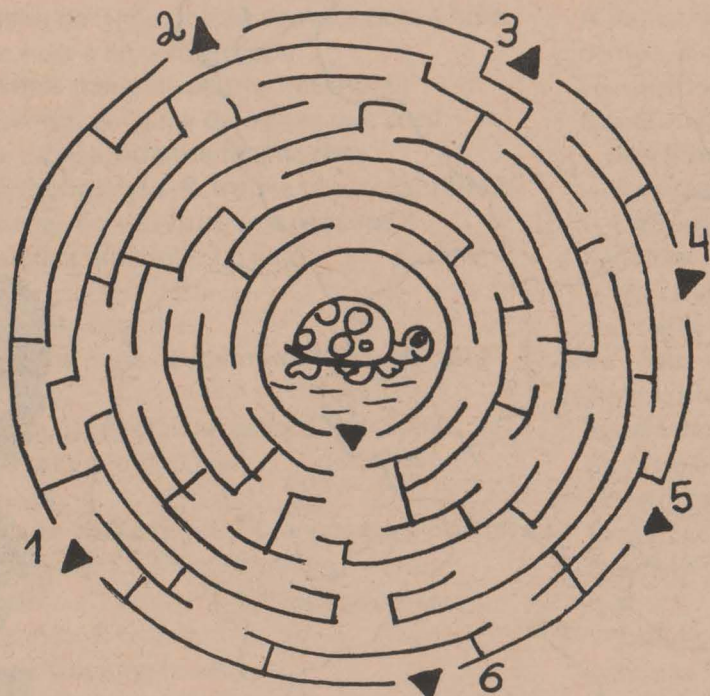
# O grande amigo

Penso que jamais se sofre  
 Tanto no infinito do coração  
 Como quando se percebe que o amigo deixa  
 de ser amigo,  
 quando se constata a perda  
 deste grande amigo.  
 Aquela pessoa a quem  
 confiava teus problemas,  
 hoje nada mais posso dizer-lhe.  
 Aquela pessoa que ontem  
 tomava parte em suas lágrimas.  
 Aquela pessoa ontem se interessava  
 por tuas preocupações,  
 hoje não tem mais nenhum  
 sorriso de estímulo.  
 Aquela pessoa que ontem era  
 alívio de tuas pernas, hoje é o  
 peso de tua dor.  
 Aquela pessoa que ontem se  
 alegrava com teu sucesso, hoje  
 ri do teu fracasso.  
 Aquela pessoa que ontem  
 sorria ao te encontrar,  
 hoje nem sequer te abraça.  
 Aquela pessoa que ontem te ajudava  
 a carregar a cruz,  
 hoje mais peso carrega sobre si.  
 Aquela pessoa que ontem te  
 ensinava o caminho reto, hoje  
 fecha as portas ao ver-te passar.  
 Aquela pessoa que ontem era  
 esperança, hoje é ilusão.  
 Aquela pessoa que ontem  
 era alegria e conforto, hoje é  
 tristeza e dor.  
 Aquela pessoa que era quem te amava,  
 hoje deixou de te amar.

Esta poesia foi escrita pelo Roger Dambrós  
 - 13 anos - aluno da turma 62 da Escola  
 de 1º Grau "Francisco de Assis".  
 Gostaríamos que todos vocês continuassem  
 nos enviando colaborações, pois o Cotrisol  
 é de vocês.

Escreva o nome de cada figura na direção  
 indicada pela seta. Um nome já está  
 escrito como exemplo.

# Labirinto



A tartaruginha quer sair do labirinto.  
 Ajude-a a encontrar o caminho.

